UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

MARIA LUIZA GONZALEZ RIESCO

DO ORGULHO À RESIGNAÇÃO:

EDUCAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE OBSTETRIZES FORMADAS PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

SÃO PAULO
2008

MARIA LUIZA GONZALEZ RIESCO

DO ORGULHO À RESIGNAÇÃO:

EDUCAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE OBSTETRIZES FORMADAS PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Tese apresentada à Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para o Concurso de Livre-Docência junto ao Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica

SÃO PAULO

2008

Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca "Wanda de Aguiar Horta"
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Riesco, Maria Luiza Gonzalez.
Do orgulho à resignação: educação e atuação profissional de obstetrizes formadas pela Universidade de São Paulo. / Maria Luiza Gonzalez Riesco. – São Paulo, 2008.
186 p.

Tese (Livre-docência) - Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

1. Enfermagem obstétrica (história) 2. Enfermeiras obstétricas (São Paulo/SP) 3. Educação (Enfermagem). 4. Prática profissional I. Título.

A implementação desse projeto, premiado pelo concurso "Memória do Trabalho no Brasil", contou com financiamento da Petrobras, por meio do PRONAC (MinC).
Essa iniciativa faz parte do Programa Memória do Trabalho, uma realização do CPDOC/Fundação Getulio Vargas, com apoio institucional do Ministério do Trabalho e Emprego.

À Maria Lúcia Mott, por sua dedicação, ensinamentos e parceria no ensino e pesquisa da história da assistência ao parto e da profissão de parteira e obstetriz.

À Maria Alice Tsunechiro, exemplo de mestre e companheira na formação de enfermeiras obstétricas e obstetrizes.

Às professoras de enfermagem e obstetrícia que me ensinaram a ser parteira: Efigênia Brítez Fariña, Elsbeth Fürstenau Schlatter, Hisako Kajiyama, Maria Alice Tsunechiro, Maria do Carmo Lui, Maria Esperança de Marchiori Pedroso, Setsuko Takayama Tajiki.

Às obstetrizes entrevistadas nos projetos que compõem o acervo de depoimentos da futura "Biblioteca Virtual Lembranças do Nascimento: Atendimento ao Parto em São Paulo (1930-1980)".

Às parteiras e obstetrizes com quem convivi na vida profissional: Isaura, Delaide, Joana, Teresa, Gerty Ferreira Marques, Albertina Zaba, Cirene, Nair de Petta, Ivete Ollita, Argen Célia Luisa Verde Ortiz, Zuleika de Oliveira Lima Kaup, Maria de Lourdes Garcia de Andrade (Lurdinha), Angela Gehrke.

Às docentes da área de Enfermagem na Saúde da Mulher, do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

Às alunas da disciplina Formação da Obstetriz e Enfermeira Obstétrica: Evolução e Perspectivas, turmas de 1999-2004, do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

À Lívia Musse Bezerra, Marcello Batista Pimentel e Betânia Maria da Silva, da Secretaria do Departamento Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, pelo apoio e convivência.

DE VOLTA AO COMEÇO
Gonzaguinha

E o menino com o brilho do sol
Na menina dos olhos
Sorri e estende a mão
Entregando o seu coração
E eu entrego o meu coração
E eu entro na roda
E canto as antigas cantigas
De amigo irmão
As canções de amanhecer
Lumiar e escuridão
E é como se eu despertasse de um sonho
Que não me deixou viver
E a vida explodisse em meu peito
Com as cores que eu não sonhei
E é como se eu descobrisse que a força
Esteve o tempo todo em mim
E é como se então de repente eu chegasse
Ao fundo do fim
De volta ao começo
Ao fundo do fim
De volta ao começo

Riesco MLG. Do orgulho à resignação: educação e atuação profissional de obstetrizes formadas pela Universidade de São Paulo [tese livre-docência]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2008.

Este estudo tem como base o projeto "Lembranças do Nascimento: as parteiras e o atendimento ao parto na cidade de São Paulo (1930-1980)", realizado em parceria entre o Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo e a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), e faz parte de um projeto mais amplo sobre a "História dos Trabalhadores da Saúde". Teve como objetivo descrever e analisar a educação e atuação profissional de obstetrizes formadas pela Universidade de São Paulo, a partir da década de 1940, que exerceram na cidade de São Paulo. Trata-se de estudo de natureza qualitativa, com abordagem histórica. Do ponto de vista do metodológico, a principal aproximação teórica foi feita pela via da História Oral. As atas da Escola de Parteiras de São Paulo foram utilizadas como fonte documental. Seu conteúdo foi submetido à análise e interpretação, de modo a ampliar e enriquecer o conhecimento sobre a formação das obstetrizes diplomadas por essa instituição. As fontes orais foram entrevistas com dez obstetrizes, conduzidas mediante roteiro semi-estruturado, no período de 2000 e 2001. As entrevistas foram realizadas após consentimento livre e esclarecido; o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da EEUSP. Os critérios utilizados para a inclusão foram ser obstetriz formada pela USP e ter atuado na cidade de São Paulo. Foi adotada a análise de conteúdo temática, complementada com informações obtidas de fontes bibliográficas. O conteúdo das entrevistas foi classificado nos temas: **A Formação Profissional** e **A Trajetória Profissional**. O tema **Do Orgulho à Resignação** representa a síntese final da análise e interpretação dos dados. A análise documental e o relato das entrevistadas mostram que as exigências para ingresso foram crescentes, ao longo do tempo, até que o curso tornou-se de nível superior, em 1962. Quanto à escolha profissional, as obstetrizes destacaram o caráter vocacional e o apoio recebido da família. O saber reproduzido no curso era hegemonicamente masculino e médico, realizado por professores influentes na obstetrícia da época. As características do curso indicam rigidez pedagógica, rigor disciplinar, carga didática volumosa, valorização do ensino prático e dedicação docente. As relações entre alunas, professores e profissionais dos campos de estágio refletem a hierarquia estabelecida nos serviços de saúde. A formação recebida exerceu um peso muito grande no perfil das egressas. O exercício profissional das obstetrizes foi, principalmente, na assistência à mulher durante o parto. Atuaram em uma grande variedade de hospitais e maternidades privados ou filantrópicos e em alguns serviços da rede pública, incluindo o Serviço Obstétrico Domiciliar, na década de 1960. A partir dos anos de 1970, as obstetrizes e enfermeiras obstétricas sofreram um processo de exclusão da assistência ao parto, sendo substituídas por médicos. Esse processo foi concomitante ao crescente uso de intervenções no parto e de cesarianas. Os discursos revelam um encantamento com a profissão, que sobrevive ao sentimento de resignação pela "quase extinção" das obstetrizes, em São Paulo. É como se o sentimento de orgulho, latente em cada uma, reacendesse o brio que as acompanhou e acompanha, desde o dia em que decidiram que seriam parteiras, obstetrizes, enfermeiras obstétricas.

Palavras-chave: Enfermagem Obstétrica. Obstetrícia. História. Educação. Prática Profissional.

Riesco MLG. From pride to resignation: education and practice of midwives graduated at the Universidade de São Paulo [thesis]. São Paulo: School of Nursing, Universidade de São Paulo; 2008.

This study is based on the project "Birth Memories: midwives and birth attendance in the city of São Paulo (1930-1980)" conducted in partnership between the Health Institute of the Secretary of Health of the State of São Paulo and the School of Nursing of the Universidade de São Paulo (EEUSP) and is part of a larger project about the "History of Health Workers". The aim was to describe and analyze the education and practice of midwives graduated at the Universidade de São Paulo after 1940 and working in the city of São Paulo. This is a qualitative research with a historical approach. Regarding its methodology, the main theoretical approach is the Oral History. The proceedings of the Midwifery School of São Paulo were used as documental resources. Their contents were analyzed and interpreted in order to increase the knowledge about the education of the midwives graduated at this school. The oral resources were the interviews with ten midwives, conducted according to a partially structured form, between 2000 and 2001. The interviews were held after giving oral and written information to interviewees and receiving their voluntary consent; the project was approved by the Ethical Committee Research of EEUSP. The inclusion criteria were to be graduated at USP and to have practiced in the city of São Paulo. The analysis of thematic content was used, being complemented by bibliographic resources. Based on the content analysis the material was classified in the themes: **Professional Education** and **Professional Career**. The theme **From Pride to Resignation** represents the final synthesis of the data analysis and interpretation. The documental analysis and the testimonies show that the demands for application were increasing along the years, until the course became an university program, in 1962. Regarding the professional choice, the midwives pointed out vocational gift and family support. The knowledge reproduced in the course was essentially male and medical, given by influential professors in the obstetrics area at that time. The characteristics of this course indicate pedagogical rigidity, strict disciplinary, vast didactic load, importance of practical learning and the dedication of the professors and instructors. The relationship between students, professors and professionals of the services reflect the hierarchy established in the health area. The education received had a large influence in the profile of the alumni. The midwives professional practice consisted mainly in the care given during delivery at several private and some public hospitals and maternities, including the Home Obstetric Service, in the 1960s. After the 1970s, the midwives and nurse-midwives were being excluded from birth care and substituted by doctors. This process was concomitant to the increase in the interventions during delivery and cesarean births. The testimonies reveal an enchantment by the profession that survives the feeling of resignation due to the "almost extinction" of midwives, in São Paulo. It is as if the pride relights the dignity and self-reliance that has followed those that once decided to become midwives.

Key words: Midwifery. Obstetrics. History. Education. Professional Practice.

Riesco MLG. De la altanería a la resignación: educación y actuación profesional de obstetrizes formadas por la Universidade de São Paulo [tesis]. São Paulo: Escuela de Enfermería, Universidade de São Paulo; 2008.

Este estudio tiene como base el proyecto "Recuerdos del Nacimiento: las parteras y la atención al parto en la ciudad de São Paulo (1930-1980)", realizado en conjunto entre el Instituto de Salud de la Secretaría de Estado de la Salud de São Paulo y la Escuela de Enfermería de la Universidade de São Paulo (EEUSP), y es parte de un proyecto más amplio sobre la "Historia de los Trabajadores de la Salud". Tuvo como objetivo describir y analizar la educación y actuación profesional de obstetrizes formadas por la Universidade de São Paulo, a partir de la década de 1940, que ejercieron en la ciudad de São Paulo. Se trata de un estudio de naturaleza cualitativa, con abordaje histórico. Del punto de vista metodológico, la principal aproximación teórica se hizo por la vía de la Historia Oral. Se utilizaron las actas de la Escuela de Parteras de São Paulo como fuente documental. Su contenido fue sometido al análisis e interpretación, de modo a ampliar y enriquecer el conocimiento sobre la formación de las obstetrizes diplomadas por esta institución. Las fuentes orales fueron entrevistas con diez obstetrizes, conducidas según un guía parcialmente estructurado, en el periodo de 2000 y 2001. Las entrevistas fueron realizadas después del consentimiento libre y esclarecido; el proyecto fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación de la EEUSP. Los criterios utilizados para la inclusión fueron ser obstetriz formada por la USP y Haber actuado en la ciudad de São Paulo. Se adoptó el análisis de contenido temático, complementado con informaciones obtenidas de fuentes bibliográficas. El contenido de las entrevistas fue clasificado según los temas: **La Formación Profesional** y **La Trayectoria Profesional**. El tema **De la altanería a la resignación** representa la síntesis final del análisis e interpretación de los datos. El análisis documental y el relato de las entrevistadas muestran que las exigencias para acceder fueron crecientes, a lo largo del tiempo, hasta que el curso se convirtió al nivel superior, en 1962. En cuanto a la opción profesional, las obstetrizes destacaron el cuño vocacional y el apoyo recibido de la familia. El conocimiento reproducido en el no curso era hegemónicamente masculino y médico, realizado por profesores influyentes en la obstetricia de aquella época. Las características del curso indican la rigidez pedagógica, el rigor disciplinar, la carga didáctica extensa, la valoración de la enseñanza práctica y la dedicación docente. Las relaciones entre alumnas, profesores y profesionales de los campos de práctica reflejan la jerarquía establecida en los servicios de salud. La formación recibida jugó un peso muy grande en el perfil de las egresas. El ejercicio profesional de las obstetrizes fue, principalmente, en la atención a la mujer durante el parto. Actuaron en una gran variedad de hospitales y maternidades privados o filantrópicos y en algunos servicios de la red pública, incluyendo el Servicio Obstétrico Domiciliar, en la década de 1960. A partir de los años de 1970, las obstetrizes y enfermeras obstétricas sufrieron un proceso de exclusión de la atención al parto, sendo sustituidas por médicos. Ese proceso fue concomitante al creciente uso de intervenciones en el parto e de cesarianas. Los discursos revelan un encantamiento con la profesión, que sobrevive al sentimiento de resignación por la "casi extinción" de las obstetrizes, en São Paulo. Es como si el sentimiento de altanería, latiente en cada una, reencendiera el brío que las acompañó y aún acompaña, desde el día en que decidieron que serían parteras, obstetrizes, enfermeras obstétricas.

Palabras-clave: Enfermería Obstétrica. Obstetricia. Historia. Educación. Práctica Profesional.

Quadro 1. Catálogo de depoimentos orais da coleção "Memória da Assistência ao Parto". São Paulo, agosto de 2008 22

Quadro 2. Catálogo de depoimentos orais da coleção "História Oral de Enfermeiras Obstétricas e Obstetrizes". São Paulo, agosto de 2008 23

Quadro 3. Catálogo de depoimentos orais da coleção "Formação da Obstetriz e Enfermeira Obstétrica". São Paulo, agosto de 2008.....23

Quadro 4. Obstetrizes incluídas no estudo, local de nascimento, ano de formatura e idade estimada da entrevistada no ano da formatura. São Paulo, agosto de 2008.....27

Quadro 5. Legislação federal do ensino da Obstetrícia (1901-1996). [Adaptado de Jorge (1975) e Tsunechiro (1987)] 37

Quadro 6. Datas das reuniões registradas no Livro de Actas da Escola de Parteiras de São Paulo (1912-1932) 40

Quadro 7. Legislação do Estado de São Paulo sobre o ensino da Obstetrícia (1915-1939).....44

Quadro 8. Informações sobre a Escola de Parteiras de São Paulo (1912-1971).....45

Quadro 9. Diretores, Secretários e Coordenadoras da Escola e respectivos períodos de gestão. (1912-1971) 46

Quadro 10. Datas das reuniões registradas no Livro de Actas da Escola de Parteiras de São Paulo (1933-1970) 47

Quadro 11. Tipo e nome da instituição em que as obstetrizes atuaram. São Paulo, 1941-2001 68

Figura 1. Distribuição anual da diplomação de 928 alunas formadas pela Escola de Parteiras de São Paulo (1912-1971).....51

Resumo

Abstract

Resumen

Lista de Quadros e Figura

Capítulo 1 – INTRODUÇÃO 11

Justificativa do Estudo 12

Objetivo 16

Capítulo 2 – MÉTODO 17

Tipo de Estudo e Referencial Teórico-Metodológico de Análise e Interpretação 18

Antecedentes Relativos ao Estudo 20

Fontes Orais e Documentos 26

Aspectos Éticos 28

Capítulo 3 – A ESCOLA DE PARTEIRAS DE SÃO PAULO E O CURSO DE OBSTETRÍCIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (1912-1971) 30

Juramento da Obstetriz 31

Educação Formal de Parteiras, Obstetrizes e Enfermeiras Obstétricas em São Paulo 32

Escola de Parteiras: A História Contada no Livro de Atas 39

Capítulo 4 – HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA DE OBSTETRIZES FORMADAS PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO 54

- A Formação Profissional 56
- A Trajetória Profissional 67
- Do Orgulho à Resignação 79
- Fichas Catalográficas das Entrevistas 84

Capítulo 5 – PERSPECTIVAS 95

Referências Bibliográficas 97

Anexos 100

Anexo 1- Concurso "Memória do Trabalho no Brasil". Termo de Responsabilidade.....101

Anexo 2- Roteiros para Entrevista 103

Anexo 3- Coleção "Memória da Assistência ao Parto". Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....105

Anexo 4- Coleção "História Oral de Enfermeiras Obstétricas e Obstetrizes". Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 106

Anexo 5- Coleção "Formação da Obstetriz e Enfermeira Obstétrica". Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 107

Anexo 6- Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da EEUSP 108

Anexo 7- Portaria GR n° 1.398, de 18 de fevereiro de 1971. Integra na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo o Curso que especifica.....109

Anexo 8- Projeto de criação do Curso de Obstetrícia. Universidade de São Paulo. Campus USP Leste.....110

Anexo 9- Jubileu de Ouro da Escola de Obstetrizes. Ordem do Dia 118

Anexo 10- 50 Anos a Serviços da Comunidade.....119

Anexo 11- Regulamento de 1915. Escola de Parteiras de São Paulo.....120

Anexo 12- Regulamento de 1932. Escola de Obstetrícia e Enfermagem Especializada.....137

Anexo 13- Regulamento de 1945. Curso de Enfermagem Obstétrica 152

Anexo 14- Convite de Formatura da Turma de 1950.....165

Anexo 15- Certificado de Parteira e Enfermeira Obstétrica de Maria Lutfi.....167

Anexo 16- Álbum de Formatura da Turma de 1953 168

Anexo 17- Programa da disciplina "Formação da Obstetriz e Enfermeira Obstétrica: Evolução e Perspectivas".....184

Anexo 18- Projeto Memória da Assistência do Parto em São Paulo, da Disciplina "Formação da Obstetriz e Enfermeira Obstétrica: Evolução e Perspectivas". Objetivos e Metodologia das Entrevistas 186

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Voltar às origens significaria reconstituir o trajeto percorrido
para definir o rumo da viagem?
(Ferreira, 2002)

Justificativa do Estudo

Os fenômenos que envolvem os processos da reprodução humana são objeto de interesse de diversas disciplinas. Nas ciências da saúde, o foco da atenção direciona-se, em geral, ao cuidado da mulher, feto e recém-nascido, no âmbito dos serviços de saúde. No campo das ciências humanas e sociais, há cada vez mais estudos que se dedicam a analisar as práticas em torno do nascimento, considerando seus diferentes contextos, espaços e temporalidades.

Independentemente do tempo de existência da humanidade, a história do nascimento e parto pode ser contada por meio de registros, imagens e figuras desde a era mais remota. Sendo um evento biológico restrito ao corpo feminino, os aspectos que envolvem o parto ficaram circunscritos às mulheres em muitos povos e culturas, até poucos séculos atrás.

A história da Obstetrícia, por sua vez, iniciou-se há menos de 500 anos, no mundo ocidental, com a entrada da figura masculina na cena do parto e a influência da cirurgia como atividade médica. A Obstetrícia, como área de conhecimento, constitui-se em uma especialidade da Medicina; no entanto, como prática social e profissional inclui outros agentes, além dos médicos.

Ao longo de todo o século XX, o ensino da Obstetrícia sofreu inúmeras transformações, que acompanharam com maior ou menor presteza as mudanças do modelo de assistência à saúde materna e neonatal, assim como as concepções de atuação profissional nesta área.

Nesse período, o deslocamento do parto do domicílio para o hospital talvez seja a mudança mais marcante e abrangente, tanto por seus determinantes como pelo impacto e desdobramentos que produziu. O estabelecimento do hospital como local de parir foi acompanhado pela concepção de parto e nascimento como acontecimentos patológicos ou cobertos de risco, que são seguros apenas na presença de alta tecnologia e de médicos (Mott, 2002b).

Concomitantemente, as parteiras profissionais e não profissionais foram perdendo lugar como agentes que auxiliam as mulheres a dar à luz. As parteiras

profissionais diplomadas no Brasil desde o século XIX, que atuavam de forma autônoma e independente ou como funcionárias dos serviços de saúde, passaram por um processo gradativo de dizimação e desqualificação. Esse processo culminou com a extinção dos cursos de formação de parteiras ou obstetrizes, vinculados às escolas médicas. Na década de 1970, as escolas de enfermagem receberam a incumbência legal e social de formar enfermeiras obstétricas, em substituição à graduação de obstetrizes sem titulação prévia de enfermeira.

Os aspectos abordados nesta breve Introdução têm sido objeto de crescentes pesquisas e publicações brasileiras na área da Enfermagem Obstétrica, principalmente nas últimas décadas.

No caso dos cursos de parteiras, obstetrizes e enfermeiras obstétricas, vale destacar a tese de livre-docência de Dilce Rizzo Jorge e as teses de doutorado de Maria Alice Tsunechiro e de Maria Lúcia Mott, além da nossa própria (Jorge, 1975; Tsunechiro, 1987; Mott, 1998; Riesco, 1999). Outra produção relevante sobre temática é a pesquisa de Pós-Doutorado desenvolvida por Mott[1], em 2000, na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), e as publicações decorrentes desse estudo (Mott, 2001; Mott, 2002a; Mott, 2002b; Mott, 2004; Mott, 2005).

Podemos dizer que parte das inquietações que deram origem à nossa tese de doutorado, relativas à formação e inserção profissional de obstetrizes e enfermeiras obstétricas, foram discutidas naquele trabalho. Como síntese, considerávamos que a parteira[2] que *queremos e devemos* formar é uma profissional *em construção*, cujo perfil precisa ser definido sob novas bases. Afirmávamos que as bases para construir uma "nova parteira" podem germinar entre os profissionais de saúde e as mulheres, com vistas a atender suas necessidades e as demandas do sistema de saúde.

Uma perspectiva importante nesta direção consiste em reconhecer os antecedentes históricos e as transformações ocorridas na profissão, tanto no ensino como no exercício. Podemos considerar que na década de 1990, acumularam-se condições históricas e circunstanciais propícias a esta discussão e à formulação de novas propostas.

---

[1] Mott ML. Destinos cruzados: os cursos para formação de parteiras e enfermeiras em São Paulo (1898-1971). São Paulo; 2000. [Mimografado].

[2] Na tese de doutorado, o termo parteira foi utilizado designar obstetrizes e enfermeiras que assistem o parto, independentemente do sexo.

Dentre estas condições, destacam-se:

- A participação de setores da sociedade civil, fora da corporação médica, na discussão sobre o modelo de assistência ao parto vigente, caracterizado pelo excesso de cesarianas e de intervenções desnecessárias;
- Documentos e recomendações internacionais para aplicação da tecnologia apropriada ao parto e nascimento, derivada de pesquisas sobre a prática baseada em evidências científicas;
- O movimento organizado de enfermeiras obstétricas na área de ensino e assistência, em especial, na Associação Brasileira de Obstetrizes e Enfermeiros Obstetras (Abenfo), em defesa de sua formação e atuação profissional para a promoção do parto normal e humanizado;
- A implementação de políticas públicas pelo Ministério da Saúde e secretarias estaduais e municipais de saúde, com o financiamento e realização de cursos de especialização em enfermagem obstétrica e a criação de centros de parto normal;
- A produção de estudos e divulgação de experiências bem sucedidas de inserção de obstetrizes e enfermeiras obstétricas na promoção da saúde materna e neonatal.

No presente momento, o interesse em aprofundar e atualizar o tema assume importância ainda maior, considerando que em 2005, a Universidade de São Paulo (USP) reiniciou, no Brasil, o ensino da Obstetrícia, de forma independente dos cursos de Enfermagem e Medicina. Desse modo, com a criação da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), anualmente, ingressam 60 alunos no Curso de Obstetrícia e a primeira turma de obstetrizes deverá ser formada em 2008, mais de 25 anos após a extinção do último curso similar no país.

Assim, desde 1972, quando este ensino coube exclusivamente às escolas de enfermagem, essa foi a principal modificação introduzida na formação e titulação de profissionais não-médicos para a assistência ao parto.

De nossa parte, temos mantido o empenho em analisar estas modificações e propor alternativas para a formação profissional na área. Como integrante do grupo que propôs a criação do Curso de Obstetrícia da EACH, consideramos que a graduação em Obstetrícia é uma alternativa à exclusiva especialização de enfermeiras. A formação específica, de nível universitário e com ingresso no vestibular comporta elementos da prática da enfermagem e da obstetrícia,

distribuídos em curso de graduação de quatro anos. Esta opção caracteriza a via direta, denominada *direct entry model*, que forma a *midwife* (obstetriz, em inglês).

A formação de uma "nova" obstetriz, com perfil de atuação consoante com as mudanças no modelo assistencial na área da saúde materna e perinatal, deve prever uma ênfase maior nos aspectos fisiológicos, emocionais e socioculturais do processo reprodutivo, fundamentando-se nas seguintes competências (Gualda, 2001; Riesco, Tsunechiro, 2002):

- Compreender o fenômeno da reprodução como singular, contínuo e saudável, no qual a mulher é o foco central, e que se desenvolve em um determinado contexto sócio-histórico;
- Desenvolver o processo assistencial e educativo, com base na interação e parceria, possibilitando às pessoas envolvidas tomarem suas decisões de saúde;
- Articular observações clínicas, conhecimento científico, habilidade técnica e julgamento intuitivo na tomada de decisões;
- Valorizar o saber e a atuação interdisciplinares;
- Desenvolver as atribuições com base na responsabilidade ético-política e autonomia profissional.

Diante deste imenso compromisso social, vimos desenvolvendo projetos de ensino, pesquisa e extensão sobre a formação e inserção profissional da obstetriz e enfermeira obstétrica, junto ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da EEUSP, aos fóruns de debate da categoria e aos órgãos responsáveis pelas políticas públicas relativas à temática.

Na qualidade de docente da EEUSP nossa participação na implantação do Curso de Obstetrícia da EACH ocorre indiretamente, mediante apoio pessoal e político à sua implementação. Porém, conforme referido anteriormente, compreendemos a responsabilidade que acompanha o protagonismo de propor, defender e participar do projeto de novamente formar obstetrizes no Brasil. Estamos convencidas de que os resultados serão positivos, de que a proposta é bem sucedida e, certamente, não representa "retrocesso" ou "atraso".

Assim, buscamos contribuir para que as futuras obsterizes sejam acolhidas neste campo de conhecimento e atuação de "braços abertos" e "alma lavada", fazendo as pazes com o passado tão recente. É neste contexto que se insere o presente projeto.

Objetivo

- Descrever e analisar a educação e atuação profissional de obstetrizes formadas pela Universidade de São Paulo, a partir da década de 1940, que exerceram na cidade de São Paulo.

CAPÍTULO 2

MÉTODO

A criação do Tempo acontece quando a humanidade,
ao reconhecer a sua existência, adquire a noção do nascimento,
da vida e da morte – as primeiras etapas da cronometragem do tempo. Estas
são as suas primeiras verdades.
(Dias, 2008)[3]

Tipo de Estudo e Referencial Teórico-Metodológico de Análise e Interpretação

Trata-se de estudo de natureza qualitativa, com abordagem histórica. Do ponto de vista do método, a principal aproximação teórica da presente pesquisa é feita pela via da História Oral (HO).

Apesar da falta de consenso do que seja a HO e suas finalidades e do predomínio de um cunho jornalístico ou sociológico, ela vem sendo reconhecida e utilizada em diversas áreas de conhecimento, além da área de História, propriamente dita.

Segundo Ferreira (2002), existem duas vertentes de trabalho não excludentes na HO, que se entrecruzam em muitos casos. Uma destas vertentes adota os depoimentos orais, como instrumentos para preencher lacunas deixadas pelas fontes escritas. Para tanto, utilizam-se roteiros para controlar o depoimento, a fim de obter entrevistas consistentes. Recorre-se a outras fontes, com a finalidade de reunir elementos para realizar a contraprova e excluir as distorções.

Na segunda vertente, os depoimentos orais são priorizados, como instrumentos para compor o conhecimento histórico da trajetória de "grupos sociais excluídos". Embora freqüentemente precárias para estes grupos, a exemplo das parteiras e obstetrizes, as fontes escritas e outras são utilizadas em combinação com os depoimentos orais.

Para a autora, esta última vertente

> (...) atribui um papel central às relações entre memória e história (...) a subjetividade e as deformações do depoimento oral não são vistas como elementos negativos para o uso da história oral (...) a elaboração dos roteiros e a realização das entrevistas não estão essencialmente voltadas para a checagem das informações (...) de maneira a confirmar ou contestar os depoimentos obtidos.

O registro de narrativas orais é uma atividade antiga, mas no século XX essa

[3] Dias A. O tempo e as verdades. Disponível em: http://klepsidra.blogspot.com/ 11 de maio de 2008

prática passou a ser estimulada com a invenção do gravador e uso do vídeo. Esses novos equipamentos tornaram possível a conservação da palavra e das imagens em toda a sua riqueza, sobre um suporte permanente e preciso[4].

Na HO, os depoimentos produzidos são considerados elementos da memória coletiva e a noção de memória assume um caráter essencial, na medida em que esta constitui um elemento dinâmico, e não simples lembranças estáticas de um passado que deve ser resgatado pelo pesquisador.

Meihy (2005) distingue a HO de vida da HO temática. No primeiro gênero, estão incluídas as longas narrativas, ou narrativas em profundidade, sobre o processo vivencial de uma pessoa, enquanto que a HO temática visa à abordagem objetiva de um assunto e, na maioria das vezes, articula diálogos com outros documentos.

Para o autor, "por seu caráter específico, a HO temática tem características bem diferentes da HO de vida. Detalhes da história pessoal do narrador interessam apenas na medida em que revelem aspectos úteis à informação temática central". Nesse gênero de HO, os questionários ou roteiros de entrevista são peça fundamental para a elucidação dos temas de interesse.

Vale reiterar que na HO, especialmente na temática, outras fontes podem assumir um caráter mais central ou apenas complementar, para a análise e interpretação dos depoimentos orais.

Em sentido amplo, textos, fotos, vídeos e objetos podem ser considerados fontes ou documentos. Na HO, fonte oral é toda e qualquer referência sonora gravada que serve de base para estudos ou arquivos, enquanto que documento é o resultado da mudança de estado oral para o escrito.

Para analisar as fontes orais e documentos deste estudo foi adotada a análise de conteúdo temática, complementando as informações obtidas com fontes bibliográficas. Nesse processo de análise surgem confirmações, negações, novos dados e novas maneiras de enfocar a realidade, que são interpretados tendo como pano de fundo o contexto social mais amplo no qual os fatos ocorreram (Von Simson, 2007).

---

[4] Khoury YMA. Documentação oral nos arquivos e centros de documentação e memória. *Workshop* Documentação Oral: produção e tratamento; São Paulo (SP):2006. [Mimeografado]

Antecedentes Relativos ao Estudo

Este estudo tem como base o projeto denominado **Lembranças do Nascimento: as parteiras e o atendimento ao parto na cidade de São Paulo (1930-1980)**. O referido projeto, em andamento desde 2006, vem sendo realizado mediante parceria entre o Núcleo de Memória e História da Saúde do Instituto de Saúde (IS) da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (SES-SP) e a EEUSP e está vinculado à direção de cada uma destas instituições. Faz parte de um projeto mais amplo sobre a História dos Trabalhadores da Saúde, no qual também estão previstos: **1)** Banco de Dados dos Livros de Registro do Serviço de Fiscalização do Exercício Profissional (1892-1978); **2)** Banco de Dados da Legislação do Estado de São Paulo referente à formação e ao exercício profissional na área da Saúde; **3)** Exposição museográfica sobre os trabalhadores da Saúde (formação, práticas, histórias de vida). Em 2006, o projeto recebeu apoio financeiro do Concurso "Memória do Trabalho no Brasil", promovido pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getulio Vargas (CPDOC/FGV), Ministério da Cultura (MinC), Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e Petrobras (Anexo 1).

A coordenação técnica do projeto é realizada pelas pesquisadoras Maria Lúcia Mott e Olga Sofia Fabergé Alves, do IS/SES-SP, e pelas professoras Maria Luiza Gonzalez Riesco e Maria Alice Tsunechiro, da EEUSP. O objetivo geral é produzir e disponibilizar fontes das parteiras, obstetrizes e enfermeiras obstétricas e do atendimento ao parto na cidade de São Paulo, no período de 1930 a 1980.

Em 1992, foi criado o Centro Histórico-Cultural da Enfermagem Ibero-Americana da EEUSP, cujo acervo vem sendo produzido e ampliado e do qual fazem parte documentos e outras fontes relativas à temática do referido projeto e do presente estudo.

Até o momento, os resultados produzidos no projeto consistem em depoimentos orais e material iconográfico de parteiras, obstetrizes e enfermeiras obstétricas, documentação da Escola de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da USP e acervo documental e iconográfico do Serviço Obstétrico Domiciliar (SOD).

Esse acervo está em fase de digitalização e catalogação, com vistas ao lançamento da **Biblioteca Virtual (BV) "Lembranças do Nascimento:**

atendimento ao parto em São Paulo (1930-1980)”, previsto para 2008.

O conteúdo da BV consiste em:

- Catálogo de Depoimentos (entrevistas realizadas com obstetrizes, parteiras, enfermeiras obstétricas, familiares e mulheres atendidas por essas profissionais, acompanhadas da biografia e sumário da entrevista);
  - **Coleção Memória da Assistência ao Parto**;
  - **Coleção História Oral de Enfermeiras Obstétricas e Obstetrizes**;
  - **Coleção Formação da Obstetriz e Enfermeira Obstétrica**;
- Coleção Serviço Obstétrico Domiciliar (coleção de recortes de jornais sobre SOD);
- Bibliografia comentada sobre parteiras e assistência ao parto no Brasil;
- Links de Interesse.

A imagem a seguir corresponde ao modelo de *layout* da “página mãe” do *site* da BV, em fase de construção:

A coleção **Memória da Assistência ao Parto** é composta de entrevistas colhidas a partir de 1999**.** Foi iniciada durante projeto de Pós-Doutorado da pesquisadora Maria Lúcia Mott, sob supervisão da Professora Doutora Maria Alice Tsunechiro, na EEUSP[5]. Teve continuidade ao longo desses anos, com a participação da própria Maria Alice Tsunechiro e de Maria Luiza Gonzalez Riesco. Até 2007, foram realizadas entrevistas com 14 obstetrizes, familiares de uma obstetriz e uma mulher atendida por parteira e obstetriz no parto.

Quadro 1. Catálogo de depoimentos orais da coleção "Memória da Assistência ao Parto". São Paulo, agosto de 2008.

ENTREVISTA	Depoimento			Biografia e Sumário
	Ano	Áudio	Texto	
1. Akimi Nakamura Nakamae [Ivan Jun Nakamae e Djair D. Nakamae]	1999	Sim	Sim	Sim
2. Aldona Di Pillo	2000	Sim	Sim	Sim
3. Antonia Zaba	2005	Sim	Sim	Sim
4. Cecília Cristina Catalani	2007	Sim	Sim	Não
5. Dilce Rizzo Jorge	2007	Sim	Sim	Sim
6. Filomena Romana	2007	Sim	Não	Não
7. Heloisa de Campos	2000	Sim	Sim	Sim
8. Iris Sena da Silva	2007	Sim	Sim	Sim
9. Isaura Lopes Pantorotti	2007	Sim	Sim	Não
10.Jandyra Furquim da Silveira Barreto	2000	Sim	Não	Não
11.Lourdes Aparecida Rei Mouchaluat	2000	Sim	Sim	Sim
12.Luzia Pontes Queiroz Alexandre	2007	Sim	Sim	Sim
13.Malvina de Oliveira Ramos Netto	2007	Sim	Não	Sim
14.Maria Yoko Endo dos Santos	2007	Sim	Não	Sim
15.Rosa Rinaldi	2000	Sim	Sim	Não
16.Ruth Politi	2007	Sim	Sim	Sim

A coleção **História Oral de Enfermeiras Obstétricas e Obstetrizes** é formada pelos depoimentos de quatro obstetrizes e está vinculada ao projeto de mestrado da ex-aluna do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da EEUSP, Esperança Maria Marques Negrette, submetido a Exame de Qualificação sob orientação da Professora Doutora Dulce Maria Rosa Gualda, em 2005.

[5] Mott ML. op. cit.

Quadro 2. Catálogo de depoimentos orais da coleção "História Oral de Enfermeiras Obstétricas e Obstetrizes". São Paulo, agosto de 2008.

ENTREVISTA	Depoimento			Biografia e Sumário
	Ano	Áudio	Texto	
1. Alzira Cândido Stringuini	2006	Sim	Sim	Sim
2. Chiarina Barbastefano [Gragnano]	2005	Sim	Sim	Sim
3. Malvina de Oliveira Ramos Netto	2005	Sim	Sim	Sim
4. Maria Francesca Villato	2005	Sim	Sim	Sim

A coleção **Formação da Obstetriz e Enfermeira Obstétrica** é formada pelos depoimentos, documentos e imagens reunidos entre 2000 e 2001, como parte das atividades didáticas da disciplina "Formação da Obstetriz e Enfermeira Obstétrica: Evolução e Perspectivas", do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da EEUSP, ministrada por Maria Luiza Riesco e Maria Alice Tsunechiro, com a colaboração de Maria Lucia Mott. O conjunto soma entrevistas com 14 obstetrizes.

Quadro 3. Catálogo de depoimentos orais da coleção "Formação da Obstetriz e Enfermeira Obstétrica". São Paulo, agosto de 2008.

ENTREVISTA	Depoimento			Biografia e Sumário
	Ano	Áudio	Texto	
1. Ana Maria Guardia Morales	2001	Sim	Sim	Sim
2. Argen Celia Luisa Verde Ortiz	2001	Sim	Sim	Sim
3. Chiarina Barbastefano [Gragnano]	2000	Sim	Sim	Sim
4. Chiarina Cavani Becheli	2000	Não	Sim	Sim
5. Maria Augusta de Freitas	2001	Sim	Sim	Sim
6. Maria Lutfi	2000	Sim	Sim	Sim
7. Maria Nakashima	2001	Sim	Sim	Sim
8. Mieko Teruda [Nakamura]	2001	Sim	Sim	Sim
9. Paulina Borrelli [Kurcgant]	2001	Sim	Sim	Sim
10. Raquel Franchini	2000	Sim	Sim	Sim
11. Seiko Magario [de Souza Castro]	2000	Sim	Sim	Sim
12. Yara Rodrigues	2000	Sim	Sim	Sim
13. Yuriko Kanashiro Matuo	2001	Sim	Sim	Sim
14. Zuleika de Oliveira Lima [Kaup]	2001	Sim	Sim	Sim

No Anexo 2, são apresentados os roteiros utilizados para as entrevistas incluídas nas três coleções. As entrevistas foram gravadas em fita cassete ou com uso do gravador digital. As gravações foram duplicadas e aquelas disponíveis

originalmente em suporte magnético foram digitalizadas, com a finalidade de preservar o acervo.

O tratamento físico dos depoimentos orais – digitalização, masterização, duplicação, transcrição, catalogação e conservação – vem sendo realizado sob orientação e supervisão do Centro de Documentação e Informação Científica "Prof. Casimiro dos Reis Filho", da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo[6].

Para cada entrevista, foi elaborada uma ficha catalográfica, que inclui dados biográficos da entrevistada e o sumário da entrevista. Como exemplo, incluímos a ficha da entrevista de Akimi Nakamura Nakamae.

PROJETO: Lembranças do Nascimento: as parteiras e o atendimento ao parto na cidade de São Paulo (1930-1980)

Instituição: Instituto de Saúde da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo; Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Lúcia Mott; Maria Luiza Gonzalez Riesco; Maria Alice Tsunechiro; Olga Sofia Fabergé Alves

Equipe Técnica: Esperança Maria Marques Negrette; Maria Aparecida Muniz; Claudete dos Santos

ENTREVISTA: Akimi Nakamura [Nakamae] – 1999

Realizada com Ivan Jun Nakame [filho de Akimi Nakamae] e Djair Daniel Nakamae [nora de Akimi Nakamae]

Entrevista realizada no contexto da pesquisa ***Memória da Assistência ao Parto***, parte integrante do projeto **Lembranças do Nascimento: as parteiras e o atendimento ao parto na cidade de São Paulo (1930-1980)**, desenvolvido com apoio do *Prêmio Memória do Trabalho*, do CPDOC/FGV, MinC, MTE e Petrobras.

Entrevistadora: Maria Lúcia Mott

Local: residência dos entrevistados – bairro de Vila Beatriz, São Paulo

Data: 1999

Duração: a confirmar

Transcrição: Maria Lúcia Mott

Revisão: Ivan Jun Nakamae

Forma de consulta: texto integral; áudio

Dados biográficos: Akimi Nakamoto [Nakamae] (1910-1982) formou-se *Parteira* no Japão. A família veio como imigrante para o Brasil, devido à dificuldades de sobrevivência no seu país. Ainda no Japão, Akimi foi para a escola de parteiras num hospital, onde estudou e trabalhou. Em São Paulo, a família trabalhou na agricultura, em uma fazenda em Marília. Depois de cumprido o tempo de trabalho previsto pela

[6] A assessoria técnica vinculada ao projeto **Lembranças do Nascimento**.

imigração, mudaram-se para a capital onde teria trabalhado no Hospital Japonês, o Santa Cruz, porém não pôde trabalhar como parteira porque seu diploma não era reconhecido. Matriculou-se na Escola de Obstetrícia e Enfermagem Obstétrica de São Paulo e formou-se como *Parteira e Enfermeira Obstétrica*, em 1938. Trabalhou como profissional liberal até falecer, em 1982. Foi casada com um engenheiro que não conseguiu revalidar o diploma.

Sumário: Segundo o filho Ivan Nakamae, sua mãe Akimi Nakamoto Nakamae (pelo casamento) formou-se no Japão e veio como imigrante para o Brasil. A família era de lavradores, pequenos produtores, que vieram devido a dificuldades de sobrevivência no Japão. Ainda no Japão, foi para a escola de parteiras num hospital, onde estudou e trabalhou. Em São Paulo, a família trabalhou em uma fazenda, na região de Marília (SP). Depois, mudou para a capital, onde Akimi teria trabalhado no Hospital Santa Cruz (fundado pela colônia japonesa), porém teve dificuldades para trabalhar como parteira, pois seu diploma não era reconhecido. Matriculou-se no Curso de Obstetrícia e Enfermagem Obstétrica, que funcionava na Maternidade de São Paulo. Uma vez formada, trabalhou como profissional liberal, tendo inclusive consultório em casa, local em que chegou a fazer partos e acomodar parturientes. Teve problemas com a fiscalização profissional por ser proibido às parteiras receber parturientes e ter consultório no domicílio. Fazia atendimento domiciliar de clientes particulares, que atendia na própria casa e em Maternidade (Pro Matre). Levava pacientes com complicações para a Pro Matre Paulista (de táxi), podendo realizar lá o parto, caso fosse normal. Os entrevistados (Ivan e Djair, sua esposa) referem-se aos procedimentos e técnicas utilizadas, inclusive fórceps e ventosa. A clientela era predominantemente japonesa, não apenas de São Paulo, mas de regiões de concentração de imigrantes japoneses como Itapecerica da Serra e Mogi das Cruzes. Os honorários eram 350 Cruzeiros em 1962 (dados do seu caderno de anotações), mas nem sempre eram recebidos em dinheiro, mas em espécie. Inicialmente, a clientela pertencia às camadas menos favorecidas e na maioria japoneses, mudando o perfil conforme a ascensão socioeconômica dos próprios imigrantes. Teve sempre bom relacionamento com os médicos (o nome do filho foi dado em homenagem ao médico Ivan de Vasconcellos). Akimi registrava os partos e consultas em cadernos e falava bem japonês e português. Fazia o pré-natal, o parto e dava alta. Tinha uma governanta em casa que cuidava dos seus filhos, quando crianças, fazia o serviço doméstico e, às vezes de secretária (precisava falar japonês e português). Ela mesma não se dedicava aos afazeres domésticos. Filiou-se ao sindicato das parteiras. Era uma pessoa estudiosa e sempre expressou o desejo de construir uma creche ou maternidade, pois gostava muito de crianças.

Temas: Parteira diplomada, Obstetriz. Parto e Pós Parto. Educação: currículo, ensino, capacitação. Mercado de trabalho. Recursos humanos. Honorários. Serviços de Saúde. Procedimentos obstétricos. Utilização práticas cirúrgicas: fórceps. Legislação, fiscalização do exercício profissional. História. Imigração Japonesa. Legislação: revalidação de diplomas estrangeiros, sindicato. Relação médico-obstetriz-enfermeira.

Fontes Orais e Documentos

O banco de dados produzido pelo projeto **Lembranças do Nascimento** permite uma leitura da experiência vivida pelas próprias obstetrizes, como grupo social, no referencial da HO. O catálogo de depoimentos oferece subsídios significativos para a análise da construção, reconstrução, re-configuração de sua trajetória escolar e profissional e para compreender como a profissão foi percebida, valorizada ou desvalorizada pelas próprias obstetrizes, por outros profissionais da saúde e pela sociedade em geral. Nesse sentido, as fontes orais e documentos fornecem elementos para a compreensão dos significados que essas profissionais atribuíram às mudanças pelas quais a profissão passou e como estas mudanças foram vividas por elas.

Considerando a conceituação apresentada anteriormente, os documentos utilizados nesta pesquisa consistem nos depoimentos gravados e transcritos (fontes orais disponíveis em áudio e texto) e em documentos textuais, sendo que o principal deles é o livro de registro de atas da Escola de Parteiras de São Paulo.

As fontes orais consistem nas entrevistas com obstetrizes realizadas no período de 2000 e 2001, que compõem o catálogo de depoimentos orais, organizados na coleção **Formação da Obstetriz e Enfermeira Obstétrica** (Quadro 4).

Os critérios utilizados para a inclusão de 10 entrevistas, dentre aquelas realizadas com 14 obstetrizes, foram:

- Ser obstetriz formada pela USP;
- Ter atuado na cidade de São Paulo.

Assim, foram excluídas as seguintes entrevistas constantes do catálogo:

- Ana Maria Guardia Morales, Argen Celia Luisa Verde Ortiz e Chiarina Cavani Becheli, porque se formaram como obstetriz no Peru, Chile e Itália, respectivamente;
- Yuriko Kanashiro Matuo, porque nunca exerceu na cidade de São Paulo.

Quadro 4. Obstetrizes incluídas no estudo, local de nascimento, ano de formatura e idade estimada da entrevistada no ano da formatura. São Paulo, agosto de 2008.

OBSTETRIZ	**Local de Nascimento**	**Formatura**	
		Ano	**Idade (anos)**
1. Chiarina Barbastefano [Gragnano]	São Paulo-SP	1953	23
2. Maria Augusta de Freitas	São Paulo-SP	1970	21
3. Maria Lutfi	Igarapava-SP	1953	21
4. Maria Nakashima	São Paulo-SP	1971	23
5. Mieko Teruda [Nakamura]	Sta Cruz do Rio Pardo-SP	1972	22
6. Paulina Borrelli [Kurcgant]	São Paulo-SP	1964	22
7. Raquel Franchini	São Paulo-SP	1969	20
8. Seiko Magario [de Souza Castro]	Registro-SP	1941	21
9. Yara Rodrigues	São Paulo-SP	1959	25
10. Zuleika de Oliveira Lima [Kaup]	São Paulo-SP	1970	23

Conforme referido anteriormente, o acervo está em fase de produção e a transcrição e revisão de parte das entrevistadas estão em andamento. A elaboração da biografia das obstetrizes e do sumário dos depoimentos está sendo concluída.

Neste estudo, além das entrevistas com as obstetrizes, as atas da Escola de Parteiras de São Paulo constituem um documento. Estas foram utilizadas como fonte de dados e seu conteúdo foi submetido à análise e interpretação, de modo a ampliar e enriquecer o conhecimento sobre a formação das obstetrizes diplomadas por essa instituição.

O **Livro de Actas da Escola de Parteiras da Maternidade de São Paulo** é um documento histórico, incorporado ao arquivo da EEUSP e mantido sob sua guarda. Encontra-se em adequado estado de conservação. O livro é manuscrito e foi integralmente digitado, de modo a evitar seu manuseio e deterioração.

Aspectos Éticos

As questões éticas que envolvem a produção e uso de fontes na HO são parcialmente distintas (não mais amplas, nem mais restritas) daquelas incluídas na Resolução n. 196/96, do Conselho Nacional de Saúde. Nesta distinção, cabe considerar que o texto principal da Resolução e os documentos que constam do seu preâmbulo aplicam-se às pesquisas na área da Saúde, especialmente no âmbito da bioética e da pesquisa clínica.

No caso da HO, o processo de pesquisa apóia-se na coleta e registro de discursos ou relatos, que envolvem subjetividade e conteúdos emocionais, bem como fatos objetivos, mediados pela dinâmica da memória. Os aspectos éticos referem-se tanto à postura de respeito do pesquisador pela pessoa do depoente, como pelo conteúdo do depoimento. Nesse sentido, a atitude de acolhimento do pesquisador e sua fidelidade às palavras e ao sentido da entrevista devem ser observadas. A honestidade científica e intelectual é a principal baliza ética no uso das fontes da HO (Cassab, 2003).

No presente estudo, que se situa na área da História, as fontes são depoimentos orais e os documentos que constam da base de dados do projeto “Lembranças do Nascimento: as parteiras e o atendimento ao parto na cidade de São Paulo (1930-1980)", dos arquivos da EEUSP e dos acervos do Centro de Histórico-Cultural da Enfermagem Ibero-Americana da EEUSP e Núcleo de Memória e História da Saúde do IS/SES-SP.

Originalmente, as entrevistas vinculadas a cada uma das coleções, mencionadas anteriormente, foram realizadas mediante o consentimento livre e esclarecido dos entrevistados, obtido verbalmente (parte das entrevistas da coleção Memória da Assistência ao Parto) ou por assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexos 3, 4 e 5).

Obedecendo às normas vigentes, o projeto “Lembranças do Nascimento: as parteiras e o atendimento ao parto na cidade de São Paulo (1930-1980)" foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da EEUSP (Anexo 6).

Os depoimentos e documentos que integram o referido projeto e o *site* da BV serão disponibilizados, mediante o Termo de Compromisso descrito a seguir:

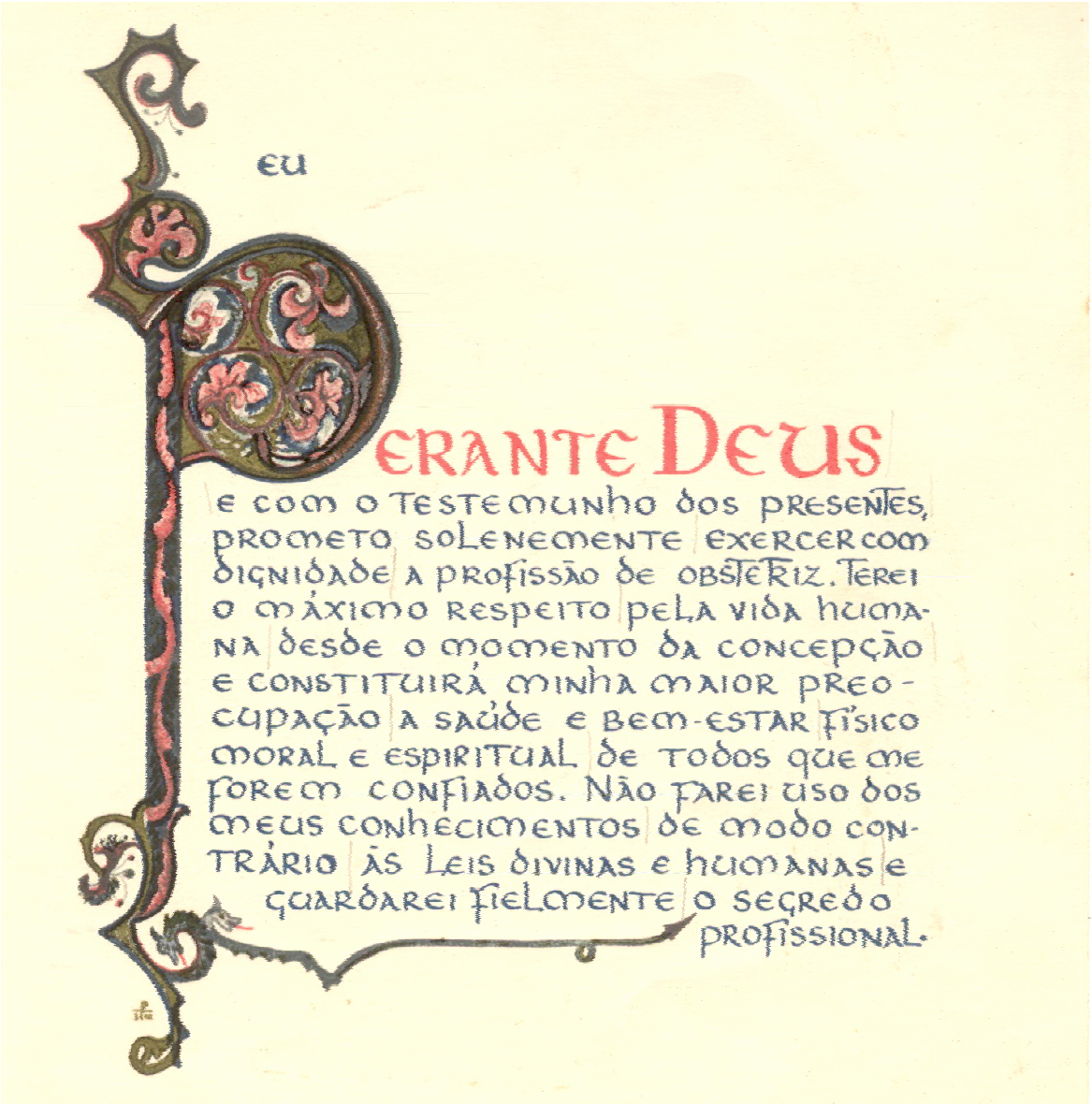
TERMO DE COMPROMISSO

Na qualidade de usuário de material protegido, atualmente sob custódia do Núcleo de Memória e História da Saúde do Instituto de Saúde e do Centro Histórico-Cultural da Enfermagem Ibero-Americana da Escola de Enfermagem da USP, comprometo-me, neste ato, a utilizar o(s) documento(s) textual(is) e fruir a(s) entrevista(s) de caráter histórico e documental ora disponibilizada(s) com a observância dos dispositivos da legislação nacional, especialmente a Lei 9.610/98, a Lei dos Direitos Autorais e as convenções e tratados internacionais em vigor sobre a matéria. A assinatura deste termo implica na minha integral concordância e aceitação de que o(s) documento(s) textual(is) e a(s) entrevista(s) cuja leitura ora me é facultada estão sujeitos às estritas recomendações consignadas por seu(s) doador(es) e pelo Instituto de Saúde e Escola de Enfermagem da USP. Estou cientificado(a) que é vedada qualquer publicação do(s) documento(s) textual(is) e da(s) entrevista(s) em todo ou em parte, bem como qualquer reprodução dos mesmos com a finalidade de venda, aluguel e cessão parcial ou total a terceiros, sem prejuízo das perdas e danos a que tais violações possam acarretar e pelas quais desde já me responsabilizo integralmente.

CAPÍTULO 3

A ESCOLA DE PARTEIRAS DE SÃO PAULO E O CURSO DE OBSTETRÍCIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (1912-1971)

JURAMENTO DA OBSTETRIZ



Educação Formal de Parteiras, Obstetrizes e Enfermeiras Obstétricas em São Paulo

O contexto histórico em que a educação formal e a diplomação de parteiras teve início e se desenvolveu em São Paulo está ligado ao crescimento urbano e aos ideais de desenvolvimento e modernização que acompanhavam o "movimento higienista", na época.

A idéia central desse movimento consistia em proteger e valorizar a população como um bem, um capital, um importante recurso da Nação. Em sentido restrito, procurava-se desenvolver a saúde da população trabalhadora, tendo como horizonte o aumento da produtividade e a acumulação econômica ocasionada, no caso de São Paulo, pela exportação de café e início da industrialização. Em seu sentido mais amplo, o movimento higienista buscava mediar conflitos entre o capital e os trabalhadores, gerando "soluções científicas" para as questões sociais (Góis Jr, Lovisolo, 2005).

Assim, as propostas dos "higienistas" da virada do século XIX residiam na defesa da saúde pública, da educação e do ensino de novos hábitos higiênicos. As intervenções propostas estavam geralmente baseadas na concepção positivista de adequação, preconizando normas e comportamentos que colaborariam para o aprimoramento do povo e da raça.

Nesse mesmo contexto, a condição social da mulher era especialmente marcada pela dependência econômica em relação à figura masculina (pai, marido ou patrão). A maternidade como papel central da mulher na sociedade, a falta de escolaridade e a desvalorização do trabalho feminino determinaram sua marginalidade no mercado de trabalho. Porém, as mulheres das camadas populares, na área rural e nas cidades, sempre desenvolveram atividades produtivas fora do lar. Dentre estas, destaca-se o trabalho de parteira, como uma atividade considerada essencialmente feminina.

A essa época, os partos ocorriam quase exclusivamente no domicílio da parturiente. Eram atendidos por parteiras, diplomadas ou não, e raramente por médicos, que começavam a dedicar-se à Obstetrícia. As parteiras diplomadas que exerciam na capital paulista eram estrangeiras, formadas por escolas do país de origem, e brasileiras ou estrangeiras formadas pelo curso de partos anexo à

Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Mott, 2005).

Todos os elementos descritos compõem o cenário de proposição e instalação da educação formal de parteiras, obstetrizes e enfermeiras obstétricas no Estado de São Paulo, e pode ser identificado como um projeto da elite paulista, afinado com o referido movimento higienista.

A formação de parteiras foi iniciada na Escola de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia de São Paulo (EFOO), em 1901. Sediada na cidade de São Paulo, em prédio alugado à Rua Brigadeiro Tobias, n.º 1, a EFOO foi transferida em 1905 para o prédio da Rua Marques de Três Rios, n.º 71. Seu Curso de Obstetrícia diplomou 17 parteiras, até sua extinção, em 1911 (Mott, 2001; Escola, 2007).

No ano seguinte, em 15 de março de 1912, foi criada a Escola de Parteiras de São Paulo, fundada por iniciativa de Sylvio Azambuja de Oliva Maya, diretor da Maternidade de São Paulo e professor da EFOO, na época.

Conforme consta da "Acta da Sessão da Fundação e Installação da Escola de Parteiras de São Paulo",

> (...) o Dr. Sylvio Maya apresentou a assembléia uma proposta relativa a fundação de uma escola para parteiras e fundamentou-a, em concisa allocução, salientando a necessidade desse curso attento: a) à inexistência de uma escola congenere neste Estado, desde a extincção do curso de Obstetrícia da Escola de Pharmacia de São Paulo, b) ao crescimento dos accidentes fataes devidos a carência de profissionaes capazes de acompanhar atenciosamente o trabalho do parto, não só no Interior do Estado como nesta Capital; c) à continua procura da Maternidade por interessadas que querem habilitar-se para o exercício da profissão de parteira, comprehendidas nesse mesmo não só as que pretendem fazer um curso regular de Obstétrica como também as que, diplomadas no Extrangeiro, desejam legalizar os seus diplomas; d) a achar-se a Maternidade apparelhada, sem maiores encargos, para a installação desse curso, porquanto apresenta sua estatística mensal numa média de sessenta partos, em que é dado observar de maior parte de casos clínicos de interesse scientifico; e) finalmente, ao facto de ter essa idéia encontrado o applauso de todos os membros da Directoria da Maternidade.

Inicialmente, a Escola funcionou nas dependências da Maternidade de São Paulo, à Rua Frei Caneca, mediante pagamento de aluguel. Em 1917, tendo Sylvio Maya como professor catedrático e Raul Carlos Briquet como assistente, a Clínica Obstétrica da recém-fundada Faculdade de Medicina (FM) foi instalada em um prédio anexo à Maternidade, na Rua Antônio Carlos, e a Escola foi transferida para esse endereço (Jorge, 1975).

Segundo Mott (2001):

> O tipo de formação oferecido pela Escola de Parteiras da Maternidade de São Paulo não era a única preconizada no período, nem a seguida por todas as escolas. Na mesma época, alguns hospitais criaram cursos práticos de "parteiras-enfermeiras", voltados para formação de pessoal para trabalhar em hospitais e dispensários ou em casas de família.

A autora cita a Escola de Enfermeiros e Parteiras da Santa Casa de Misericórdia de Santos, criada em 1912. A maior parte dos alunos inscritos na primeira turma já trabalhavam no serviço clínico hospitalar, e o ensino era eminentemente prático, com duração de dois anos. No primeiro ano eram ministradas as cadeiras básicas e no segundo ano, as matérias eram voltadas para enfermagem geral e de urgência. Para quem quisesse ser parteira, o curso fornecia uma complementação e a prática da obstetrícia era ensinada na própria Santa Casa.

Refere ainda que desde o início do século, a associação entre parteiras e enfermeiras torna-se mais freqüente, ocorrendo também no cotidiano de trabalho:

> Passara a existir a expectativa de que a parteira fosse também enfermeira. Na hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo, por exemplo, havia o cargo de "parteira-enfermeira", que aliás foi extinto em 1899, quando o serviço de partos ficou a cargo do médico e foi criado o cargo de enfermeira. Outro sinal dos novos tempos: as parteiras pouco a pouco viram suas antigas atribuições apropriadas, em parte, pelo exercício da Obstetrícia pelos médicos, em parte, pelas enfermeiras, devido entre outras razões, à crescente importância da Medicina Preventiva e às modificações e ampliações dos serviços de saúde, tais como a criação de hospitais, maternidades e centros de saúde.

As razões expostas acima estão também vinculadas à progressiva hospitalização da assistência ao parto e ao papel esperado das enfermeiras nesse contexto, com forte apelo à disciplina e hierarquia. Nessa mesma direção, em 1925, uma nova legislação buscava substituir os cursos de parteiras por cursos de enfermeiras das maternidades anexas às faculdades de medicina (Quadro 5).

Conforme referido anteriormente, desde 1917, a Escola de Parteiras de São Paulo já estava física e administrativamente ligada à Clínica Obstétrica da FM.

Em 1934, a FM foi incorporada à recém-criada Universidade de São Paulo. Em 1944, com a conclusão das obras do Hospital das Clínicas (HCFMUSP), a Clínica Obstétrica e a Escola de Parteiras mudaram-se para o décimo andar do HCFMUSP. A Escola funcionou nesse local, até ser integrada à EEUSP, em 1971 (Anexo 7).

A partir de 1931, a Escola de Parteiras passou a denominar-se Escola de Obstetrícia e Enfermagem Especializada e o currículo, embora integralmente ministrado por médicos, foi direcionado também ao ensino da enfermagem. O curso passou a ter a duração de três anos; ao final, as alunas obtinham, além do título de Parteira, o de Enfermeira Especializada. Com as mudanças na legislação, foram introduzidas modificações no currículo e nos estatutos e, em 1939, a Escola foi anexada à Clínica Obstétrica da FMUSP.

Ainda em 1939, foi fundado o Curso de Enfermagem Obstétrica anexo à Clínica Obstétrica da Escola Paulista de Medicina, tendo formado apenas uma turma. Para as turmas seguintes, essa modalidade de entrada direta foi substituída pelo pré-requisito exigido das alunas, de freqüentarem primeiramente um curso de formação em enfermagem geral, para em três semestres posteriores, cursarem as cadeiras especializadas em Obstetrícia.

Mediante mudança na legislação de ensino, em 1949, as escolas de enfermagem passaram a formar enfermeiras obstétricas, franqueando às portadoras de diploma de enfermeira o direito de freqüentar em curso de especialização em enfermagem obstétrica, recebendo, ao final de um ano, o certificado de enfermeira obstétrica.

Nesse período, os dois tipos de formação eram oferecidos, e os cursos de enfermagem e de obstetrícia funcionavam de maneira independente. Com a crescente hospitalização do parto, o campo de atuação das parteiras passou a ser objeto de disputa entre estas, as enfermeiras e os médicos. As enfermeiras não aceitavam que as parteiras formadas pelos médicos nos cursos anexos às clínicas obstétricas das faculdades de medicina recebessem o título de enfermeira obstétrica e lutavam por consolidar o curso como uma especialidade da enfermagem. Por outro lado, as parteiras argumentavam que no mundo inteiro o ensino da obstetrícia era responsabilidade de professores da clínica obstétrica, e que a enfermagem e a obstetrícia eram profissões afins, porém distintas, não sendo possível conferir às enfermeiras com um ano de especialização as mesmas competências e prerrogativas asseguradas àquelas que faziam o curso de obstetrícia.

Em 1963, o Conselho Federal de Educação fixou novo currículo e duração de três anos para os cursos de obstetrícia, estabeleceu a articulação com o curso de enfermagem, através de um tronco profissional comum de dois anos e um terceiro

ano diversificado, que possibilitava a complementação em Enfermagem e em Obstetrícia para obstetrizes e enfermeiras, respectivamente, com mais um ano de curso, e introduziu o título de obstetriz, conferido às profissionais após a conclusão do curso. A denominação de obstetriz, que aparece pela primeira vez como título conferido às formadas no Curso de Obstetrícia da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, entre 1922 e 1925, reaparece no texto da Lei n.º 2.604/55, que regula o exercício da enfermagem profissional, distinguindo a obstetriz das demais categorias da enfermagem, ou seja, enfermeiro, auxiliar de enfermagem, parteira, enfermeiro prático ou prático de enfermagem e parteira prática.

A modificação seguinte foi introduzida em 1972, quando o Conselho Federal de Educação propôs a fusão dos cursos de enfermagem e obstetrícia, mediante a incorporação da formação de enfermeiras obstétricas em cursos denominados "Enfermagem e Obstetrícia". Em função dessa nova legislação, a formação de obstetrizes passou a ocorrer exclusivamente nas escolas de enfermagem, com currículo organizado em três fases sucessivas: a pré-profissional; o tronco profissional comum, que leva à graduação do enfermeiro; e a habilitação. As duas primeiras etapas tinham duração mínima prevista em 2.500 horas, integralizadas entre três e cinco anos. O ciclo completo, que incluía a habilitação opcional em enfermagem obstétrica, tinha duração total de 3.000 horas, cursadas no período de quatro a seis anos.

Em 1994, o currículo mínimo de enfermagem foi modificado e as habilitações foram extintas. Atualmente, segundo a legislação em vigor, a educação superior no Brasil segue um conjunto de Diretrizes Curriculares Nacionais, em substituição aos currículos mínimos, anteriormente definidos pelo Conselho Nacional de Educação.

Na atualidade, além do Curso de Obstetrícia da EACHUSP, a via adotada para formação específica na área obstétrica consiste na especialização de enfermeiras, em nível de pós-graduação "lato sensu". O projeto de criação do curso é apresentado no Anexo 8.

A legislação federal sobre a formação de parteiras, obstetrizes e enfermeiras obstétricas no século XX, fora da pós-graduação, está sumarizada no Quadro 5.

Quadro 5. Legislação federal do ensino da Obstetrícia (1901-1996). [Adaptado de Jorge (1975) e Tsunechiro (1987)]

Denominação do Curso	Título conferido	Currículo	Exigências para admissão	Observações
Decreto n.º 3.902, de 12 de janeiro de 1901. [Aprova o regulamento das Faculdades de Medicina]				
Curso de Obstetrícia	Parteira	Anatomia descritiva e médico-cirúrgica da bacia e dos órgãos genito-urinários da mulher. Obstetrícia. Clínica obstétrica limitada à pratica do parto natural e à pequena intervenção obstétrica. Duração: 2 anos	Português, Francês, Inglês ou Alemão. Aritmética até proporções inclusive.	Estabelece que compete exclusivamente às faculdades de medicina conferir o diploma de parteira e define o funcionamento do curso de obstetrícia.
Decreto n.º 20.865, de 28 de dezembro de 1931. [Aprova os regulamentos da Faculdade de Medicina, da Escola Politécnica e da Escola de Minas]				
Curso de Enfermagem Obstétrica	Enfermeira Obstétrica	Anatomia descritiva e médico-cirúrgica da bacia e dos órgãos genito-urinários da mulher. Obstetrícia. Clínica obstétrica limitada à pratica do parto natural e à pequena intervenção obstétrica. Duração: 2 anos	Prova de maioridade. Prova de sanidade e idoneidade moral. Certificado de curso completo das escolas primárias do Distrito Federal ou de habilitação em estudos equivalentes. Exame vestibular quando não atendida essa exigência.	Define a organização do curso de enfermagem obstétrica anexo à cadeira de clínica obstétrica das faculdades de medicina.
Lei n.º 775, de 6 de agosto de 1949. [Dispõe sobre o ensino de enfermagem no País e dá outras providências]				
Especialização em Enfermagem Obstétrica	Enfermeira Obstétrica	Currículo elaborado pela escola de enfermagem. Duração: 1 ano	Curso de enfermagem, com duração de 36 meses.	Exige a conclusão do curso secundário para o ingresso no curso de enfermagem.

(continua)

(continuação)

Parecer n.º 303, de 6 de outubro de 1963, do Conselho Federal de Educação. [Fixa o currículo mínimo e a duração do Curso de Obstetrícia]				
Curso de Obstetrícia	Obstetriz ou Enfermeira Obstétrica	Fundamentos da obstetrícia. Enfermagem médica. Enfermagem cirúrgica. Enfermagem obstétrica e Ginecológica. Ética e história da obstetrícia. Administração. Gravidez, parto e puerpério normais. Gravidez, parto e puerpério patológicos. Assistência à gestante, à parturiente e à puérpera. Assistência ao recém-nascido. Possibilidade de acrescentar matérias complementares, obrigatórias ou facultativas. Duração: 3 anos	Curso secundário completo. Vestibular.	Estabelece a possibilidade de articulação entre os cursos de obstetrícia e enfermagem e a complementação de um ano de estudos de obstetrícia de enfermagem de saúde pública.
Resolução n.º 4, de 25 de fevereiro de 1972, do Conselho Federal de Educação. [Fixa o currículo mínimo dos cursos de Enfermagem e Obstetrícia]				
Habilitação em Enfermagem Obstétrica ou Obstetrícia	Obstetriz ou Enfermeira Obstétrica	Obstetrícia. Enfermagem obstétrica, ginecológica e neonatal. Administração de serviços de enfermagem em maternidades e dispensários pré-natais. Duração: 500 horas	Curso secundário completo. Vestibular. Curso de graduação em enfermagem.	Habilitação oferecida opcionalmente pelas escolas de enfermagem. Currículo mínimo de enfermagem modificado em 1994, com extinção da habilitação e formação de enfermeiras obstétricas exclusivamente em nível de pós-graduação.
Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 [Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB)]				
No exercício de sua autonomia, às universidades são asseguradas as seguintes atribuições, entre outras: criar, organizar e extinguir cursos e programas de educação superior; fixar os currículos dos seus cursos; conferir graus, diplomas e outros títulos (Art. 53º).			Considerando a autonomia universitária e amparada na LDB, em 2005, a USP implantou o Curso de Obstetrícia na EACH.	

Escola de Parteiras: A História Contada no Livro de Atas[7]

Parte da história da Escola de Parteiras de São Paulo, ao longo dos seus 59 anos de existência (1912-1971), está registrada no "Livro de Actas". Conforme mencionado no **Método** (Capítulo 2), o referido Livro consiste em fonte documental deste estudo. As atas foram integralmente digitadas com a finalidade da preservação física do documento, cujo caráter histórico é eminente. Assim, para a leitura das atas não há necessidade de manipular o documento original.

O Livro é um caderno brochura de capa verde, dura, com os seguintes dizeres: "Maternidade de S. Paulo – Escola de Parteiras – LIVRO DE ACTAS". Tem 150 páginas, 64 das quais contém as atas de 78 reuniões. O primeiro registro, de 15 de março de 1912, consiste na ata de fundação e instalação da Escola, redigida e assinada por Raul Carlos Briquet, secretário da Escola. A última ata refere-se à cerimônia de colação de grau das formandas de 1970, em 21 de dezembro daquele ano. Foi redigida e assinada por Dilce Rizzo Jorge, orientadora educacional da Escola. Ao início da p.20v, consta o único registro oficial assentado no Livro. Consiste no carimbo do 4º Registro de Títulos e Documentos, com os dizeres: "Apresentando hoje, para registro, apontado sob número de ordem 59.544, no protocolo 'A' nº 4, e registrado sob nº 6586, no livro L, nº 7, de registro de docs. e pap. em geral. São Paulo, 01 de julho de 1949." O Sub oficial aut. Assinado por Duilio Escuder.

O conjunto de atas possibilita identificar duas fases na história da Escola. Na fase inicial, de 1912 até o início da década de 1930, as atas registram aspectos do funcionamento da Escola, como as mudanças no currículo e no corpo docente, a revalidação de diplomas estrangeiros e o movimento financeiro, entre outras questões disciplinares, administrativas e legais do curso. Na fase seguinte, as atas limitam-se quase exclusivamente a registrar a solenidade anual de colação de grau das alunas formadas.

[7] Os trechos transcritos das atas seguem a grafia original.

Período de 1912-1932

Nas duas primeiras décadas de funcionamento da Escola, foram lavradas 32 atas das sessões de reunião (Quadro 6). São reuniões ordinárias e extraordinárias da Congregação da Escola e sessões solenes para entrega de diplomas.

Quadro 6. Datas das reuniões registradas no Livro de Actas da Escola de Parteiras de São Paulo (1912-1932)[8].

Nº DA ATA	DATA DA REUNIÃO	Nº DA ATA	DATA DA REUNIÃO
1.	15/03/1912	17.	11/05/1923
2.	31/12/1912	18.	20/02/1924
3.	16/03/1913	19.	30/04/1924
4.	02/04/1913	20.	11/05/1925
5.	14/11/1913	21.	29/03/1927
6.	14/03/1914	22.	15/09/1927
7.	23/09/1914	23.	14/11/1927
8.	09/11/1914	24.	20/04/1928
9.	18/03/1915	25.	08/04/1929
10.	13/11/1915	26.	16/11/1929
11.	14/03/1916	27.	25/03/1930
12.	15/03/1916	28.	14/08/1930
13.	14/03/1917	29.	10/12/1930
14.	14/03/1918	30.	21/01/1931
15.	27/10/1919	31.	12/04/1932
16.	20/04/1921	32.	27/07/1932

Em relação aos aspectos pedagógicos do curso, na ata de instalação da Escola pode-se identificar a proposição do currículo, como descrito a seguir:

> (...) o Dr. Sylvio Maya declarou fundada a Escola de Parteiras e apresentou o plano de sua organização, em virtude do qual contará o curso de duas séries lectivas, com três cadeiras em cada curso, como ao deante se descriminaria. **1ª série** – 1ª cadeira – Anatomia e Physiologia da bacia e dos órgãos genito-urinários da mulher – para a qual propunha a nomeação do *Dr. Raul Briquet* para lente cathedratico; 2ª cadeira – Noções de Histologia, Microbiologia e Analyses Clinicas – *Dr. Arruda Sampaio*; 3ª cadeira – Obstetrícia com prática de manobras em manequim – *Dr. Vieira Marcondes*. **2ª série** – 1ª cadeira – Clinica Obstétrica – *Dr. Sylvio Maya*; 2ª cadeira – Clinica Ginecológica – *Dr. Alves de Lima*; 3ª cadeira – Puericultura e Hygiene Infantil – *Dr. Olympio Portugal*.[9] [15/03/1912]

Nesta mesma ata, constam os nomes dos doutores *A. P. Nunes Cintra*, *Nicolau Moraes Barros* e *Antonio Rodrigues Guião*, "para o effeito de substituição de lentes" nas cadeiras. Foi também fixado o dia primeiro de maio para o início dos

[8] Os regulamentos de 1915 e 1931 previam sessões ordinárias da Congregação no início e no encerramento do ano letivo (Anexos 11 e 12, respectivamente).
[9] Grifos nossos.

trabalhos letivos: "fica consignado que o Dr. Raul Briquet, actual secretário e lente da 1ª cadeira da 1ª série, cabe a honra de ter inaugurado o curso da Escola de Parteiras de São Paulo, tendo feito sua licção inaugural em 2 de maio de mil novecentos e doze" [conforme consta da ata de 18/03/1915].

A Enfermagem, como matéria de ensino e conteúdo do curso foi mencionada pela primeira vez em 1921, sugerindo-se sua inclusão no primeiro ano do curso. Somente a partir de 1927, a Enfermagem aparece no currículo, com a mudança da denominação da cadeira de clínica ginecologia para "Enfermagem, em particular gynecológica".

A principal modificação no currículo ocorreu quase 20 anos depois, em 1931, com a proposta de ampliar da duração do curso de dois para três anos:

> (...) distribuindo-se as cadeiras da seguinte maneira: **1º anno** – 1ª cadeira: Anatomia, Physiologia e Hygiene; 2ª cadeira – Microbiologia; 3ª cadeira; Farmacologia; 4ª cadeira: Noções de Clinica e Nutrição. **2º anno** – 1ª cadeira; Patologia – Enfermagem elementar e adiantada; 2ª cadeira: Enfermagem medica geral; 3ª cadeira: Enfermagem cirúrgica; 4ª cadeira: Enfermagem obstétrica. **3º anno** – 1ª cadeira: Enfermagem obstétrica (revisão e complementos); 2ª cadeira: Enfermagem Gynecologica; 3ª cadeira: Puericultura – Patologia e Therapeutica de recém-nascido; 4ª cadeira: Historia da Enfermagem. (...) Para reger as diversas cadeiras do curso, foram designados os seguintes professores: 1ª cadeira do 1º anno – *Dr. Onofre de Araújo*, 2ª cadeira do 1º anno – será convidado pelo Dr. Tolosa o lente para regela, 3ª cadeira do 1º anno – *Prof. Jayme Pereira*; 4ª cadeira do 1º anno: *Dr. Jayme A. Albuquerque Cavalcante*. 2° anno:1ª cadeira: *Dr Benedicto Tolosa*; 2ª cadeira: *Dr. Ivan Vasconcellos*; 3ª cadeira: *Dr. Alves Guimarães Fº*; 4ª cadeira: *Prof. Dr. Raul Briquet* – 3° anno – 1ª cadeira: *Dr. A. Viera Marcondes*; 2ª cadeira: *Dr. Alves Lima*; 3ª cadeira: *Dr. A. Martins Passos*; 4ª cadeira: *Dr. Carlos Leitão Filho*. Por proposta do Dr. Vieira Marcondes, foi approvada a creação de um curso de enfermagem geral, que corresponde os dois primeiros annos do curso da Escola com excepção da 4ª cadeira do 2° anno.[10]

Diversas atas fazem o detalhamento do processo de seleção das candidatas, exames finais, desempenho das alunas, programas de ensino, calendário escolar, entre outras questões de cunho disciplinar. Trechos extraídos de algumas das atas ilustram as preocupações e deliberações da Congregação da Escola:

> (...) Os professores da Escola são, sem excepção, médicos especialistas que se dedicam ao estudo da obstetrícia e sciencias correlatas. O programma do curso é vasado nos moldes mais modernos de ensino. Quer as disciplinas básicas (anatomia, physiologia, obstetrícia, histo-microbiologia, etc), quer as matérias intimamente anexas e adscriptas à Tocologia, todas ellas são leccionadas com o desvelo e dedicação precisas para difundir no espírito das futuras parteiras a importância de um sabido conhecimento da complexa e nobilissima arte obstétrica. A inclusão no

[10] Parte dos grifos são nossos.

> curso das cadeiras de Clinica Gynecologica e Puericultura, Phatologia e Therapeutica do recém-nascido, obedece a elevada orientação scientífica, nos centros intellectuais mais adiantados, tornando-se, essas sciencias, hoje, indispensável complemento ao estudo da obstetrícia. O programma dos exames de admissão ao 1º anno, foi elaborado de modo que a candidata demonstrasse conhecimentos imprescindíveis à intelligencia perfeita da Obstetrícia. São exigidos exames de: Portuguez, uma língua estrangeira (francez, inglez, allemão, italiano), noções de geometria, arithmética, noções de Physica e noções de Anatomia e Physiologia Humana e Hygiene. – O regulamento foi organizado sob o pensamento da máxima severidade nos exames e maior dedicação ao ensino. (...) A freqüência é obrigatória. Só há uma época de exames. Estes constam de 3 provas: pratica, escripta e oral, cada uma, tendo valor eliminatório. [13/11/1915]

Uma constante na maioria das atas deste período refere-se a deliberações sobre o corpo docente. Embora estas questões não sejam tratadas com regularidade, os registros sobre contratações, substituições, licenças e remuneração dos professores indicam que o grupo de médicos dirigentes Escola gozava de autonomia plena na tomada de decisões quanto à sua administração.

Outro assunto recorrente nas atas é a prestação de contas da Escola, que nesse período era uma instituição privada, com recursos provenientes das taxas de matrícula e mensalidades cobradas das alunas, bem como taxas para a revalidação de diplomas estrangeiros. Pode-se apreender que a receita da Escola destinava-se, principalmente, ao pagamento dos professores e examinadores e, eventualmente, à aquisição de material didático. A despesa com pagamento de aluguel à Maternidade de São Paulo pelo uso das instalações foi referida em uma única ata. Nesse período, o Dr. Sylvio Maya acumulava o cargo de diretor clínico da Maternidade e diretor da Escola. Vide trechos de três atas, apresentados a seguir:

> (...) referindo-se ao estado financeiro, declarou que, segundo o balanço apresentado pelo Dr. Raul Briquet, secretário acumulando as funcções de thezoureiro (provisoriamente), a receita do anno lectivo de 1913 subia a 6:046$00 (seis contos e quarenta e seis mil reis) e a despeza em 4:426$400 (quatro contos e quatrocentos e vinte e quatro [o valor numérico é seis] mil e quatrocentos reis), nesta quantia incluídos 3:800$000 (três contos e oitocentos mil reis), levantados afim de fazer face a acquisição de apparelhos e instrumentos e ao pagamento dos respectivos direitos alfandegários. Referiu-se ainda que existiam quinze pedidos de profissionais estrangeiras para prestar os exames de habilitação, o que perfaria a somma de 7:500$000. Pediu aos membros presentes que fixassem o ordenado do secretário e qual a quantia a pagar à Maternidade pelo aluguel dos aposentos que a Escola occupa no seu edifício, ficando resolvido, unanimemente, sob proposta do Dr. Alves de Lima, que o Director resolveria o caso, como melhor entendesse. (...) o Dr. Sylvio Maya declarou que não era exatamente aquelle o destino dado aos 3:800$000 e sim foram empregados no pagamento de dois anos de aluguel à Maternidade, à razão de 150$000 mensaes, o que perfaz a somma de 3:600$000 (três contos e seiscentos mil reis), restando em

> caixa a quantia de 200$000 (duzentos mil reis). [14/11/1913]
>
> (...) Ficou estabelecido deduzir 60$000 (sessenta mil reis) de cada taxa de exame de habilitação para gratificar, pró-labore, o examinador da respectiva banca examinadora, cabendo, a cada um a importância de 20$000 vinte mil reis, por parteira estrangeira examinada. Deliberou-se exigir, no acto a requerer o exame de habilitação, que a parteira, diplomada no estrangeiro, pagasse 100$000 (cem mil reis), quantia que não será devolvida, embora reprovada a candidata e que, no caso contrario, isto é, de approvação, fosse essa importância deduzida do total da taxa de exame de habilitação, que é, de acordo com essa o regulamento, de 500$000 (quinhentos mil reis). O Dr. Raul Briquet, secretario, informou que, effectuados regularmente os pagamentos devidos, a receita dos emolumentos perfaz a somma de 10:200$000 (dez contos e duzentos mil reis). Na proposta do Director, unanimemente aceita, determinam-se ratear essa importância entre os lentes da Escola em número de seis, deduzida, previamente, a quantia de 4.000 (quatro contos de reis), que seria depositada em banco. Para os effeito do rateio, os substitutos perceberão tanto quanto os cathedraticos, proporcionalmente, porem, ao tempo em que tivessem estado no exercício da cadeira. Resolveu-se, a começar no próximo anno lectivo de 1916-1917, que, todas as cotas fossem de qualquer natureza, seriam depositadas (em banco indicado pelo Director), mensalmente, pelo secretario ou pelo Director, a medida que fossem recebidas. [13/11/1915]
>
> (...) Pelo Director, foi apresentado o balanço referente aos annos lectivos de 15 de março de 1927 a 15 de março de 1928, e desta data a 15 de março de 1929, com parecer favorável da comissão nomeada para tal fim. No anno lectivo de 1927-1928 houve uma receita de 15:426$100 (quinze contos, quatrocentos e vinte e seis mil e cem reis) e uma despesa de 12:682$300 (doze contos seiscentos e oitenta e dois mil e trezentos reis), havendo um saldo de 2:743$800 (dois contos setessentos e quarenta e três mil e oitocentos reis). No anno lectivo de 1928 a 1929, a receita foi de 34:042$800 (trinta e quatro contos quarenta e dois mil e oitocentos reis) e a despesa 29:241$100 (vinte e nove contos, duzentos e quarenta e um mil e cem reis), havendo um saldo de 4:801$700 (quatro contos, oitocentos e um mil e setecentos reis). Fica o director autorizado a proceder a aquisição de todo o material didático indispensável ao ensino. [08/04/1929]

Diversas atas fazem referência ao regulamento da Escola. Nos anos iniciais, há menção quanto às gestões e expectativas de reconhecimento legal do curso, que ocorreu em 30 de outubro de 1915, conforme indica a seguinte passagem:

> (...) o Dr. Sylvio Maya congratulou-se com os professores presentes pelo reconhecimento official da Escola, por lei Estadual nº 1472, de 30 de outubro do corrente anno. O Dr. Raul Briquet procedeu à leitura do memorial, que nos primeiros dias de outubro, o Dr. Sylvio Maya, apresentara ao Congresso Estadual, solicitando o reconhecimento official. [13/11/1915]

Verifica-se também em inúmeras atas a participação de autoridades estaduais na administração da Escola, seja realizando visitas e vistorias ou exercendo o cargo de “Fiscal do Governo do Estado”, por indicação do Secretário do Interior. Entre 1915 e 1930, esse cargo foi exercido pelo Dr. Caetano Petraglia Sobrinho, que foi

posteriormente substituído pelo Dr. Henrique Ricci.

O trecho a seguir indica algumas gestões da direção da Escola para obter esse reconhecimento:

> (...) A Escola de Parteiras de São Paulo teve a honra súbita de receber a visita dos Exmos. Srs. Dr. Altino Arantes, Secretario do Interior, Dr. Oscar Rodrigues Alves, Secretario da Presidência e Dr. Emilio Ribas, actual Director do Serviço Sanitário, em 12 de março de 1913, precisamente, quando se proscessaram o exame da 1ª série. Presidiu a banca examinadora, o Exmo. Sr. Dr. Altino Arantes, e ao terminar os trabalhos, V. Ex. felicitou vivamente o Director e lentes, pelo notável aproveitamento lembrado pelas alumnas, e pela orientação pedagógica moderna imprimida ao curso. A Escola de Parteiras de São Paulo, procedeu a 17 exames de habilitação de parteiras estrangeiras, satisfeitas as exigências regulamentares, verificando-se 5 reprovações. O Serviço Sanitário do Estado, por sabia equitativa resolução do seu Director, tem aceito os certificados que a título provisório, a Escola tem expedido às approvadas. A Escola não cobrou taxa alguma de exame de habilitação, aguardando, como aguarda confiante, o seu reconhecimento official pelo Governo do Estado. Exposto embora de modo sucinto, o seu estado actual, a Escola de Parteiras, de São Paulo, representada por seu director, infra-assignado, que também é director da maternidade de São Paulo, vem solicitar do espírito altamente justiceiro e patriótico dos Exmos. Srs. Membros do Congresso Legislativo do Estado de São Paulo, o reconhecimento dos diplomas a conferir às alumnas que foram approvadas nos exames finais do curso, e as parteiras, diplomadas no estrangeiro, approvadas em exames de habilitação sujeitando-se a fiscalização por funccionario nomeados pelo Governo do Estado de São Paulo, outubro de 1915. Dr. Sylvio Maya, director da Escola de Parteiras de São Paulo (assignado). Terminada a leitura do memorial, sr. Director comunicou que fora nomeado fiscal do Governo junto a Escola de Parteiras de São Paulo, distincto collega D. Caetano Petraglia, percebido os vencimentos mensais de 300$000 trezentos mil reis. A pedido do Dr. Alves de Lima, com plena approvação dos presentes, foi resolvido que o Dr. Raul Briquet se entenderia com o D. Caetano Petraglia, fiscal do governo, a fim de conciliar os interesses financeiros da Escola, com as exigências do governo. [13/11/1915]

Em primeiro de abril de 1931, o reconhecimento do curso foi renovado. Para atender à legislação federal e estadual do ensino estabelecida nesse período (Quadros 5 e 7), ocorreram mudanças na denominação da Escola e do curso (Quadros 8).

Quadro 7. Legislação do Estado de São Paulo sobre o ensino da Obstetrícia (1915-1939).

Lei Estadual nº 1.472, de 30 de outubro de 1915
Regulamenta o ensino da Obstetrícia no Estado de São Paulo [fixa as matérias do curso] Reconhece a Escola de Parteiras
Decreto Estadual nº 4.956, de 1 de abril de 1931
Renova o reconhecimento da Escola
Decreto Estadual nº 10.244, de 30 de maio de 1939
Anexa à cadeira de Clínica Obstétrica e Puericultura Neo-Natal da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo a Escola de Obstetrícia e Enfermagem Obstétrica de São Paulo, com a denominação de Curso de Enfermagem Obstétrica

Fonte: Jorge (1975)

Quadro 8. Informações sobre a Escola de Parteiras de São Paulo (1912-1971).

INFORMAÇÃO	ANO PERÍODO
Início do funcionamento	1912
Anexação à Clinica Obstétrica da FMUSP	1939
Transferência para a EEUSP	1971
Local de funcionamento	
Maternidade de São Paulo	1912-1944
HCFMUSP (10º andar)	1944-1971
Denominação	
Escola de Parteiras de São Paulo	1912-1930
Escola de Obstetrícia e Enfermagem Especializada de São Paulo	1931-1936
Escola de Obstetrícia e Enfermagem Obstétrica de São Paulo	1937-1939
Curso de Enfermagem Obstétrica anexo à Clínica Obstétrica e Puericultura Neo-Natal da FMUSP	1939-1952
Escola de Obstetrizes anexa à Clínica Obstétrica e Puericultura Neo-Natal da FMUSP – Curso de Enfermagem Obstétrica	1953-1961
Escola de Obstetrícia anexa ao Departamento de Obstetrícia e Ginecologia da Faculdade de Medicina da USP – Curso de Obstetrícia	1962-1971
Escolaridade mínima	
Primário, com exame de admissão	1912-1949
Ginásio ou normal	1950-1961
Secundário	1962 em diante
Duração do Curso (anos)	
Dois	1912-1930
Três	1931-1938
Dois	1939-1949
Três	1950 em diante
Título conferido	
Parteira	1912-1930
Parteira e Enfermeira Especializada	1931-1938
Parteira e Enfermeira Obstétrica	1939-1963
Obstetriz	1964 em diante
Número de Diplomadas até 1971 = 928	

Fonte: Jorge (1975); Carvalho (1980)

Nas primeiras duas décadas de funcionamento, ocorreram poucas modificações na gestão da Escola. O Quadro 9 resume os períodos de exercício nos cargos de Diretor e Secretario. É notável a ausência das mulheres, tanto na direção do curso como no ensino teórico, inteiramente a cargo dos médicos.

Quadro 9. Diretores, Secretários e Coordenadoras da Escola e respectivos períodos de gestão. (1912-1971)

CARGO	**PERÍODO**
Diretor	
Sylvio Azambuja de Oliva Maya	1912-1927
Raul Carlos Briquet	1927-1953
Joaquim Onofre de Araújo	1953-1967
José Gallucci	1967-1971
Secretário(a)	
Raul Carlos Briquet	1912-1927
José de Paula Dias	1927-1931
Joaquim Onofre de Araújo	1931-1953
Edwin Frederico Zink	?
Milton Maretti	?-1969
Domingos Andreucci	1969-1971
Coordenadora	
Josefina da Costa Brito	?
Madeleine Taafe Sebastiany	1955-1963
Dilce Rizzo Jorge	1963-1971

Período de 1933-1971

Conforme mencionado anteriormente, os principais assuntos tratados nas 46 atas lavradas entre 1933 e 1970 (Quadro 10), especialmente a partir da década de 1940, são as cerimônias de colação de grau e entrega de diplomas das alunas.

Quadro 10. Datas das reuniões registradas no Livro de Actas da Escola de Parteiras de São Paulo (1933-1970)[11].

Nº DA ATA	DATA DA REUNIÃO	Nº DA ATA	DATA DA REUNIÃO
1.	16/12/1933	24.	24/05/1951
2.	19/12/1934	25.	21/12/1952
3.	20/12/1935	26.	19/12/1953
4.	20/11/1936	27.	18/12/1954
5.	25/01/1937	28.	25/11/1954
6.	08/08/1937	29.	23/04/1955
7.	15/12/1937	30.	16/12/1955
8.	17/03/1938	31.	18/12/1956
9.	07/12/1938	32.	18/12/1957
10.	12/01/1939	33.	18/12/1958
11.	26/01/1939	34.	18/12/1959
12.	21/12/1939	35.	18/12/1960
13.	28/12/1940	36.	18/12/1961
14.	15/01/1942	37.	15/03/1962
15.	29/12/1942	38.	19/12/1962
16.	08/03/1944	39.	18/12/1963
17.	04/01/1945	40.	22/12/1964
18.	20/12/1945	41.	22/12/1965
19.	20/03/1946	42.	17/12/1966
20.	06/03/1947	43.	13/12/1967
21.	31/03/1948	44.	14/12/1968
22.	08/06/1949	45.	22/12/1969
23.	15/04/1950	46.	21/12/1970

Nesse período, o principal destaque são algumas reuniões da Congregação da Escola na década de 1930, em que foram tratados assuntos pedagógicos e administrativos, inclusive prestação de contas.

Trecho da ata a seguir apresenta justificativa para a redução das reunião de cunho pedagógico:

> (...) Declarou o diretor que se não tem realizado as sessões da Congregação ordinárias de inicio e encerramento do ano letivo nestes últimos anos conforme o §1º do Artigo 4° porquanto os professores da Escola de Obstetrícia são igualmente assistentes da Cadeira de Obstetrícia da Faculdade de Medicina, onde funciona a Escola e nessa qualidade estão a par da atividade escolar pelo comparecimento as sessões semanais que regularmente tem havido na Clínica Obstétrica. [20/11/1936]

Ainda assim, questões administrativas continuaram a compor a pauta de algumas reuniões:

[11] O regulamento de 1931 previa sessões ordinárias da Congregação no início e no encerramento do ano letivo (Anexo 12). O regulamento seguinte, de 1945, não trata dessa matéria (Anexo 13).

> (...) O Director expôs os motivos da reunião: modificar de alguns artigos do regulamento, prestação de contas e a comunicação de pedido de exoneração do Dr. Álvaro Guimarães Filho da cadeira de Enfermagem cirúrgica. Depois de discutidos os artigos que devem ser modificados ficou deliberado as seguintes alterações: 1) Conservar o nome da "Escola de Obstetrícia e Enfermagem Obstétrica" já usado há algum tempo. 2) Mudar para Microbiologia a denominação da 2ª cadeira do 1º ano. 3) Retirar do regulamento o artigo que fala da eleição do Director da Escola a vista deste cargo dever ser por lei ocupado pelo Professor da Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina. 4) O ano letivo da Escola vae de 15 de março a 15 de novembro considerando-se como férias de inverno o período de 15 de junho a 15 de julho. Os exames de 2º semestre se realizarão na 2ª quinzena de novembro e os de 1º semestre na semana que prescede o período de férias de inverno. 5) Exigir no exame de admissão apenas as cadeiras de Francez sem opção por outra língua. 6) Manter a prova escripta nos exames de admissão na cadeira de Portuguez e aritimetica. 7) Acrescentar um parágrafo ao para, digo, ao artigo referente a documentos exigidos para inscrição que impeça a retirada de documento da Escola a não ser substituindo-o por pública forma (e exigir no atestado do) 8) Conceder isenção de exame de admissão às que provam curso de 2º ano de ginásio oficial ou equiparado, aquelas por este diplomadas, às farmacêuticas, dentistas devendo no entanto as provas para este efeito ser acompanhada da respectiva certidão de vida escolar. 9) Suprimir a classe de ouvintes matriculados de modo que só poderão matricular-se depois de aprovadas em todas as cadeiras do curso anterior ou em exames de admissão. Fica no entanto valida a matricula da aluna Antonieta Bastos, unica 1º anista que no momento está dispensada do exame de admissão, concessão esta feita por se tratar de período de transição. 10) Permitir dispensa de mensalidades e taxas apenas a 10 alunas que prestarem serviços efetivos de auxiliar de enfermeira na Clinica Obstétrica. 11) Incluir no regulamento, um artigo falando da obrigatoriedade de estagio nas enfermarias às alunas do 2º e 3º ano. 12) Os exames de 2ª época poderão ser concedidos sem prejuízo, todavia da freqüência aos cursos que é obrigatório. 13) Suprimir a vista de dispositivo constitucional o artigo que permite exames que facilitará as diplomadas no extrangeiro permitindo-se apenas aquelas formadas por Escola congênere nacional oficial. 14) Efectivar o Dr. Alberto Santiago na regência da cadeira de Química e Nutrição. O Prof. Briquet lamenta o afastamento do Prof. Álvaro Guimarães Filho que durante muitos anos prestou relevantes serviços a Clinica Obstétrica da Faculdade de Medicina e a Escola de Obstetrícia e faz votos que nas suas novas atividades didáticas continue a exibir o brilho de sua inteligência e o seu devotamento a causa do ensino. O secretário leu a seguir o movimento da Escola que apresenta 52 alunas matriculadas bem como a proposta orçamentária para o ano de 1938 que foi aprovada. Pelo Director foi apresentado com parecer favorável da comissão composta dos Dr. José Paula Dias, Lucas Assumpção e Alberto Santiago, o balanço da Tesouraria referente aos anos lectivos de 1932 a 1937 inclusive, que demonstra no saldo de 96$200 (noventa e seis mil e duzentos mil reis). [17/03/1938]

O trecho da ata acima relata, entre outras deliberações, de assuntos de cunho curricular; da necessidade de modificação no regulamento da Escola, retirando o artigo que trata da eleição do diretor, devido a exigência legal de que esse cargo seja ocupado pelo Professor da Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina; da isenção de mensalidade para alunas que prestavam serviços como auxiliar de enfermeira na

Clinica Obstétrica. Apresenta também o balanço da tesouraria e o pedido de exoneração do Prof. Álvaro Guimarães Filho.

O Prof. Guimarães é citado em diversas atas, como professor encarregado de matérias de Enfermagem, entre outras. Seu afastamento faz supor que foi para dedicar-se à implantação do Curso de Enfermagem Obstétrica na Escola Paulista de Medicina, iniciado em 1939.

No decorrer dos anos de 1930, ainda que de maneira esparsa, as reuniões tratam das matérias curriculares (sob a denominação de "cadeiras"). Pode-se identificar a inclusão crescente de matérias de Enfermagem, cujo ensino ficava, invariavelmente, sob a responsabilidade de médicos.

Nas atas que se seguem, ao longo das décadas de 1940 a 1960, apenas em três reuniões são tratados assuntos, além da sessão solene de colação de grau. Na ata da sessão de 15/03/1962, além da cerimônia de entrega de diplomas, é relatada a comemoração pelo **Jubileu de Ouro** da Escola. Nos Anexos 9 e 10 são apresentados, respectivamente, o programa da sessão e matéria jornalística alusiva à data.

Nas atas desse período, pode-se constar a citação cada vez mais freqüente do nome de docentes mulheres e do reconhecimento das obstetrizes encarregadas do ensino prático, denominadas de monitoras.

Em duas ocasiões (25/11/1954 e 23/04/1955), as atas se referem à reunião do "Conselho do Curso de Enfermagem Obstétrica":

> (...) o Dr. Araújo lembra a importância de se independizar as monitoras da escola, isto é, o aproveitamento exclusivo de um certo número de obstetrizes para a orientação prática das aluna, donde a necessidade de verba. O Prof. Cavalcanti promete conseguir verba através da Reitoria, para o próxima ano, e tentará obter, ainda para este ano, uma verba de Cr$ 60.000,00. Dna Madeleine friza a importância de separar o serviço da escola, ou melhor, não continuar como tem sido até o presente – o ensino da alunas a cargo das funcionárias e o bom funcionamento da enfermagem na Clínica, dependendo tanto das alunas do Curso. Falou-se ainda, na possibilidade de fundar escolas de obstetrizes em todas as cidades onde existam Faculdades de Medicina, dada a grande necessidade, para país, dessas profissionais. [15/11/1954]

> (...) sob a presidência do Prof. Jayme Cavalcanti e presente os demais membros do Conselho - Dr. J. Onofre Araújo, Dna Clarice Ferrarini, Dna. Madeleine T. Sebastiany e Dna. Maria Aparecida França. (...) No que respeita ao funcionamento da escola (parte prática), o Dr. Araújo ressalta a necessidade de as alunas serem orientadas, durante o estágio prático nas enfermarias, por monitoras. À vista da dificuldade financeira, D. Madeleine conseguiu de 3 parteiras a monitoria voluntária em horas extras – 3 a 4 horas. Surgiram duvidas, neste sentido, pois constaria que a parteira de plantão não poderia ensinar, no que não concorda o Dr. Araújo, para quem a Obstetriz, durante o seu plantão tem também a

> função de orientar as alunas sistematicamente. D. Clarice reafirma o ponto de vista do Dr. Araújo: a parteira ou enfermeira jamais deverá negar qualquer esclarecimento solicitado. E, diz D. Madaleine, a chefe da ala é sempre responsável pela mesma, haja ou não aluna escalada. Na opinião do Dr. Araújo dever-se-ia estudar a maneira de separar o horário da aulas teóricas, das horas de estágio pratico e isto, naturalmente, está na dependência do professor de cada disciplina. (...) O Dr. Araújo pergunta si a escala deve ser feita visando a necessidade do serviço ou si de acordo com o maior interesse da aluna. (...) Informa D. França que no momento, o quadro de parteiras acha-se em déficit. (...) Dr. Araújo lembra a possibilidade, para o futuro, de se promover a assistência ao parto domiciliar. (...) O Prof. Cavalcanti pergunta si as monitoras são remuneradas, sendo informado que as taxas pagas pelas alunas são empregadas na remuneração dos professores. O Prof. Cavalcanti conversará sobre o assunto com o Prof. Alípio Correa Neto, Magnífico Reitor. [23/04/1955]

O nome ao Prof. Raul Briquet aparece na quase totalidade das atas registradas entre 1912 e 1952, seja na condição de secretário ou de diretor da Escola. A presença sistemática às reuniões sugere uma participação ativa na vida da Escola. Seu falecimento, ocorrido em 5 de setembro de 1953 (Windholz, 2004) foi registrado na sessão solene para colação de grau:

> (...) Tem a palavra a formanda Maria Aparecida Moreira Lima; pede, em nome das colegas, um minuto de silêncio em homenagem à memória do Prof. Raul Briquet.. A seguir, o Prof. Araújo dá a palavra ao Prof. Jayme Cavalcanti, paraninfo da turma, que profere elogiosas palavras em memória do Prof. Briquet, grande batalhador e defensor da Escola. Fala da imensa necessidade de Escolas de Obstetrizes para o nosso País onde o maior número de crianças nasce em mãos de curiosas. Recomenda que sempre em necessidades que se apresentam no decorrer da vida profissional recorram aos mais experimentados, aos mais sábios, aos mestres. Antes de encerrar a sessão, o Dr. Araújo agradece ao Prof. Cavalcanti a maneira objetiva com que encara o problema da Escola de Obstetrizes; solicita a V. Excia. o representante do governador do Estado que procure fazer sentir ao Exmo. Sr. Governador do Estado a grande necessidade, a justa necessidade de amparo a esta Escola que funcionou sempre e funciona sem ônus para o erário público. [19/12/1953]

Nas atas das sessões de colação de grau, são apresentados os homenageados em cada turma, a manifestação da oradora, além de diversos rituais, que variam de acordo com o período. Um dos rituais mais recorrentes é a entrega simbólica do estetoscópio de Pinard, que uma das formandas fazia a uma aluna do segundo ano, representante da turma.

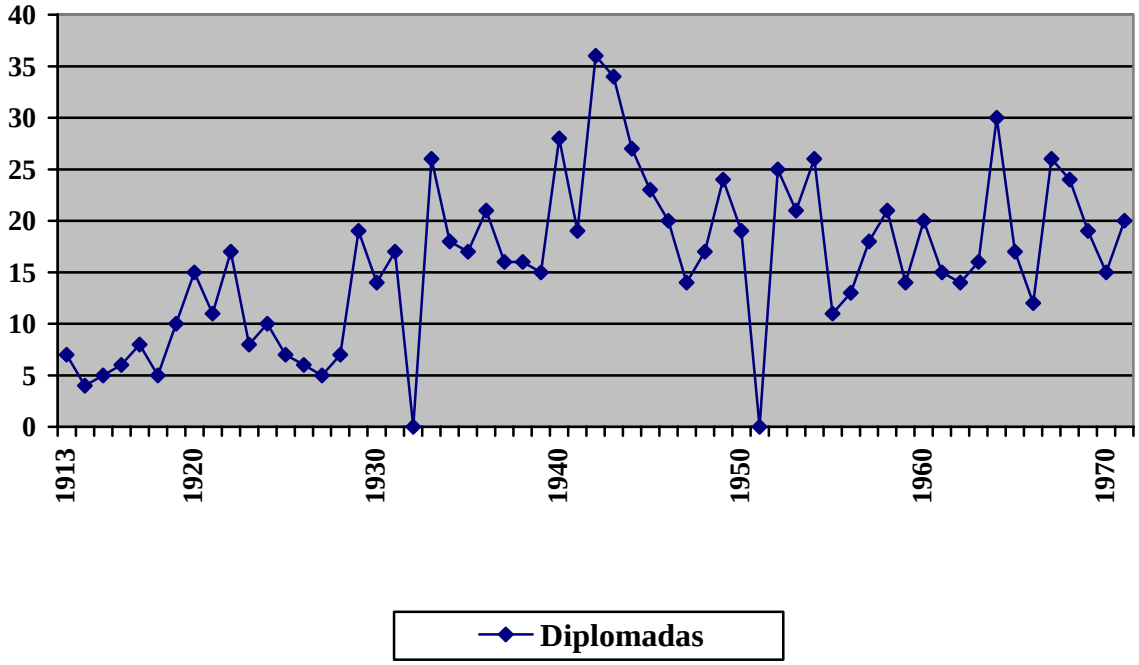
No ano de 1967, aparece a única menção ao Diretório Acadêmico da Escola:

> (...) Em seguida a formanda Eli Hiura, entregou o estetoscópio obstétrico, símbolo tradicional da profissão, a aluna do 3º ano, Lucia Regina Martins de Souza. A seguir as formandas fizeram a entrega das lembranças aos homenageados, Dra. Elfried Kirchener, Dr. Franz Muller, Obstetrizes docentes, D. Nahyr Maria Munari, Sosue Miura, e Toribia Mottos, Dr. Paulo Schmidt Goffi e Dr. Otávio Augusto C. Pereira. Em nome das

> obstetrizes docentes, homenageadas, falou a sra. Toribia Mottos. Prosseguindo o Diretor fez a entrega do 1º prêmio "Josefina da Costa Brito" para a formanda Darcy Alves Evangelista pelas qualidades profissionais demonstradas durante o curso, isto é, pelo conjunto de qualidades. 2º prêmio as alunas, Maria Lucia Ferreira, Eli Hiura e Lucila Irmengard Vital. Prêmio especial para Vera Lucia Spetizer Serio, pelo trabalho importante que realizou como presidente do Diretório Acadêmico Raul Briquet, tendo representado condignamente a Escola de Obstetrícia, junto as outras faculdades. [13/12/1968]

A Figura 1 mostra a distribuição do número de alunas formadas pela Escola

Figura 1. Distribuição anual da diplomação de 928 alunas formadas pela Escola de Parteiras de São Paulo (1912-1971).



Fonte: Jorge (1975)

As principais referências na reconstrução da história da Escola de Parteiras de São Paulo são a tese Dilce Rizzo Jorge (Jorge, 1975) e os trabalhos produzidos por Maria Lucia Mott (Mott, 2001; Tsunechiro, Mott, 2002). Além disso, as várias publicações da autora sobre a assistência ao parto no Brasil e em São Paulo são fontes importantes para a contextualização das transformações ocorridas no ensino e na atuação das parteiras e obstetrizes.

Aspectos como os requisitos para ingresso e o currículo foram objeto dos

regulamentos aprovados em 1915, 1931 e 1945 (Anexos 11, 12 e 13, respectivamente).

No início, a candidata deveria prestar exame de admissão, pagar taxa e apresentar atestado de boa conduta, de saúde e de vacina contra a varíola. Estavam dispensadas do exame de admissão, aquelas que tivessem concluído o curso ginasial ou a escola normal. A idade mínima exigida na época da matrícula era de 18 anos.

Em 1945, foi estabelecido o máximo de 35 anos de idade para o ingresso. Para Tsunechiro e Mott (2002):

> Esta mudança certamente reflete o desejo dos diretores de excluir do curso mulheres identificadas com as antigas comadres, com costumes tradicionais, práticas arraigadas e maior independência e receber alunas mais dóceis ao novo tipo de formação proposto – o de enfermeira obstétrica, auxiliar do médico, no parto a domicílio e no hospital.

A partir de 1964, seguindo o Parecer 303/63 (Quadro 5), a Escola passou a exigir o curso secundário completo para admissão, tornando-se de nível superior.

Nos primeiros anos de funcionamento, o corpo discente era composto sobretudo de mulheres de origem estrangeira (italianas, alemãs e portuguesas), com idade entre 30 e 40 anos, casadas ou viúvas, com filhos. A partir da década de 20, houve uma mudança de perfil: as alunas eram mais jovens, com maior número de brasileiras, muitas do interior do Estado de São Paulo, e com melhor escolarização. Nas décadas de 1950 e 1960, houve um aumento gradativo de alunas de origem japonesa (Tsunechiro, Mott, 2002).

Apesar da ampliação e diversificação crescentes dos conteúdos curriculares e da participação de parteiras, obstetrizes e enfermeiras no ensino e na coordenação (principalmente a partir de década de 1950), pode-se considerar que o curso era fortemente subordinado ao saber médico.

Segundo Tsunechiro e Mott (2002):

> (...) nos anos 60, podem ser identificados sinais de que o Curso de Obstetrícia começou a adquirir vida própria, seja pela mudança de categoria, de nível médio para superior, pela crescente exigência da coordenadora do curso numa melhor formação acadêmica das professoras. Atado ao Departamento de Obstetrícia e Ginecologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, o curso não tinha possibilidades de expansão, tanto assim que algumas docentes viram a transferência para a Escola de Enfermagem da USP como a única forma possível de sobrevivência.

Podemos acrescentar ainda que a Escola de Obstetrícia, na época sob a direção do Prof. José Gallucci, não representava qualquer prioridade de investimento

para a FMUSP, nem prestígio para os docentes ou médicos envolvidos.

A partir da década de 1970, ocorreria a expansão na formação de médicos obstetras, a consolidação do modelo médico de assistência obstétrica no país e a exclusão quase absoluta da parteira, obstetriz e enfermeira obstétrica desse cenário.

A Portaria GR nº. 1.023, de 15 de janeiro de 1970, da USP, é sugestiva. Na definição dos Departamentos das Unidades Universitárias e respectivas disciplinas, aquelas da Escola de Obstetrícia não foram incluídas nas entre as disciplinas do Departamento de Obstetrícia e Ginecologia da FM.

A partir daí, seguiram-se as tratativas para a integração do Curso de Obstetrícia à EE. Em meio a ofícios e reuniões, que transcorreram ao longo do ano de 1970, definiu-se um plano de integração, com participação da Profa. Maria Rosa Sousa Pinheiro, Diretora da EE, do Prof. Bussâmara Neme, do Departamento de Obstetrícia e Ginecologia da FM, e da Profa. Dilce Rizzo Jorge, Coordenadora do Curso. Com a mudança ocorrida, as onze instrutoras[12] do Curso de Obstetrícia passaram a integrar o corpo docente da EE (Carvalho, 1980).

Nos Anexos 14, 15 e 16 são reproduzidos, respectivamente, o convite de formatura da turma de 1950, o certificado de Parteira e Enfermeira Obstétrica de Maria Lutfi e parte do álbum de formatura da turma de 1953.

[12] Dilce Rizzo Jorge, Doroty Leite Barbieri, Coracy B. Graça Martins, Malvina Oliveira Ramos Netto, Maria Benedita Campos Vasquez, Maria Esperança de Marchiori, Maria de Lourdes Oliveira, Nahyr Maria Munari, Paulina Kurcgant, Telma V. Monteiro de Barros e Toribia Mottos.

CAPÍTULO 4

HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA DE OBSTETRIZES FORMADAS PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

(...) você não tem idéia como era gostoso, como nós éramos alegres e felizes, como a gente ria, aquele frio de morrer, dez partos nós fazíamos a noite, a noite toda; a gente ia pra casa assim, a noite inteirinha, feliz.
(Aldona Di Pillo, parteira e enfermeira obstétrica do SOD)

Conforme descrito no **Método** (Capítulo 2), as entrevistas incluídas neste estudo compõem a coleção ***Formação da Obstetriz e Enfermeira Obstétrica***, parte integrante do projeto **Lembranças do Nascimento: as parteiras e o atendimento ao parto na cidade de São Paulo (1930-1980)**.

Os depoimentos foram obtidos em 2000 e 2001, pelas alunas que cursaram a disciplina "Formação da Obstetriz e Enfermeira Obstétrica: Evolução e Perspectivas", do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da EEUSP. Os critérios de inclusão das dez obstetrizes (Quadro 4) foram ser formada pela USP e ter atuado na cidade de São Paulo.

No período em que foi oferecida, de 1999 a 2004, a referida disciplina foi cursada por 31 alunas de mestrado, todas enfermeiras obstétricas. Como parte das atividades didáticas, as alunas tiveram oportunidade de entrevistar obstetrizes e enfermeiras obstétricas formadas nas décadas de 1940 a 1970, indicadas pelas alunas e docentes responsáveis, ou pelas próprias entrevistadas. Diversas profissionais participantes estiveram na apresentação dos seminários, que foram preparados pelas alunas, com base nos depoimentos coletados.

Antes da realização das entrevistas, as alunas foram orientadas pelas docentes responsáveis, quanto à abordagem das entrevistadas, aos aspectos técnicos e às questões éticas que deveriam ser observados durante a entrevista, sua gravação e transcrição. Nos Anexos 17 e 18, são apresentados, respectivamente, o programa da disciplina praticado em 2000 e 2001 e a descrição dos objetivos e metodologia seguida na realização das entrevistas.

Embora todas as entrevistas analisadas tenham sido realizadas com base em um mesmo roteiro de perguntas (Anexo 2, Coleção "Formação da Obstetriz e Enfermeira Obstétrica"), observou-se uma diversidade significativa na forma de abordar, aprofundar ou retomar cada questão. Consideramos que diversidade deve-se não apenas à narrativa individual das entrevistadas, mas ao fato de que cada entrevista foi conduzida por uma entrevistadora diferente.

Para análise do conteúdo das entrevistas, foi feita uma leitura inicial, com a

finalidade de apreender seu sentido global. Na etapa seguinte, foi realizada a exploração do material, mediante a leitura exaustiva das entrevistas. Assim, foram feitas a delimitação e ordenação do conteúdo que aborda a *opção pelo curso*, a *Escola de Obstetrícia*, a *atuação profissional*, a *relação com os demais profissionais* e o *futuro da profissão*.

Este material foi classificado nos temas: "**A Formação Profissional"** e "**A Trajetória Profissional"**. Os trechos das entrevistas são transcritos para indicar, em cada tema, o conteúdo analisado. Na transcrição, foram utilizados recursos de edição das falas, para favorecer a fluência das idéias e facilitar a leitura. Foram suprimidas expressões coloquiais, repetição de palavras seguidas e termos dúbios, bem como intervenções da entrevistadora durante a fala da entrevistada.

O tema denominado **"Do Orgulho à Resignação"** representa a síntese final da análise e interpretação dos dados do presente estudo.

Ao final, são apresentadas as **fichas catalográficas das entrevistas**, com dados biográficos da entrevistada e o sumário da entrevista.

A Formação Profissional

Das dez obstetrizes entrevistadas, quatro ingressaram no curso entre os anos de 1940 e 1957 e seis, entre os anos de 1962 e 1970. No primeiro período referido, a denominação era *Curso de Enfermagem Obstétrica* (título de Parteira e Enfermeira Obstétrica) e no período seguinte, *Curso de Obstetrícia* (título de Obstetriz) (Quadro 8). Na época do ingresso, todas eram muito jovens, com idade variando entre 17 e 22 anos. Sete entrevistadas eram da cidade de São Paulo e três do interior do Estado; oito eram casadas, separadas ou viúvas; cinco tinham filhos.

A partir de 1962, para ingresso no curso, a escola passou exigir das candidatas o secundário completo e aprovação em exame vestibular. Pelas entrevistas, verifica-se que, das quatro obstetrizes que ingressaram antes daquele ano, duas possuíam escolaridade equivalente ao secundário. Duas obstetrizes disseram que desejavam estudar medicina e uma queria fazer odontologia; para as demais, o Curso de Obstetrícia foi a primeira e única opção.

As falas a seguir referem-se à escolha profissional e como esta escolha foi vista pela família.

> Meu intuito era fazer medicina. A seleção era muito difícil; eu não entrei. Aí, eu fiquei sabendo que tinha o curso de obstetrícia, lá na USP. Não era um curso que eu queria, mesmo! Mas, lá no fim, me envolvi tanto, gostei e acabei ficando. Meus pais, minha mãe, principalmente, não queria bem isso. Ela queria que eu fizesse medicina. [Chiarina]

> Eu não escolhi nada, as coisas aconteceram. Quando eu terminei o científico, eu precisava trabalhar. Fiz teste em alguns bancos e acabei indo para o *Citybank*, trabalhar como arquivista principiante. Lá fiquei três meses, até que uma amiga veio me convencer que eu tinha que fazer vestibular para obstetrícia, coisa que, na época, eu não sabia direito o que era. Ela falou tanto, que eu acabei indo com ela, numa sexta-feira chuvosa, no HC, fazer a inscrição. Foi a única escolha! Eu não fui fazer obstetrícia porque eu não consegui entrar em nada. Foi a única porta que abriu na minha frente e eu entrei. Pronto! A família nunca foi nem a favor, nem contra. Eles ficaram extremamente contentes, porque eu era, dos filhos, a primeira que entrava na faculdade, entrava na USP. Quer dizer, eu não iria ter despesa. [Maria Augusta]

> Eu estava pretendendo seguir medicina. Através de uma amiga, que falou do curso, eu fui com a minha irmã, por curiosidade, pra saber. Fui, me adaptei e fiz o curso. O meu pai, na época, estava nos Estados Unidos e minha irmã escreveu para ele, que consentiu. Papai era construtor e queria que eu fizesse medicina. Dizia que se eu fizesse medicina, ele construiria um hospital pra mim. Hoje me arrependo de não ter feito. [Maria Lutfi]

> Eu tinha uma prima que era obstetriz e foi através dela que eu me interessei pela profissão. A minha família consentiu nesta escolha, não se opondo a nada. [Maria Nakashima]

> A minha escolha foi espontânea. Eu vinha aqui no Amparo, trazer o almoço para minha prima, que estava fazendo residência, e via vários partos, crianças nascendo na cama, as mães sozinhas. Isso foi uma das coisas que me chamou a atenção. E, posteriormente, fiquei sabendo que existia um curso de obstetrícia. E também, eu tinha uma prima que já era formada em obstetrícia e fui tomar informações com ela. A família não interferiu em nada. [Mieko]

> Eu, já no ginásio, queria ser parteira. Quando eu entrei no colegial, eu falei que queria ser parteira. E meu pai disse, todo animado: "ah! Ela quer ser *levatrice*". Todo mundo aceitando, tranqüilamente. Precisava procurar onde era a escola. E, minha irmã mais velha estava já no científico e, conversando com uma colega de classe, falou: "a minha irmã quer fazer escola de parteira e não se acha em São Paulo". E ela falou: "mas a minha tia fez!" Minha irmã chegou toda animada em casa e falou: "olha! Achei a escola! É no Hospital das Clínicas". Eu me animei toda. Então, vim aqui no Hospital das Clínicas, no décimo andar, me informar. Eu já sabia onde eu queria entrar! Eu queria assistir, queria ver o nascimento. Eu tinha, quase em frente à minha casa, uma que era parteira; mas, o que se ouvia, era que fazia aborto. Depois, eu soube que ela tinha sido formada por esta escola. Aquilo, para mim não era referência. Eu achava que era uma curiosa. Eu queria assistir o parto, eu queria cuidar do nascimento, era isso o que eu queria. Eu sentia uma coisa, que até hoje eu sinto isso. Mesmo que eu veja em um filme, eu fico muito emocionada no nascimento. Eu sou uma pessoa que tem um *élan* de vida. Acho que foi

por isso que eu escolhi essa profissão. E nunca teve ninguém na família contra. Eles conheciam a parteira, que era a *levatrice*. Meu pai e minha mãe tinham esse tipo de conhecimento. Eles só começaram a perceber a diferença, quando eu entrei na Escola de Obstetrícia. E, uma coisa muito interessante, eles tinham muito orgulho do que eu fazia: obstetrícia. Minha mãe falava assim para mim: "você vai ter uma profissão onde você vai ter muita coisa para dar. Então, não esqueça isso". E louvavam muito isso. Eu não me lembro, em momento algum, de alguma coisa que não fosse de prestígio. Meu pai, por exemplo, me falava: "você seria uma boa artista, você não quer seguir carreira de artista?" Eu falava: não, não quero. A minha família não era uma família preconceituosa com nada, nem religião, nem raça, nem cor, nem profissão. Eu não tive família preconceituosa. [Paulina]

A princípio, eu ia fazer odontologia. Mas, eu namorava um rapaz; a gente era noivo. Ele estava fazendo GO e acabou me convencendo que se eu fizesse obstetrícia podia ser muito bom, porque a gente ia começar a trabalhar junto. Eu fui lá, passei e acabei fazendo. A família consentiu totalmente. [Raquel]

Nesta época, eu já não tinha meus pais, e meus irmãos não me impuseram obstáculos. Foi assim: eu comecei a trabalhar em um consultório médico e esse médico era um dos professores da escola. O nome dele é Ivan Maia de Vasconcellos. Ele incentivou e eu comecei. [Seiko]

Eu estava flanando na vida, fazendo o primeiro ano de quem terminava o ginásio. Fazia o normal e não estava gostando. Aí, eu encontrei uma amiga de infância que disse: "eu vou fazer um curso de obstetriz. A minha tia vai fechar o consultório e ela vai passar o consultório para mim". E como ela era minha amiga muito íntima, eu falei: vou também. A minha família era uma família mais moderna, não tinha esses entraves de preconceitos. Meu pai era uma pessoa liberada, minha mãe também. Eles me apoiaram; e eu entrei como gaiata, na brincadeira. Não sabia bem o que eu ia fazer, mas o curso me abriu o horizonte, outro mundo, outras amizades, outra vida que eu não conhecia, e me apaixonei! Tanto, que cheguei a me formar e minha amiga, que tinha dado essa dica da tia dela, não terminou o curso, porque casou, o marido não deixou. Aquelas coisas da época: se ia casar, tinha que largar tudo, porque ia casar. Então, encerra a vida, fecha o livro e vai casar. Acabou. Não estuda, não trabalha, não faz mais nada. [Yara]

Inicialmente, não tinha pensado em fazer nenhuma faculdade na área de ciências biológicas. Eu pretendia fazer em humanas. Tinha feito a minha opção pelo clássico. Naquele ano, alunas da Escola de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo foram falar do curso que elas faziam, num encontro de profissionais para a orientação vocacional dos alunos. Foi paixão à primeira vista. Aquelas moças conseguiram mudar a vida de uma possível professora de história. Dois anos antes, eu havia assistido o parto do quarto filho da minha irmã mais velha, que foi assistido em casa por uma obstetriz. Achei a experiência tão marcante que ganhei um prêmio de redação no colégio por descrevê-la. A minha avó achava uma obscenidade uma moça solteira fazer partos, e a minha avó tinha uma voz muito forte na família, porque ela era mãe do meu pai e eu não tinha pai. Mas, aos poucos eu consegui convencer a vovó e a mamãe que era isso que eu queria fazer, e depois não houve muita contestação. Mas a vovó morreu aos oitenta e cinco anos, e quando ela morreu, eu ainda era solteira e ela se recusava a acreditar que eu fazia parto. [Zuleika]

Dentre as questões incluídas no roteiro de entrevista, foram solicitadas informações referentes ao curso freqüentado. Embora os detalhes sobre as disciplinas, carga horária e funcionamento do curso tenham sido pouco explorados, as entrevistadas fizeram relatos muito ricos sobre as experiências discentes, os professores, o uniforme usado. A seguir, são apresentadas as falas relativas ao currículo e à escola:

> Tinha patologia médica, microbiologia, anatomia, obstetrícia normal, obstetrícia patológica, ética profissional, pediatria, pediatria patológica, farmacologia e tudo o que se relaciona com a medicina. Naturalmente, um pouco mais resumido. Depois, no ano seguinte, nós passamos para o HC, Hospital das Clínicas, e começamos os estágios, plantões. A carga horária era o dia todo. E tinha um plantão semanal. Um plantão noturno. A gente entrava às dez horas da noite e saia às sete da manhã e depois, enfrentava as aulas. As monitoras eram obstetrizes, as monitoras do hospital. Mas os professores eram todos médicos, todos ginecologistas e médicos obstetras. Nós tínhamos uma média de partos, que tínhamos que desempenhar, com uma monitora ao lado. Eu acho que nós tínhamos que fazer, eu não me lembro exatamente, se eram vinte ou trinta partos. Mas eu trabalhava, quando eu estava estudando. Eu tinha muito receio de me formar e não saber enfrentar a vida profissional. Eu ficava apavorada. Então, meu pai tinha um médico, muito amigo dele, e ele me abriu as portas do Hospital São Lucas, que é aqui na Liberdade. E eu, durante o último ano de faculdade, fui trabalhar neste hospital. Eu fazia parto, tocava as pacientes, rompia bolsa. Eu me realizei, sabe? Tinha os médicos estagiários, também. Porque, ele ajudava todo mundo, não era só a mim. Também os médicos que estavam se formando. Eles me ajudavam, mandavam eu tocar, ver quantos dedos – eram dedos, na época, agora é centímetros. Então, eu comecei a me sentir segura. Eu trabalhei lá durante quase uns seis meses. Eu fiquei assim, com uma tarimba, nossa! Eu aprendi muito, só que foi muito sacrifício. Foi muito duro, porque eu trabalhava de noite e de dia ia para a faculdade. Foi duro, porque eu não dormia. [Chiarina]
>
> O curso era todo da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Não era um curso ligado à Escola de Enfermagem. Nós tínhamos a Escola de Enfermagem e a Escola de Obstetrícia. Os dois cursos tinham três anos, e assim que você terminasse, você poderia fazer, de um lado ou do outro, o quarto ano para complementação. Então, você poderia ser obstetriz e fazer o quarto ano de enfermagem, ou ser enfermeira e fazer o quarto ano para enfermeira obstétrica. A carga horária era das sete horas da manhã às dezessete horas, com uma hora de almoço. Nunca nós tivemos uma brecha, um professor faltando, nada do que acontece hoje em dia. O custo era zero. Deixe-me lembrar das matérias: anatomia, fisiologia, parasitologia, farmacologia, psicologia, enfermagem geral, MI, médico-cirúrgica, administração. Depois, tinha as específicas. Nós, até queríamos alguma coisa a mais do que a gente já estava vendo, algumas novidades; uma área toda de genética se abrindo, e nós gostaríamos que estivesse no curso. E o que tinha, que distinguia o profissional de hoje, é o estágio nas várias clínicas, mas já dirigido para o objetivo da obstetrícia. O número de partos que deviam ser assistidos era 50 partos, certinho. Quando nós entramos na obstetrícia, existia um uniforme listradinho, com um aventalzinho na frente e uma touquinha. Talvez na época fosse uma coisa bonita, para nós ela era ridícula! Tinha uma bendita de uma festa da touca, em que o terceiro ano da escola entregava para o segundo, a touca e o Pinard, que era o símbolo da escola, da profissão. Então, o que é que

nós tínhamos que fazer? Em primeiro lugar, nós tínhamos que nos livrar daquele uniforme. Nós combinamos que a gente ia mudar o uniforme. Nós desenhamos um tubinho, cada uma fez o seu. Mas, tinha a touca ainda. Tinha que esperar a festa da touca, para receber. Que é que nós fizemos? Nós fizemos de conta que não tinha a festa, e cada vez que se falava da festa, a gente desviava, falava em outra coisa. E não teve a festa da touca, e a touca acabou. Nós ficamos de uniforme branco, e sem a touca! Eu soube que foi um movimento que acabou recebendo adesão das outras. Logo depois, a enfermagem da USP tirou, um ano depois, o Rio de Janeiro tirou. Ficou todo mundo sem touca! Só que eu vim para cá [na Pro Matre], usar touca, viu? Usei quinze anos! Castigo! [risos]. [Maria Augusta]

[mostra o álbum de formatura] O professor Briquet foi o nosso patrono. Morreu um ano antes da nossa formatura, em outubro de 1953. Era envelhecido, mas era de um porte, que hoje em dia a gente fica lembrando. Meu Deus, que porte! Um professor passando com a equipe de médicos ao lado, e cada um, prestando esclarecimento dos seus pacientes, pois os médicos que faziam plantão tomavam conta da paciente, da internação até a alta. Era uma equipe de mais ou menos seis a oito médicos, inclusive com seu principal assistente, o professor Araújo. Nós, com nossas atribuições, não conseguíamos passar visita com ele, mas a monitora, se quisesse, passava. Eu tenho essa imagem na cabeça até hoje; era uma coisa muito bonita e muito honrosa, que deixa muitas saudades. A nossa Dona Josefina Costa Brito não nos dava aula, foi apenas homenageada. No tempo da minha escola, comemorou-se seus 5.000 partos. Não tenho bem certeza, mas acho que ela foi a primeira parteira do professor Briquet. Ela era muito respeitada. Com mais de 70 anos, ela ainda andava de branco. Kpstiukoff [Anna Kpstiukoff], filha de russos, colega muito competente, está viva. No Sabóia, tivemos um médico que disse que aprendeu a fazer parto com ela. Eu acredito, porque nós ficávamos com muitos acadêmicos. Chiarina [Barbastefano], a mais bonita da classe. Olga Soares Pinheiro: formou-se em enfermagem e depois fez especialização em obstetrícia na nossa turma. Nessa nossa turma, éramos três as mais novinhas. Esse é meu álbum de formatura. É gostoso revê-lo.Tivemos as aulas teóricas pela própria Faculdade de Medicina. Toda a parte obstétrica era administrada por médicos. Tinha estágio noturno e diurno no próprio Hospital das Clínicas. Depois, surgiu o Amparo Maternal, mas nós não estagiávamos lá. Fazíamos enfermagem dentro da obstetrícia e pediatria e, também, auxiliava nos partos cesáreos. Não tínhamos cuidados de enfermagem a homens. Fornecíamos tratamento e cuidados de enfermagem somente a crianças. Me senti satisfeita com o curso. Considero-me uma obstetriz capacitada, em detrimento a muitos médicos. Eu, modestamente, sei a seqüência e a indicação de um fórceps muito mais que médicos. Eu assessorei ótimos médicos obstetras. Eram exigidos 25 partos; fiz 31 ou 32. O curso não onerava, tinha uma taxa mínima. Tínhamos aula pela manhã e estágio à tarde. E depois, dávamos plantões obrigatórios, ou de dia, ou à noite. Só começávamos a fazer parto depois de toda a matéria dada: obstetrícia normal e patológica. Fazíamos esses partos com a monitora. Eram em dezoito obstetrizes. Nos últimos meses do terceiro ano, dávamos assistência às cesáreas. Enquanto alunas, não fazíamos nada sem as monitoras. E qualquer dúvida, era a monitora quem nos auxiliava. O exame foi muito rigoroso: arsenal cirúrgico, horário de esterilização, bem minucioso. Pegou muita gente. A Dona Aparecida França foi muito exigente. Mas, fez bem. Precisa, é necessário. Tínhamos um uniforme e até a touca. E depois, usávamos turbante para entrar em sala. Trocávamos de roupa lá, tínhamos armários. As disciplinas cursadas e administradas por médicos eram obstetrícia normal, patologia médica, fisiologia,

parasitologia e higiene, anatomia, microbiologia, farmacologia, análises clínicas, puericultura neonatal, ética profissional, ginecologia, patologia da gestação, patologia cirúrgica. As disciplinas cursadas e administradas por enfermeiras eram enfermagem cirúrgica, enfermagem geral. [Maria Lutfi]

Foi um curso de três anos, período integral, sendo os dois primeiros anos de enfermagem e o terceiro de obstetrícia. Os professores eram a Tamara, Paulina, Doroty, Dulce, Dona Malvina. Não tinha custo. As disciplinas eram enfermagem, anatomia, fisiologia, parasitologia, pediatria. E, no terceiro ano somente obstetrícia. Teve administração também. Não me lembro do número mínimo de partos que tive que assistir, mas fiz quase cem partos. O grupo era pequeno, aproximadamente trinta alunas, e o estágio foi no Leonor [Leonor Mendes de Barros], sendo que, na época, não havia residência, dando a oportunidade de serem feitos quase cem partos por aluna. [Maria Nakashima]

A carga horária era período integral. Nosso horário era das sete da manhã às dezessete horas. Nós não tínhamos nenhum gasto. No primeiro ano, nós fizemos mais a parte de obstetrícia, enfermagem, e quando nós fomos para a USP, nós fizemos todas as disciplinas: clínica médica, psiquiatria, pediatria, todas as disciplinas da escola de enfermagem. O número mínimo de partos era vinte e sete. Tinha um pessoal que fazia a enfermagem e depois podia fazer a especialização de obstetrícia. O uniforme era o guarda-pó, sapato branco. E os cabelos, as professoras tomavam muito cuidado com os cabelos presos. Os professores, existiam os vários, mas eu lembro de algumas, por exemplo, a professora Telma, a Paulina, a Maria Alice, a Dona Malvina. [Mieko]

A escola era no Hospital das Clínicas. Era uma salinha no décimo andar. Tinha uma escadinha de madeira, e você subia na salinha. No décimo andar, subia mais uma escadinha, e era lá em cima nosso vestiário. Tinha os armários e tudo. Nós tínhamos os professores de obstetrícia normal e patológica, que eram da Faculdade de Medicina: professor Bussâmara Neme, que naquela ocasião era o catedrático da Faculdade de Medicina, o professor Milton Maretti. E nós tínhamos as monitoras. Não eram docentes. Eu posso dizer que as monitoras, algumas delas excelentes, me ensinaram muito. Eu fui muito boa aluna. Eu nem sabia, mas quando a Maria Lucia estava fazendo a história, ela me falou: “você ganhou um prêmio, não é?” E eu nem me lembrava mais disso. Eu fiz a passagem do estetoscópio na minha turma. Eu me dediquei muito. Eu tinha muito prazer. Eu fiz um curso me realizando o tempo todo. E comecei a fazer parto no terceiro ano, com uma monitora excelente, a Sosue. Eu me lembro do primeiro parto, e eu fiz trinta e seis partos. O nível de exigência era muito grande, na disciplina e no comportamento. Introdução à enfermagem eu tive com a monitora chamada Dona Midori, exigente até! Era obstetriz competente, exigente: uniforme, a redinha no cabelo, a unha cortadinha, nada de bijuteria. E o nível de exigência para a assistência! Eu ficava no sábado. Eu saia às quatro e meia da tarde aqui do Hospital das Clínicas e precisava deixar a coisa feita. Ela ia avaliar de perto aquilo que a gente tinha feito. Ela era uma pessoa rígida, não pensa que era uma grande amigona, nada. De pouquíssimas palavras. Ela era de poucas palavras, mas tinha muito conhecimento. No segundo ano, nós tivemos microbiologia, parasitologia, anatomia, moléstias infecciosas, todas as patologias. A nossa monitora se chamava Coraci, que depois ficou monitora na Escola de Obstetrícia. Quando a escola veio para cá, ela ficou em moléstias infecto-contagiosas. Nós atravessávamos a rua e íamos ter lá, tudo! Porque naquele tempo, as matérias básicas ainda eram na Faculdade de Medicina, não estavam lá embaixo. Nós tínhamos uma

parte que era assistência de enfermagem, tanto que eu fiz um estágio na ginecologia, que eu lembro que foi um dos estágios mais pesados que eu tive. Naquele tempo, tinha pacientes de radioterapia e eram enfermarias grandes de dez, doze pacientes. Eu me lembro de ter ficado sozinha cuidando das doze. Eu me lembro que eu fiz um cronograma. Isso eu me lembro tão bem, porque foi um dos dias que eu mais me lembro de ter trabalhado. Uma preocupação muito grande, que quando estava chegando no final do meu dia, eu fui ver se alguém queria cortar a unha, porque eu já tinha feito tudo! E uma paciente olhou para mim e falou assim: "nossa como você é esperta, como você conseguiu fazer tudo!" Eu trabalhei tanto, tanto, que eu me lembro que eu sentei no vestiário e eu pensei: eu vou ficar descansando uma hora aqui, eu não tenho coragem de ir para casa. Porque, eu ia a pé até a Rua Augusta, para pegar o ônibus. Eu não agüentava, de tão cansada que eu estava. Ginecologia, toda a parte de obstetrícia normal, toda a parte de neonatologia, nós tínhamos com a nossa monitora, que era a professora Toribia, e a Dona Dilce. Nós tivemos centro de material e centro cirúrgico com monitoras. E nós tínhamos uma sala de técnicas. Esta sala tinha todo o instrumental. Era no nono andar. No décimo andar, tinha a ala sul, que era centro obstétrico e tinha as salas de pré-parto. A ala norte era obstetrícia normal. Tinha uma enfermaria de dez leitos, que era cesáreas, fórceps. Os demais, eram todos puérperas normais. A ala central era de gestantes patológicas, onde é o berçário, hoje. No terceiro, ano era tudo patológica, na parte de neonatologia, na parte de obstetrícia; e nós começávamos sala de parto. Administração não existia no meu currículo. Era tudo com estágio, muito pesado. Estágio, prova escrita e oral. Prova oral de obstetrícia normal era com as monitoras e com os professores. Nossa! Com o Professor Neme, era de ficar nervosa... era um nível de exigência e formalidade... O uniforme era à semelhança do daqui. Era azul listradinho com gola branca, que era retirável, porque era engomada a abotoadinha; um punho branco e avental branco por cima. E, como o pessoal daqui morava aqui e as roupas eram lavadas aqui, na Escola de Enfermagem, as alunas andavam com o avental engomadíssimo. E elas iam a pé daqui para lá. Tanto, que quando elas chegavam no almoço, elas tiravam para não amassar. Nós não tínhamos isso lá. Nós tínhamos que levar o avental para casa e pegar ônibus. Lá (na Escola de Obstetrícia) todo mundo vinha de casa, mas nós víamos o uniforme das alunas daqui. E nós fizemos uma vaquinha, compramos um ferro e uma tábua de passar e nós passávamos o nosso avental no vestiário, porque amassava no ônibus. Para ficarmos no nível das daqui, porque elas andavam impecáveis. Touca, redinha no cabelo, era assim. E exigentíssimo, visto no detalhe. Nós chegávamos de roupa só para chegar até o vestiário. O resto, aula teórica ou estágio, nós tínhamos que estar com algum uniforme. Era bem rígido. Naquela época, eu nem percebia as estruturas de poder e como se davam as relações. Nós nunca tivemos problemas para ter uma aula. Ninguém faltava, nem os professores, nem as monitoras. A relação entre eles era muito amigável, educado. Eu não tinha queixas. Eu não me lembro de alguma coisa que depreciasse. Pelo contrário, nós tínhamos que saber porque era importante o que nós íamos fazer. As coisas eram harmônicas, aparentemente. Naquela ocasião, eu não tinha uma crítica para perceber o que eu percebo hoje. Na verdade, era uma relação de doação: "ah, vamos dar aula, porque precisamos formar estes elementos, porque eles são importantes, para que eles sejam a estrutura para nós podermos trabalhar, pesquisar, desenvolver. Nós vamos produzir o conhecimento". E as obstetrizes, no Hospital das Clínicas, carregavam um piano pesado, seguravam toda a estrutura. Tudo aquilo que não era de interesse para os médicos, eram as obstetrizes que faziam. Nós estávamos sendo formadas para isso. Era deixar tudo pronto para o doutor chegar e fazer a parte dele: o exame

clínico, a prescrição e pesquisa. Eles faziam pesquisa, nós fazíamos assistência. Era assim a regra do jogo. [Paulina]

O curso era período integral e, como era na USP, não tinha custo nenhum. Era junto com a Faculdade de Medicina e, como as matérias básicas a gente tinha em conjunto com os alunos de obstetrícia, a gente tinha um entrosamento muito grande. Então, a aceitação era grande. Eu, pessoalmente, fiz 200 partos, todos no último ano, na Casa Maternal. A gente usava vestido branco como uniforme básico. [Raquel]

O curso era naquela época de dois anos. O curso custava 50 mil réis, o mínimo de partos, 25. O uniforme era branco, como agora, e tinha touca. Não podia deixar de usar touca. As matérias... são tantos anos, nossa, eu já esqueci. Bom, anatomia, microbiologia, farmacologia, clínica médica, patologia, cirúrgica, enfermagem. [Seiko]

Era a melhor escola de São Paulo. Você tinha um orgulho de ser da USP. No décimo andar do Hospital das Clínicas era nossa escola. Era minúscula. O meu grupo tinha treze alunas, sendo umas nove japonesas ou descendentes nisseis. E, nós, quatro brasileiras. Elas vieram de Bastos, de Casselândia, elas mal falavam português. Então, quando tinha exame oral, era uma dificuldade. Elas quase sempre levavam bomba, porque elas eram tímidas, também. Não eram como as japonesas de agora, não. Eram muito quietinhas, comiam de palitinhos, de rachi, no vestiário. Só falavam japonês entre elas, até que um dia nós brigamos, demos um basta: aqui tem que falar português, pelo bem de vocês também. E porque ficava duas facções dentro daquela salinha que nos deram, um desconforto total. Cheio de armários pequenininhos, de vestiário, um banco e acabou. Esse era o nosso local de trabalho. Os uniformes eram levados para casa, eram engomados, bem subservientes, daqueles bem de coitada, mesmo. Era um vestidinho riscadinho de azul e branco, de aluna, mais uma bata de um tecido brim, que era engomado, mais uma touquinha, sapato branco etc. Eu nem me lembro, mas eu acho que o número mínimo de parto que a gente saía era uns vinte ou trinta. Eu sei que no primeiro ano, no primeiro semestre, você só tinha aulas teóricas e no segundo semestre você começava acho que aplicar injeção, ir no banco de sangue pegar veia. Um estágio muito rápido em outras disciplinas. Os tetânicos, para a técnica de isolamento. Mas, era pouca essa carga horária nestes diversos setores. Eu não fazia pronto-socorro, não fazia ortopedia, não fazia psiquiatria, porque a minha formação não era enfermeira. Eu era obstetriz. Então, logo no segundo semestre do primeiro ano, a gente já ia para ala norte, cuidados pós-operatório, fazia higiene oral, via as loquiações, via temperatura. Não tinha contato com grávida ainda. E aprendia a ligar um soro, ver pediculose. Tudo que era terrível, era para nós. Então, carregar comadre cheia, tudo para coitada da estudante de obstetrícia. Arrumar a cama, limpeza de unidade, mas era para lavar! Não era para mostrar a técnica da limpeza de unidade, era para pegar a cama e virar do avesso e o criado mudo e etc. Era braçal mesmo o negócio, nesta época. No segundo ano, a gente já foi para ala sul, que era sala de parto e berçário dos normais, e ambulatório. No ambulatório, a gente ajudava a enfermeira, a obstetriz encarregada, que era a Dona Catarina, uma alemã. E. tinha vários médicos, muito importantes para época, que trabalhavam no ambulatório. A gente pode dizer que, nessa época, a gente conheceu médicos muito famosos, porque as Clínicas era muito importante. Não tinha seguro-saúde. Então, o doutor fulano de tal era médico da classe A. Então, toda a granfinada era motivo, assim, de status ser cliente do fulano de tal. E, no ambulatório a gente atendia o pessoal das Clínicas, gente muito pobre, que ia fazer seu pré-natal ou fazer o retorno depois do parto, com a Dona [...], uma obstetriz velha, manca, gorda. Ela via os curativos

> umbilicais, retornos, quando a mulher ia para casa. Depois, ela voltava, mostrava o curativo umbilical. Então, a criança vinha toda assada, toda contaminada, tudo uma desgraça total! Ela brigava muito com as pacientes e a gente era aluna, dava muita risada com ela, com o jeito daquela velha. Depois, a gente ficou velha, também. Foi uma boa escola! O médico fazia o toque; a gente fazia, também. Então, a gente tinha muita experiência. Comecei adquirir experiência na palpação, que era muito importante, não tinha ultra-som. A Escola de Obstetrícia, na minha época, era muito rígida. As alunas não podiam namorar médicos. A gente conhecia os médicos pelos sapatos, porque você só olha para baixo. Se você fosse um pouquinho mais insinuante, mais atirada, você corria o risco de não fazer o curso. Outro medo que elas tinham, muito grande, é que a gente fosse fazer aborto. Então, era uma perseguição total. Eles falavam e davam livros para gente ler. E aí, com toda essa lavagem, nós éramos o entusiasmo de fazer parto, que ajudava fazer nascer! Não vou me envolver com anticoncepção. A idade faz com que você seja uma idealista. A lavagem cerebral, a prática, o conhecimento, enfim, tudo isso. Eu sempre trabalhei em hospital, não segui nada disso. Já te falei que a escola era muito austera. Muito brava, a Dona Madeleine. A Dona Elvira, nossa monitora, que dava os mecanismos de parto, passava visita nas enfermarias. E os nossos professores eram todos médicos. Tinha o professor Neme, Milton Maretti; professor Lacaz e outros, que foram deportados na época do AI5. Naquela época da ditadura. [Yara]
>
> O curso era de três anos, sendo o bloco teórico com 2.661 horas-aula e os estágios com 2.028 horas-aula, num total de 4.689 horas-aula. O número mínimo de partos era sessenta. Mas, quase todas as alunas, que eram vinte por turma, faziam o dobro. As aulas teóricas eram ministradas por médicos e por algumas obstetrizes. Convém dizer que até 1962, a Escola de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo não era de nível universitário. Os profissionais eram de nível técnico, embora fosse uma excelente escola. A partir de 63, foi reconhecida pelo MEC como faculdade. Houve uma reestruturação no currículo e a escola ficou melhor ainda. O nosso estágio era acompanhado por obstetrizes e, raramente, por médicos. Quando a minha turma entrou na escola, havia um uniforme que a gente achava muito feio. Era um avental xadrezinho e por cima tinha um avental branco, e uma touquinha branca. O uniforme mais parecia de uma copeira. Então, nós resolvemos fazer um levante e mudar o nosso uniforme. Conseguimos fazer com que a gente usasse um vestidinho branco, muito bonitinho, bem fechado, com a manga até o cotovelo, com o nosso nome bordado no próprio uniforme. E, nós resolvemos tirar a touca. E conseguimos fazer essa revolução. As alunas do segundo e do terceiro ano gostaram muito, porque quando mudou o uniforme do primeiro ano, as do segundo e do terceiro mudaram também. [Zuleika]

A imagem social da obstetriz pode ser um elemento que, ao lado da opção pelo curso e da educação recebida durante a formação, compõe a identidade profissional. Nesse sentido, as respostas das entrevistadas sobre como eram consideradas as obstetrizes e enfermeiras, na sua época de estudante, são apresentadas a seguir:

> Eu acho que sempre existiu e continua existindo uma diferença, para a população, de uma maneira geral, entre o que é a enfermeira e o que é a

parteira. São coisas bem distintas para um leigo. Com funções diferentes. E a população ainda acha que a enfermeira é um pouco inferior à parteira, por incrível que pareça. Na minha época, já era obstetriz, era este o título, mas eles acham que a obstetriz é um profissional que é quase médico. Não desmerecendo nem o médico, nem a obstetriz, nem a enfermeira. Mas, é assim que o povo vê: a obstetriz é um quase médico. Talvez eles até achem que é uma atividade mais nobre do que a da enfermeira, porque a obstetriz é uma coisa extremamente bem definida; a gente consegue enxergar o papel, para que serve, o que faz. Se você perguntar para uma pessoa: "você tem duas opções, quer que uma obstetriz, uma parteira, ou uma enfermeira faça seu parto?" Ela vai querer parteira. Porque é muito mais fácil dela compreender. Ela enxerga que é alguém que sabe o que está fazendo, porque é aquilo que ela precisa no momento. Se ela estivesse com outro problema, provavelmente até ela escolheria enfermeira. [Maria Augusta]

A enfermeira era vista com aquele respeito e rigor. Uma coisa que eu nunca consegui entender foi o porquê dessa rivalidade entre enfermeira e obstetriz. Eu via aquela pequena rivalidade e hostilidade, mas não comigo. Eu acho que elas ficavam mais enciumadas e não queriam nem que a gente tivesse o título de enfermeira obstétrica. A Marina de Vergueiro Forjaz, enfermeira, dava aulas de enfermagem geral, foi quem escolheu o nome obstetriz. Dizia: "nós somos obstetrizes, e não enfermeiras obstétricas. Não somos enfermeiras". No meu meio, a obstetriz era muito bem vista e muito bem quista. Me lembro sempre da frase de um contador de papai que dizia: "você tem uma profissão sublime". Numa ocasião, fui com uma amiga na Sete de Abril, fazer um teste para secretária executiva, para trabalhar para um advogado. Ele estava ditando uma carta, eu não conseguia pegar, e ele disse: "Maria, você tem uma profissão tão bonita e quer mudar? Não faça isso". Eu não ia deixar a minha profissão, eu queria mais adicionar um outro conhecimento fora da área de saúde. Foi essa frase que eu nunca esqueci. Foi muito bonito isso que ele me falou. É verdade, naquele tempo as secretárias não eram lá muito bem vistas, não sei porquê. [Maria Lutfi]

A enfermeira ficava na parte administrativa e nós ficávamos na parte assistencial. [Maria Nakashima]

Eu acho que na época, a obstetriz e a enfermeira tinham uma certa divergência. Parteira, obstetriz, eram vistas como alguém para auxiliar o parto, para estarem ajudando na maternidade. E a enfermeira ficava na supervisão. Existia, para falar a verdade, uma certa rixa. Nós, da escola, quem cursou obstetrícia, fomos bastante massacradas pelos professores da USP. A gente via uma diferença muito nítida, dos professores de enfermagem perseguindo a gente. Nós sofremos bastante, na época, a diferença entre ser enfermeira e ser obstetriz. Acho que daí, quando nos formamos, a gente criou uma certa distância entre enfermeira e obstetriz, que acho que continua até hoje uma certa rixazinha. [Mieko]

Não era uma profissão de prestígio social e não aparecia muito. O que foi bom para mim, é que a família era algo muito importante para mim. E eles foram absolutamente favoráveis, totalmente. Apoio da minha mãe, do meu pai, das minhas irmãs. Mas, que tivesse um prestigio, não tinha. Mas, como isso não era importante para mim, eu não sofri. Eu vivi a profissão intensamente, desde o começo, com muito prazer. Então, isso não me incomodou. [Paulina]

Naquela época, eles não queriam saber de médico. Era parteira, mesmo. Então, tinham respeito. Mesmo no hospital, elas não queriam médico.

> Acho que tinham vergonha, sei lá. Todo mundo procurava mais parteira do que médico. [Seiko]

> A enfermeira era vista como uma mulher liberal, uma mulher diferente das outras; que estava em contato com a vida. Com as coisas da vida. E uma obstetriz, então, com a sexualidade. Então, eu achava bom! Achava que a gente tinha que saber tudo. Eu era solteira, e um paquera, uma conversa que ele teria comigo ele não teria com outra moça. Então, ele perguntava coisas, que na época era reprovável um rapaz perguntar. Então, se sentia muito à vontade sobre doenças venéreas, sobre corrimentos femininos e coisas que tais. Quer dizer, quase que virava uma consulta. Então, até quando eu casei, meu marido falava assim: "eu não falo isto com a secretária, eu não conto uma piada". A parteira, justamente é uma moça muito mais liberada do que a maioria das moças que escolhiam outras profissões: as professoras, a nutricionista. Ninguém ia contar coisas para elas, ou fazer consultas de doenças venéreas etc. Era para nós que faziam, facilmente. Outro conceito, uma mulher mais aberta. [Yara]

> Há trinta anos, a sociedade achava que as mulheres que trabalhavam nos hospitais eram muito liberadas e eram mulheres de conduta moral questionada. Acredito que ainda hoje exista este preconceito, apenas de maneira mais restrita e velada. Até os dias atuais, o respeito e a consideração à nossa profissão é raro, e se restringe aos nossos familiares e amigos. Na sociedade de hoje, o respeito do profissional de saúde é sempre voltado pro médico. Isso é uma coisa que eu procuro mudar ao longo de minha vida. Em relação à diferença entre a enfermeira obstétrica e a parteira, eu acho que também havia uma diferença, porque atualmente o médico vê a enfermeira de forma diferente que via a obstetriz. Principalmente, os médicos mais velhos confessam que confiam mais nas parteiras antigas, como eles dizem. E os médicos atuais, muitos nem sabem que enfermeira obstétrica pode fazer parto. Eles ficam pasmos quando a gente diz que pode e que existe uma lei que regula a nossa profissão, e que a gente pode fazer. Então, de um lado havia conhecimento e havia confiabilidade. Atualmente, existe desconfiança e desconhecimento. Mas, à medida que ele conhece o profissional, principalmente o obstetra, a equipe de enfermagem, os auxiliares e as técnicas de enfermagem, eles acabam respeitando a nossa atuação pela nossa competência. Então, o profissional competente que age de forma ética com a paciente, é respeitado por qualquer um: pela equipe de enfermagem, pela equipe médica e pelo resto do hospital. Então, eu acho que o que referencia o profissional é, principalmente, a sua maneira de agir. [Zuleika]

A seguir, são descritas as respostas à pergunta "como gosta de ser chamada: obstetriz, enfermeira obstétrica, enfermeira obstetra, parteira?":

> Obstetriz, porque eu não sou enfermeira. [Chiarina]

> Obstetriz. Eu tenho um diploma que faz jus. Aqui, na Pro Matre, o pessoal tinha o hábito de me chamar de parteira. Eu atendia tranqüilamente, sem problema algum. Nunca me ofendi. [Maria Augusta]

> Gosto de ser chamada de obstetriz, porque é o que eu sou. Ou enfermeira obstetra, que passei a ser para a prefeitura, depois que caiu o curso de obstetriz. [Maria Lutfi]

> Como sempre foi, obstetriz. [Maria Nakashima]
>
> Obstetriz ou parteira. [Mieko]
>
> Obstetriz, o meu título. Eu me formei como obstetriz. [Paulina]
>
> Não é questão de gostar ou não gostar, eu sou obstetriz, eu não sou enfermeira obstetra, nem enfermeira. [Raquel]
>
> Enfermeira obstétrica. [Seiko]
>
> Obstetriz. Enfermeira obstetra, eu não sou. Enfermeira obstétrica eu não sou. Parteira dá impressão de curiosa, também não sou. Então, eu gosto de ser chamada de obstetriz. [Yara]
>
> Por formação, eu sou obstetriz. Esse é título que está no meu diploma. Acho muito apropriado este nome, e gostaria inclusive que voltasse. Não me ofende me chamarem de parteira. O que eu sou é parteira, mesmo. [Zuleika]

A Trajetória Profissional

A entrada da obstetriz mais antiga deste estudo no mercado de trabalho ocorreu na década 1940. As demais entrevistadas exerceram, em São Paulo, entre 1954 e o início da década de 2000. Nesse intervalo de tempo, superior a 50 anos, ocorreram profundas mudanças no sistema de saúde, no modelo de assistência ao parto e na formação, inserção e atuação dos profissionais.

As falas das entrevistadas abordam aspectos do trabalho realizado junto às mulheres e da relação com as colegas, médicos e enfermeiras no exercício profissional. Algumas fizeram considerações sobre o salário recebido, as condições de trabalho, as mudanças ocorridas e o futuro da profissão.

Todas, sem exceção, relataram que foi muito fácil obter seu primeiro emprego como obstetriz; foram imediatamente absorvidas pelas maternidades e hospitais paulistanos. A maioria exerceu a profissão de modo ininterrupto. Aquelas que interromperam o trabalho como obstetriz, dedicaram-se temporariamente a atividades na família e retornaram à profissão. À época da entrevista, as obstetrizes Chiarina, Seiko e Yara estavam aposentadas e as demais continuavam exercendo. Várias entrevistadas relatam mais de um emprego concomitante, conciliando jornadas de trabalho diurno e noturno, em instituições públicas e privadas.

É muito interessante identificar as diversas instituições onde as obstetrizes

atuaram. A Pro Matre Paulista foi a principal empregadora deste grupo, pois cinco obstetrizes passaram por seu quadro funcional; algumas, por longos anos, até a aposentadoria. Pela diversidade de instituições empregadoras e pelo tipo de atividade descrita, observa-se que a obstetriz, embora restrita em termos numéricos, foi uma profissional disseminada e muito presente na cidade de São Paulo (Quadro 11).

Quadro 11. Tipo e nome da instituição em que as obstetrizes atuaram. São Paulo, 1941-2001.

TIPO DE INSTITUIÇÃO	NOME DA INSTITUIÇÃO
Hospital ou maternidade **Rede privada ou filantrópica** ***Como obstetriz***	Amparo Maternal
	Clínica Infantil do Ipiranga
	Hospital Cruz Azul
	Hospital do IAPETEC
	Hospital Leão XIII
	Hospital Modelo
	Hospital Nove de Julho
	Hospital Paulistano
	Hospital Santa Catarina
	Hospital Santa Cruz
	Hospital Santa Helena
	Hospital Santa Joana
	Hospital Santa Marcelina de Itaim Paulista
	Hospital Santa Marcelina de Itaquera
	Hospital São João Batista
	Hospital São Luís
	Hospital Zona Sul
	Maternidade Condessa Filomena Matarazzo
	Maternidade de São Paulo
	Maternidade do Brás
	Pro Matre Paulista
	Santa Casa de Misericórdia de São Paulo
Hospital, maternidade ou outra **Rede pública** ***Como obstetriz***	Casa do Parto de Sapopemba
	Hospital Arthur Ribeiro de Saboya
	Hospital Brigadeiro
	Hospital Maternidade Interlagos
	Hospital São Paulo
	Hospital Vergueiro
	Posto de Saúde do Brás
	Posto de Saúde da Vila Mariana
	Pronto Socorro de São Miguel Paulista
	Serviço Obstétrico Domiciliar
Escola ***Como docente de obstetrícia ou enfermagem***	Centro Universitário São Camilo
	Escola de Enfermagem da USP
	Escola de Obstetrícia da FMUSP
	Faculdade de Enfermagem do HIAH
Atividade autônoma ***Como obstetriz***	Com equipe de médicos
	Com o marido

Vale destacar que algumas das instituições mencionadas pelas entrevistadas encerraram suas atividades, mudaram de denominação ou não possuem, atualmente, leitos obstétricos. Outro destaque importante é a participação de três obstetrizes no antigo Serviço Obstétrico Domiciliar (SOD), vinculado ao Governo do Estado de São Paulo, durante as décadas de 1950 e 1960.

Os trechos das entrevistas apresentados a seguir referem-se à atuação profissional das obstetrizes:

> Eu fui trabalhar no Hospital Brigadeiro, do INSS, novinho. O primeiro parto foi no meu plantão. Eles pagavam muito mal. Lá tinha enfermeira obstétrica, enfermeira padrão e nós, as obstetrizes. Elas ganhavam bem mais que nós, e só ficavam na ordem: "faz isso, faz aquilo". E nós, trabalhando, fazendo os partos, cuidando, controlando o trabalho de parto. Elas, atrás de uma mesa, dando as ordens. Aí, nós ficávamos bravas, fomos falar com o diretor, fizemos um abaixo assinado e falamos: ou a gente tem uma melhora de salário, ou nós vamos embora! Não vamos ficar. E ele falou: "então, podem ir embora". E saímos todas. Então, perdemos o emprego [risos]. Todas saíram, não ficou nenhuma, lá. Conclusão: depois desse desfecho tétrico [risos], recém-formada, com aquele pique de trabalho, eu fui trabalhar na Pro Matre, que era considerada uma das melhores da época. Trabalhei 25 anos na Pro Matre. Trabalhei também no Modelo e no Serviço Obstétrico Domiciliar. Fiquei no Modelo oito meses. Lá nós fazíamos tudo. Não tinha médico. A gente só chamava na hora que precisava. Eu fiz 270 partos. Nasciam, às vezes, dois ou três ao mesmo tempo; só tirava as luvas, já ia para o outro. Isso foi em 69. Então, corria para cá, corria para lá. Hoje eu penso: meu Deus, será que eu faria isso hoje? Acho que hoje eu não faria. Mas, se eu fosse jovem faria tudo de novo, faria sim! No SOD trabalhávamos em duas obstetrizes a cada dia. Quando éramos chamadas para fazermos um parto domiciliar, fechávamos o posto, porque havia somente uma viatura e sem viatura não era permitido sair para atender outro parto domiciliar ou realizar atendimento. Então, saíamos sempre em duas. Nós éramos muito respeitadas. Qualquer coisa que havia, nós éramos chamadas, porque era um serviço gratuito! Quando eu entrei nesse serviço, em 64, esse serviço já existia. Acabou em 69. Aí, como eu era funcionária do Estado, funcionária pública, eu fui transferida para o Brás, um posto de saúde, aonde eu fiquei até me aposentar. Mas, o posto de saúde não tem muito a ver com a gente. Aí, eu comecei a fazer pré-natal, porque não tinha médico obstetra, ginecologista. Então, eu comecei a colher Papanicolaou. Depois, no fim, acho que uns dois anos, eu fui chefe do posto. Fiquei com a parte de chefia, mas chefiar posto de saúde é uma calamidade. É muito difícil. Mas, aí acabei ficando, me aposentei. Porque eu fiz 70 anos, e com 70 anos você não pode mais trabalhar no Estado, você tem que sair. Nós tínhamos um salário que era muito ruim. Lá na Pro Matre era diferente. Eram os dois extremos. Eu posso dizer assim: era a riqueza e a pobreza. Porque a Pro Matre foi vista sempre como uma maternidade de pessoa chic, de alto padrão. E era mesmo. Nós, funcionários da Pro Matre, sempre muito bem alinhados. Eu estou falando do meu tempo, hoje eu não sei se as coisas são iguais. A gente andava muito bem vestido, que eu acho que dentro de um hospital o que impressiona muito é o traje. Primeiro, a pessoa tem que ser muito arrumadinha e limpinha. E a Pro Matre tinha isso, porque ela fornecia toda a roupa aos funcionários. Então, além de fornecer, ela lavava a roupa. [Na Pro Matre tinha] só obstetriz. A gente fazia o plantão de doze horas. Atendia, examinava as

pacientes, se fosse um caso de trabalho de parto, internava, telefonava para o médico, porque todas as pacientes tinham o seu médico. A gente controlava o trabalho de parto e chamava o médico na hora em que ia nascer. Nós, dentro do hospital, éramos as únicas. Nós que éramos responsáveis pelo plantão. Hoje tem o neonatologista, tem o pediatra de plantão, tem o obstetra. Mas, nós fazíamos tudo, porque a gente sabia o que estava fazendo. Tinha muita capacidade, modéstia parte. Agora, eu acho que dentro da maternidade, a obstetriz perdeu muito o seu campo de trabalho. Porque ela já não é mais dona da situação. Os médicos tinham uma confiança em nós muito grande. E, quando você chamava o médico, eles vinham numa confiança total. Nós, quantas vezes chamamos: doutor Fulano, tem que vir para fazer uma cesárea; está em sofrimento fetal. Não pense você ele ia procurar ver se tinha sofrimento ou não. Ele dizia: "põe na sala, que eu já estou indo". E eram professores, não pense você que eram esses obstetras hoje formados, recém-formados. Eram todos professores catedráticos. Então, você veja o poder que nós tínhamos. Mas, hoje acho que tudo isso mudou. Você diz para sua paciente: "olha eu vou fazer cesárea". Isso não é Obstetrícia. A Obstetrícia é você fazer o parto. Eu fiz parto de gêmeos, eu fiz parto pélvico. Eu acho que agora só cirurgia. Você deve ter suas amigas casadas, que têm filhos; você deve ter visto que a maioria é cesárea. Eu tenho também em casa. Apesar, que na minha família, os meus sobrinhos todos nasceram comigo, eu fiz os partos deles. Todos partos normais. Agora, eu tenho sobrinhas, que já não deram à luz normal. Fizeram cesárea. Então, você vê que as coisas já evoluíram para um outro lado. [Chiarina]

Eu sempre fui muito falante, muito brincalhona. Falei: gente eu vou começar a trabalhar no primeiro de janeiro, de dia. Pensei: vou no Nove de Julho. Cheguei lá e perguntei se tinha alguma vaga e marcaram para mim um teste para o dia seguinte. Fiz um teste com cinco dissertações de obstetrícia e um psico-teste. O Nove de Julho tinha quatro obstetrizes, uma para cada plantão, só que iam ampliar a maternidade. Então, no dia 20 de dezembro – minha formatura foi no dia 21 – eu passei lá e soube que tinha sido aprovada, mas que eu precisava dar um plantão para eles verem o que eu sabia na prática. Então, perguntei quando e disseram: "quando a senhora quiser". Eu disse: se precisar de experiência, não tenho. E, naquela época, eu ouvi assim: "se a senhora nunca começar, a senhora nunca vai ter experiência". No dia 30 de dezembro eu voltei, para dar um plantão de doze horas. Só, que o diretor ficava atrás. Cada coisa que você fazia, ele perguntava o que era, se fazia uma anestesia local, ele queria saber o que você estava fazendo, que dose, porquê, onde você ia aplicar, que músculo você estava cortando. Quando acabou o plantão, eu recebi o recado que quando eu trouxesse os documentos eu estava apta a começar. Dia primeiro de janeiro, eu comecei a trabalhar, durante o dia. E eu não me lembro do dinheiro da época, mas era 1.000. Era um salário bom! E lá fiquei um bom tempo. Eu já dei plantão como obstetriz muitos anos, já supervisionei alas de internação, berçário, UTI neonatal. Curti isto a minha vida inteira. Depois, eu fui para a gerência. A gerência é bastante abrangente, tanto lá no Santa Joana, quanto aqui [na Pro Matre]. Você pega toda a parte de hotelaria, até uma parte administrativa. Quando comecei a trabalhar, nós atendíamos todas as pacientes. Quando a paciente tinha seu médico, a gente acompanhava o trabalho de parto. Mas, um grande número, a gente fazia o trabalho de parto, parto e pós-parto. Então, na minha vida profissional eu acabei desempenhando todas as funções que uma obstetriz tem que acompanhar. Em São Paulo, esta ligação com o obstetra, com o médico que fez o pré-natal, não existia ou era muito mais branda, porque a paciente ia para um hospital e acreditava naquela instituição, onde a gente acabava atendendo. Apesar de que, do ponto de vista da paciente, é óbvio que eu acho que hoje, com analgesia,

com anestesia, você tem um parto muito mais agradável, mais feliz do ponto de vista físico. Naquela época, se fazia um parto normal com local. Depois disso veio o *boom* das cesáreas, cesáreas para tudo quanto é lado, na data, fora da data... e os berçários cheios de prematuros. Agora, é uma luz no fim do túnel. Aqui na Pro Matre, nós já estamos inaugurando nossa LDR [Labor Delivery Room]. A gente tem ainda, infelizmente, na rede privada, um índice de cesáreas de 80%. Hospitais da rede privada, famosíssimos, que chegam a 98% de cesáreas, porque não têm um pré-parto bem feito para uma mulher dar à luz. Então, a rede privada ainda é a grande vilã nesta história. [Maria Augusta]

Logo que me formei, comecei a trabalhar no saudoso Matarazzo. Foi o primeiro hospital em que fui. Trabalhei seis anos. Porém, a pedido insistente do meu pai... a minha irmã mais velha, que era contadora e o ajudava no trabalho, casou-se. Fui ajudá-lo, ficando praticamente nove anos sem trabalhar... sempre estudando fazendo cursos de atualização e pós-graduação, porque eu pretendia retornar, como retornei. No Matarazzo, era obstetriz e atendia também a parte de neonatologia, no berçário. Éramos duas obstetrizes. Eu ficava com Anna Kpstiukoff. Atendíamos pacientes de níveis sociais bem diferentes. No trabalho de parto, elas eram ativas, não ficavam na cama, tomavam banho, comiam dieta leve. Eu não fazia muito toque, controlava o trabalho de parto por dinâmica uterina e pelas condições da paciente. Entravam muitos pacientes do IAPI – entidade de maior número de associados – com abortamentos. Essas, nós apenas admitíamos para a ginecologia, mas não dávamos assistência. Nessa época, o Matarazzo era particular e tinha um setor totalmente gratuito. Me lembro uma ocasião, quando chegou uma senhora italiana e o marido da paciente falava pra mim: “por favor, me chama a parteira”. E a atendente dizia: “mas ela é a parteira”. Eu tinha cara de menina [sorriso]. Quando eu passo por lá e vejo aquilo, o que era e o que é, eu me emociono. Outro dia, entrei e vi aquela porta, a mesma de quarenta anos atrás. Ah, meu Deus! Lá eu adquiri grande tarimba. Hoje em dia, não é qualquer profissional ou médico que pega uma paciente com gravidez abdominal. Já tive a oportunidade de ver uns quatro casos. E uma vez eu internei uma paciente. Tenho até hoje a lembrança do exame do toque que eu fiz nessa paciente. No toque, achei diferente e no dia seguinte estava aquela polêmica: era ou não prenhez abdominal? Tanto é que o professor Delascio fez um trabalho sobre prenhez ovariana, e a idéia veio desse caso. O que me chamou a atenção, foi o toque e a ausculta desse bebê. O foco ficava quase que na coluna. A paciente estava com dor e não era contração. Umas dores que ela nem conseguia responder às perguntas direito. Eu fui a obstetriz do professor Delascio e deixei o caso para ele. Na cesárea, foi retirado o feto vivo, masculino. Fiquei como obstetriz no Pronto Socorro Municipal de São Miguel. Não tinha competição entre nós e os médicos, quando eles queriam faziam os partos, eles eram os donos. A gente fazia os partos, porque eles pediam para que fizéssemos. Como está se fazendo muitas cesáreas, escasseou o trabalho de parto e parto normal. Mas, eu nunca deixei de fazer, por princípio, o que a gente aprendeu. Porque, novidades não superavam o que a gente tinha como conhecimento e prática. Enfermeiras obstétricas, valorizem a profissão que tem em mãos, observando e dando o devido cuidado que ela merece. E sucesso! Com esse problema do PAS [Plano de Assistência à Saúde da PMSP], muitos funcionários não aderiram, e eu estou atualmente em Jabaquara. Estou aplicando a enfermagem em creche. Ainda não me aposentei, porque fiquei muito tempo sem trabalhar. Estou esperando atingir a idade, que não está muito longe. [Maria Lutfi]

Foi fácil arrumar emprego. Trabalhei no Hospital São Luís, Hospital

Nove de Julho, em 1974, Hospital São Paulo, Hospital Santa Marcelina de Itaquera, Amparo Maternal, Casa do Parto de Sapopemba e Hospital Santa Marcelina do Itaim Paulista. Fazia admissão, controle do trabalho de parto e parto. Fiz puerpério, berçário e parte administrativa, também. No Santa Marcelina de Itaquera, foi onde eu trabalhei no berçário e no puerpério. No CO, também. Quando eu me formei, a assistência ao parto era muito medicalizada e institucionalizada. Agora, estamos trabalhando com o parto humanizado, onde se procura trabalhar o parto natural. Antes era o tradicional: CO, com episiotomia em todas as mulheres, sem acompanhante, soro em todo mundo, era muito medicalizado. Nesta época, eu sempre fiz episiotomia. Tenho interesse pelas mudanças. Então, você vê que hoje em dia, se você não mudar a sua cabeça e o seu jeito de trabalhar, você acaba sendo excluída do grupo. Mas, eu acho que vale a pena, porque se você não mudar, não se atualizar, você fica para trás. Pode ser enfermeiro, médico. É um paradigma, se você não abrir sua cabeça, você acaba não se atualizando e sendo excluído. E a minha experiência, a troca de experiências com colegas, com o pessoal que veio do Japão, da JICA, da Inglaterra, e fomos experimentando com as próprias colegas, fomos trocando experiências. O que estamos vendo, é que o resultado está sendo positivo. É melhor com deambulação e banho. Imagine, a parturiente chegava, era tricotomizada, feito enteroclisma e leito, jejum. E tivemos que mudar toda a cabeça. Eu sempre trabalhei em equipe com os médicos. É como hoje. Eu sempre trabalho em equipe. Nós, que trabalhamos em hospital, trabalhamos em equipe. Assim, não tenho problema de relacionamento. O número de médicos aumentou muito; então, aqui em São Paulo, a enfermeira acabou perdendo o espaço. E, também, a escola não investiu. Acho que a minha turma foi uma das últimas da Escola de Obstetrícia, que ficou na Escola de Enfermagem. Eu acho que foi por a escola não ter investido na enfermagem obstétrica e, com o aumento do número de médicos, acabou perdendo-se o espaço. Estamos naquela luta. Estamos mostrando o que é melhor e tudo o que estamos passando é porque temos que provar que o banho é bom, que deambular é bom, e a pessoa tem que ver para acreditar. Estamos nesta fase de transição. Ainda falta muito. O que a obstetriz faz, a enfermeira obstétrica é capaz de fazer. Não tem diferença. É a mesma função, só muda o modo de você chamar, obstetriz ou enfermeira obstétrica. Não tem diferença. Estamos no caminho certo. A briga ainda vai ser grande, mas acho que vamos vencer. Eu poderia estar numa posição cômoda, trabalhando num hospital, não esquentando a cabeça, sem correr riscos, sem *stress*. Mas eu estou na luta, na Casa do Parto, porque eu vejo que posso abrir o caminho para as futuras enfermeiras obstétricas. Foi muito difícil. Igualmente, foi no Amparo Maternal, a Ruth, eu, a Terezinha, a Tsuneko e a Magali. Fomos nós que abrimos o caminho. E a briga foi muito feia e nós conseguimos. A briga foi de um ano. Acho que nós estamos conseguindo abrir caminho para que o melhor possa ser feito para a mulher. Com tudo isso, quem acaba ganhando são estas mulheres. Hoje, nós vemos a diferença do parto hospitalar e da Casa do Parto. Aqui, após a alta, as mulheres voltam para nos mostrar o bebê. Esta é a maior satisfação. A emoção aqui é bem maior do que no hospital. No hospital, é tão corrido que você acaba de fazer o parto, volta ao puerpério e nem se lembra que fez o parto daquela mulher. Aqui você lembra de cada parto que fez, as mulheres voltam, mostram o bebê. Isto é bem gratificante. Os pais são participativos, choram. Quando não é o pai, é a mãe, a sogra. [Maria Nakashima]

Foi bastante fácil [arrumar emprego]. No último dia de estágio, nós estávamos lá na Cruzada Pró-Infância e a professora pediu para que levássemos a nossa lista, a lista de presença. Eu me prontifiquei a levar lá pra escola, na secretaria. Cheguei na secretaria, quando eu estava

passando no corredor, eu vi lá, assim: procura-se obstetriz no Hospital Zona Sul. Eu não sabia nem onde era, só que a zona sul era onde eu morava. Aí, eu liguei lá da secretaria, me informei onde ficava, e era caminho da minha casa. E falei, naquela época, com N. E isso foi numa sexta-feira, oito horas da noite, e ela falou vem aqui. E eu fui, ela me esperou, e nós acertamos pra que começasse. Ela queria que eu começasse no sábado, só que eu não tinha uniforme, não tinha nada. E eu comecei no domingo, dois dias depois, sozinha. Foi uma aventura, mas valeu a pena. E todos os meus empregos, foram assim, por indicação. Pra mim, nunca foi difícil. Eu trabalhei em vários hospitais. O primeiro foi o Hospital Zona Sul. Aí, eu fiz quatro meses na Maternidade do Brás, cobrindo férias. Depois, eu trabalhei no Hospital São João Batista. Aí, eu parei por uns três anos, tive meus dois filhos e voltei a trabalhar no Hospital Paulistano. No Hospital Paulistano, eu fiquei na supervisão, centro de material, centro cirúrgico, clínica médica, pediatria, além da obstetrícia. Lá, eu trabalhei por quatro anos, quase cinco anos. Com os médicos, nunca tive problema. Nós tínhamos um respeito muito grande. Eles respeitavam muito a gente, a nossa profissão. Mesmo no Zona Sul, eu era recém-formada, e no primeiro dia fiz doze partos e fiquei mais perdida em papéis que em outra coisa. Mas, fui muito bem. Eu acho que eles aceitavam muito, davam muito valor ao trabalho da gente. E eu tenho hoje, por exemplo, a minha ginecologista, ela fala: você foi minha professora. Quer dizer, eles eram acadêmicos. Nós ensinávamos os médicos a fazer o parto. Então, era muito legal, antigamente, entre médicos e nós não tínhamos problemas. Fora o trabalho de assistência ao pré-parto, em alguns hospitais fazia a parte de admissão, puerpério, e também a parte de orientação do RN, cuidados puerperais, cuidados em casa. Nós fazíamos mais parto normal, e os médicos também eram mais a favor do parto normal. De repente, começou assim, parto cesárea, tipo convênio, médico particular, e eles, eu acho, forçavam muito para parto cesárea. Acho que em 77, 78, 79, 80, foi o auge do parto cesárea, tudo era parto cesárea, não se fazia mais parto normal. Era muito raro. Só quem realmente não tinha muitas condições financeiras, ia para o SUS, que na época era o INPS, então era parto normal. Os que eram um pouquinho diferenciados, que podiam pagar um pouquinho, já iam pra cesárea, com hora marcada. Era chique, na época, fazer cesárea, com médico particular. Pagava-se, às vezes, até em mensalidades, mas fazia-se cesárea. Na época, eu via muitos médicos, por pouca quantidade, fazerem cesárea. Então, aquilo também me deixou bastante chateada na época. Foi um dos motivos pelos quais eu saí do hospital, era só cesárea, cesárea. Depois, fiquei trabalhando com equipes médicas durante quinze anos e voltei pro Amparo. Freqüentava muito o Hospital São Luís, Santa Joana, o Einstein, o Nove de Julho, que ainda tinha naquela época maternidade, o Santa Catarina, o Panamericano. Vários hospitais onde eu participava, muitos eram assim, noventa e nove por cento dos partos eram cesárea. E a gente não via mais parto normal. Nesse intervalo, eu também fiz a parte de acupuntura, massagem terapêutica, e de repente deu um clique. Quis voltar a trabalhar como obstetriz, parteira, partejar mesmo. E foi quando eu fiquei conhecendo uma amiga da Ruth e ela me indicou, e eu comecei a trabalhar no Amparo, há três anos atrás. Eu acho que obstetriz não tem mais, porque a nossa turma foi a última que se formou, em 72. Eu me espantei bastante porque, como eu já havia comentado, quando eu voltei, depois de quinze anos, me espantou muito que o número. Parece que parou de ter obstetrizes, não tem enfermeiras. Então, parou no tempo e agora parece que estão dando ênfase à formação de enfermeiras obstétricas. Eu acho que nós temos muito mais bagagem, muito mais conhecimento e mais vivência, mesmo recém-formadas, do que o médico, para fazer o atendimento ao parto. Por nós sermos do mesmo sexo, nós temos mais afinidade, a gente consegue entender mais a mulher do que o

médico, que ele, de um certo modo pode ser sensível, mas não tanto quanto a gente. E eu acho que em nenhuma profissão a gente tem esse momento assim muito gostoso de ver um bebê nascendo, a felicidade de uma mãe, e você falar: fiz a minha parte, e valeu a pena; nem que você tenha ficado vinte e quatro horas, doze horas, seja lá quanto for, e ver a felicidade, e ver que você conseguiu fazer o seu melhor ali. Acho que essa felicidade é uma coisa que eu acho que é muito raro o profissional sentir como a gente consegue sentir. Eu acho que a nossa profissão tem muito futuro. Eu acho que a gente precisa se aprimorar mais. Eu mesma gostaria de estar conhecendo outros lugares, outros trabalhos. A gente está se aprimorando, todo dia a gente está aprendendo. E a profissão, eu acho que tende a crescer. [Mieko]

Eu quando terminei o curso, fui convidada a ficar na escola. A Dona Dilce me perguntou se eu não queria ser monitora. Eu fiquei muito orgulhosa e aceitei. Aí, começou a passar o tempo; era o tempo do Ademar de Barros e ele não abria claros, mas eu queria trabalhar. Eu tinha uma colega de turma que começou a trabalhar na Pro Matre Paulista. Ela me falou se eu não queria trabalhar. E eu comecei a substituir férias e folgas. Eu trabalhava aos fins de semana. Ali, eu acompanhava até a hora de dar à luz e depois o médico chegava. Tinha toda uma aparência. Mas eu falei: não é aqui que eu quero trabalhar. Abriu concurso na Prefeitura e fui trabalhar lá. Antes de eu entrar no Hospital Municipal [Vergueiro], eu prestei concurso para o IAPETEC. Era no Ipiranga. Eu trabalhei no berçário. Justo nessa época, eu prestei concurso para a Prefeitura. Eu trabalhei uns três meses lá. Eu me lembro que durante um mês eu tive que trabalhar nos dois. Aí, eu entrei numa estafa daquelas. E fui trabalhar no Hospital Vergueiro, na obstetrícia. Só as obstetrizes faziam parto. As obstetrizes mais antigas, que não tinham mais condições para ficar em sala de parto – elas mesmas falavam – me chamavam de minha neta. Eu corria tanto lá, que você não acredita, porque elas não conseguiam ouvir foco e tinham medo de fazer parto. Tanto, que quando eu comecei a trabalhar, o que eu vi mais na minha vida foi aposentadoria. Eu achava que eu precisava pensar na aposentadoria [risos] no primeiro ano que eu estava trabalhando, porque era um hospital onde as pessoas estavam com muita idade. Então, esse grupo novo que entrou, nós assumimos, e com o tempo, quando eu organizei, as duas mais antigas passaram para o pré-natal e nós fizemos um protocolo de assistência. Foi um trabalho que eu acho que foi muito bom. Eu tinha uma excelente chefe. E lá me colocou como responsável e falou que eu iria organizar a maternidade do prédio novo. Eu falei: eu não vou, eu não sei fazer isso! Ela falou: "então vai buscar um curso de administração, porque você vai organizar a maternidade do prédio novo". Eu vim aqui nesta escola, porque tinha aquela antiga pós-graduação que não era nível de mestrado, que era de administração de unidades de enfermagem. (...) Das doze enfermeiras que entraram [no Hospital Vergueiro], saímos dez em um protesto das condições de trabalho. Eu tinha feito a antiga pós-graduação de administração e comecei a fazer a de pedagogia e didática. Um dia a Dona Dilce me encontrou aqui na biblioteca e disse: "tenho uma outra oportunidade, não quer ir para a Escola de Obstetrícia?". Trabalhei na Escola de Obstetrícia 1969-70, mas a escola já estava sendo desanexada da Faculdade de Medicina. E eu fui a representante do corpo docente, junto com a dona Dilce, que vinha fazer as reuniões com Dona Maria Rosa, Dona Heloisa e Wanda Freddi, para ver para onde as docentes de lá iriam. Eu vim para cá, fiquei em Administração. Eu ficava com as alunas na Leonor Mendes de Barros, no Nove de Julho e no HC. Isso era em 72, 73, 74. Os anos em que existiu habilitação nesta escola, a parte de administração em maternidade era minha. (...) As obstetrizes eram mais consideradas. Mas, as obstetrizes tinham uma inserção mais subalterna.

As enfermeiras obstétricas tinham outra inserção; na estrutura, elas assumiam algumas posições de maior poder. As obstetrizes, não. Tanto, que quando eu cheguei a ser docente de administração, eu comecei a trabalhar em educação continuada e educação em serviço e fiz a minha dissertação de mestrado... eu cheguei a uma conclusão: que as obstetrizes não procuravam atualização, educação continuada. É porque o campo de atuação da obstetriz lhes proporcionava uma realização de um ciclo completo. Você faz o parto, você orienta, você encaminha esse RN, depois você visita o RN, você visita mãe e você completa algo. Você assume algo e realiza algo, no parto normal, completo. O que eu acho que dá uma condição de realização que eu não via nas áreas da enfermagem. E eu comecei a observar que enfermeira obstétrica se atualizava na prática, observando o serviço, vendo como faziam os médicos, para saber as transformações. Elas discutiam muito com os médicos, recebiam as orientações e faziam. Elas tinham, no dia a dia a condição, de transformar a realidade. A dimensão ético-politica não fez parte da formação da obstetriz. Elas trabalhavam junto com os médicos. E enfermeira obstétrica, obrigatoriamente, entrava nisso na hora que ela estava na unidade. Mas, no resto da estrutura, ela pertencia ao serviço de enfermagem e ao grupo de enfermeiras que galgavam. Hoje, eu tenho consciência disso. Era uma cultura diferente que permeava a formação desse profissional. (...) As colegas da Escola de Obstetrícia tinham muito medo [da transferência para a Escola de Enfermagem] de não serem bem recebidas. Nós viemos todas. E eu percebi que nós teríamos muito mais condições. Teríamos um espaço muito maior para fazer a nossa parte. Então, eu vim com muita satisfação. Eu achei que nós estávamos fazendo um avanço. E acho até hoje. Eu acho que nós avançamos muito, e aquilo que eu acreditava deu certo. Era aqui que nós iríamos fazer carreira acadêmica, aqui nós íamos fazer pesquisa, aqui nós íamos formar corpo de conhecimentos. E, acho que isso aconteceu. Eu acho que na dimensão técnica nós estamos bem obrigada, mas as relações, nós precisamos desenvolver. E usar o nosso espaço sem nos sentirmos ameaçadas. O que chamou atenção... como foi reduzindo o tempo de formação destinado para a enfermeira obstétrica. Eu não entendia, mas como eu não estava muito mais nessa área... [Paulina]

A gente saia da faculdade com o emprego arrumado já, e ainda escolhia. Eu trabalhei na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Hospital Santa Catarina. Eu era assistente do meu marido e atualmente estou no Hospital Maternidade Interlagos. Na Santa Casa, eu estava diretamente ligada com a paciente, eu fazia os partos. No Hospital Santa Catarina, eu fiquei com a parte de chefia da maternidade. Eu acho que o pessoal da obstetrícia saia com muito mais tarimba, muito mais experiência, em relação ao parto, porque tem hoje em dia muitas escolas de enfermagem com pós-graduação, ou especialização, qualquer coisa assim, que sai com vinte partos eu acho isso uma quantidade irrisória. Eu acho que deveria ser visto o futuro da profissão com mais carinho, mais atenção, com mais entrosamento da obstetriz com o corpo clínico do hospital. Porque, a atenção com a assistência que uma obstetriz dá num pré-parto, principalmente, é muito importante. Eu acho que a gente se identifica mais com a mãe; normalmente, tem um pouquinho mais de paciência, isso numa maneira geral. Eu acho que deveria ser feito com mais carinho. Eu acho que a obstetriz devia voltar a ter seu campo, a ter sua posição, cuidar dos partos normais, que realmente eu acho que seria bem melhor do que ficar essa concorrência entre obstetriz e médico. Parar de brigar com os médicos, eu acho isso uma coisa fundamental. Porque, o dia que a gente conseguir entrosar com eles, vai ter melhor campo para nós, a gente vai se dar melhor e vai ficar um trabalho entrosado. Não é tempo de ficar criticando: porque eles fazem isso e nós não fazemos, porque eles ganham

isso e nós não ganhamos. Porque, o problema é deles, se eles ganham, ótimo; agora, o que a gente precisa é se unir pra ir ganhar também. [Raquel]

O meu primeiro emprego foi o meu irmão que me arrumou, porque tinha conhecido no Hospital Santa Cruz. Eu gostei muito. Trabalhei durante um ano, mas sai porque fechou, por causa da guerra de 41. Depois, fui trabalhar na Pro Matre; trabalhei dois anos e gostei muito, depois entrei na Maternidade de São Paulo, na geral. Aquilo era horrível, a gente aprendia muito, tantas coisas, os casos absurdos que hoje não tem. Se eu contar as coisas daquela época: não parava de chegar ambulância, ficava na maca, a enfermaria era grande, a geral, era triste. Trabalhei dois anos na geral, aí mandaram para a particular, fui trabalhar na Baronesa de Limeira; aí, trabalhava com particular. A paciente dava à luz no quarto mesmo, não ia para a sala, só caso cirúrgico. Depois que eu saí da Maternidade São Paulo, eu fui trabalhar na Matarazzo, mas me puseram no berçário. Eu nunca gostei dos gritos das crianças do berçário e eu fiquei quatro dias e pedi minhas contas. Depois, fui trabalhar no Santa Helena. Aí, eu adorei, fazia partos, era um lugar muito bom, gostei demais, fiquei seis anos no Hospital Santa Helena. Saí de lá por causa do horário. Tinha minha casa, não podia ficar doze horas. Fui para Clínica Infantil do Ipiranga, que era oito horas, entrava de manhã às seis horas e saía às duas. Eu fiquei seis anos na Clínica Infantil do Ipiranga. A gente dava a mãozinha para as estudantes, inclusive ensinava a fazer os partos, sutura. Também foi muito bom gostoso. Aí que veio esse negócio de Serviço Obstétrico Domiciliar. Aí, que fui ser funcionária pública, em 1962. Trabalhei oito anos no Serviço Obstétrico Domiciliar. Bom, o SOD era muito bom, mas também era muita responsabilidade. Eu fiquei no Posto Ipiranga. O posto funcionava assim: tinha assistente social, médica, atendente, as parteiras. Eram seis parteiras, elas trabalhavam vinte e quatro horas, um plantão de vinte e quatro horas e um de nove horas. A atendente e a médica ficavam no posto, as pacientes vinham e faziam o pré-natal. Aí, tinha assistente social que, orientava como cuidar da roupa, como esperar a criança, tudo direitinho. Quando a parteira chegasse na casa, estava tudo bonitinho. Em 1969, terminou o Serviço Obstétrico Domiciliar, porque o Estado achava que gastava muito dinheiro para manter e nós fomos remanejadas para posto de saúde. Aí, fazia pré-natal de manhã e à tarde fazia orientações das mães das crianças. Os médicos começaram a fazer parto no hospital; então as parteiras e enfermeiras obstétricas ficavam de lado, só acompanhavam e chamavam na hora. É o pior, não é? O que eu posso dizer futuro? Eu acho que vai aumentar o número [de enfermeiras obstétricas]. Espero que não acabe. [Seiko]

Facílimo! [arrumar emprego] O diretor da escola era o doutor Joaquim Onofre de Araújo. Eu fui boa aluna, então falava assim: “você tem jeito para trabalhar na Pro Matre”. E eu fui convidada assim que saí da escola, para ir à Pro Matre. Eu era muito idealista. No hospital, na Pro Matre e nos outros, você fazia admissão, acompanhava o trabalho de parto; chegava perto do expulsivo, você levava para sala, dava assistência, laqueava o cordão, aspirava o nenê em cima da mesa onde estava o instrumental, fazia um cantinho, aspirava fazia tudo o que tinha que fazer lá mesmo. Depois, é que vinha uma atendente, na época, que enrolava o bebê e levava para o berçário. E a gente fazia o parto, dequitava, fazia a sutura, quando necessário. Isso em outros hospitais. Quando eu fui para Pro Matre, raramente o parto era feito pela parteira, pela obstetriz de plantão, porque, o parto saiu das mãos da obstetriz, que foi formada, trabalhada para dar assistência ao parto. Mas, era um filé *mignon* de dinheiro. A obstetriz é assalariada, ela ganha X por mês, ela não ganha por produção. E para ele [médico], era cliente particular. Então, era uma

nota preta. E então, você ficou assim, descaracterizada, você ficou uma auxiliar de luxo. Você admitia, ligava e dizia: doutor, internei sua paciente, secundigesta, cinco centímetros, colo fino, contrações regulares, pá, pá, pá... toda aquela lenga-lenga que você já sabe. Ele dizia assim: "eu ainda tenho três clientes no consultório, não faça nem enteroclisma, nada, só faz tricotomia e me aguarda, eu te dou outra coordenada daqui a pouco". Então, você segurava as pontas aqui para mulher não dar à luz logo, para o doutor terminar consultório. Você era uma malabarista! Ai de você, se uma paciente desse à luz sem o médico! Você tirava o dinheiro dele. Você não ia ganhar nada, e ele ia deixar de ganhar! Era muito difícil de trabalhar! Você tinha que calcular; ainda bem que não tinha tanto trânsito. Agora, acho que nem dá para calcular. E a gente tinha um tratamento com o médico muito... vamos dizer assim, muito cuidadoso. O médico era muito valorizado, você tratava ele com toda deferência, todo respeito. Na Pro Matre, a gente abria a porta para médico entrar no elevador. É, a gente abria e dizia: oh, Doutor, por favor! Era desse jeito [risos]. Agora eu vejo que as coisas mudaram tanto. Imagine, enfermeira com os cabelos soltos, caídos no ombro, nunca! Eu tenho saudades. Eu vejo, em alguns hospitais o pessoal perdeu um pouco a linha. As coisas mudaram, mas alguma coisa devia ser preservada. Era um jeito mais elegante de você se posicionar de você entrar nos quartos, você tinha um outro jeito de abordar. Eu acho que falta um pouco daquele aprendizado que a gente teve. Eu sempre agradeço a Deus de ter tido o privilégio de trabalhar com médicos muito bons. E outra coisa que foi muito bom, foi esse contato... Isso já mais velha, eu comecei perceber... esse contato com o recém-nascido, esse momento mágico. Quando você tá mais moça, você não tá muito filosofando. Mas, é esse momento mágico de nascimento, que era o maior privilégio. E, também dar aulas para primigestas, para o casalzinho que estava começando a formar uma família, também é uma coisa muito boa. Eu acho que escolhi a coisa certa, que foi muito bom. Tive momentos muito bonitos. E eu sempre fui uma enfermeira que chorei junto com a paciente, meio boboca, mesmo. O tempo da Pro Matre teve suas particularidades, de você não fazer parto, de você ficar como babá de médico, mas também teve oportunidade de conviver com gente que estava na vanguarda, muitos conhecimentos, gente boa. O professor Neme falava para filho dele, que estava como assistente dele: "Eduardo, quando uma parteira ligar para você e disser: 'está com seis centímetros, colo fino', não duvide do diagnóstico de uma parteira. Porque elas tocam muito mais do que a gente". Então, na Pro Matre, pelo menos, a gente era muito prestigiada. Porque era a nata, o *must*, para trabalhar lá. E, para mim essa profissão foi muito valiosa, porque em alguns percalços da vida, ela me serviu como satisfação pessoal e para o sustento, também, da minha casa, graças a Deus. Eu não sei muito bem desse atendimento do hospital público; eu tive pouca vivência. Vamos falar mais da Pro Matre, que é onde eu fiquei mais tempo. A orientação é que a gente ficasse junto com a paciente. Então, você sabia o nome dela, da mãe dela, no outro parto, ela vinha: "quem está de plantão?" É a Yara e a Lourdes. "Ah, então eu quero com a Yara, porque ela já era minha parteira na outra vez". Ficava um laço, uma coisa bonita, uma coisa interessante, não era aquela coisa que você chega, uma toca, depois vem a outra, toca, ela não sabe nem quem, não sabe quem é a obstetriz. Parece que ficou desse jeito agora. Não se sabe muito bem quem é quem, porque é tanta gente que vai passando. Uma fica só na admissão, outra só na sala de parto, outra só no puerpério. A gente fazia acompanhamento total. Isso era muito bom. Muito gratificante para gente. A gente também fazia visita em todas: as pacientes que estavam em observação com bolsa rota, placenta prévia. Assim, a gente tinha um trabalho bonito a ser feito. [Yara]

Foi muito fácil arrumar emprego. Havia um mural na secretaria da Escola,

onde eram afixadas cartas de vários hospitais, oferecendo empregos para as formandas. Eu fui trabalhar, inicialmente, na Santa Casa de Santos e, posteriormente, fui trabalhar no Hospital Nove de Julho e na Maternidade São Paulo. Eu trabalhava em dois empregos. Eu precisava, inicialmente, ganhar muito dinheiro. Depois, eu fui professora auxiliar na Universidade de Guarulhos. Atualmente, eu sou professora responsável na Faculdade de Enfermagem do Hospital Israelita Albert Einstein; no Centro Universitário São Camilo eu sou professora contratada para o curso de especialização em enfermagem obstétrica e neonatal. De 1978 até hoje, auxilio meu marido, que é gineco-obstetra, na assistência ao parto normal, nas cesáreas e nas cirurgias ginecológicas. Nos hospitais em que trabalhei, era função da obstetriz admitir a parturiente, ou recusar. Hoje em dia, em todos os hospitais, mesmo nos que a enfermeira faz o parto normal, quem admite ou recusa é o médico; antes era a obstetriz que fazia. Então, a gente admitia a parturiente, fazia a evolução do parto, assistia ao parto, auxiliava nos primeiros cuidados ao RN, cuidava da puérpera no puerpério imediato e transferia para a maternidade. Eu exercia todas essas funções e todas as colegas que iam trabalhar num hospital privado faziam isso tudo. Então, como eu já disse, atualmente, a maioria destas atribuições citadas são conferidas ao médico. Em alguns hospitais a enfermeira obstetra evolui o primeiro período e faz o parto. Na grande maioria, ela supervisiona e administra a maternidade. Ela não cuida nem da parturiente e cuida, às vezes, da puérpera. A alta taxa de cesáreas mostra que as enfermeiras precisam assistir aos partos normais. Em relação ao regime de trabalho, o regime de trabalho na época era doze 12 x 36 sem folga. A gente fazia quinze plantões mensais. A minha relação com os médicos sempre foi cordial, com espírito de equipe, sem competitividade, os papéis muito bem definidos e com respeito mútuo. Então, a gente geralmente começava o plantão assim: pegava o plantão, as colegas obstetrizes, por exemplo, na Maternidade São Paulo, e os obstetras de plantão, geralmente o médico responsável e dois residentes. As obstetrizes de plantão eram no mínimo três, porque a média de partos lá era 100 por dia. Então, a gente era uma equipe muito grande. Nosso pré-parto tinha vinte leitos. Então, nós costumávamos passar visitas. O médico ia examinar e ele pedia pra gente: “começa examinando o leito um. O que você acha? Vê a história. Possibilidade de parto normal? Sim. Então, ótimo, essa é sua”. Então, quando eu digo que era cordial, porque havia mesmo um relacionamento deste tipo. Ele falava para a obstetriz: “toca e vê se acha que vem. Se você achar que não vem, a gente põe na sala. Quantas horas de trabalho de parto?” Então, o nível de confiança da equipe era assim. E a gente ficava brincando, falava pro médico: hoje só você vai trabalhar... quando tinha muita distócia. Ou então, eles falavam pra as obstetrizes: “hoje só vocês vão trabalhar e a nós vamos assistir televisão”. Então, o trabalho era desta forma. O obstetra só era chamado se fosse preciso. Então, tinha uma confiança mútua na equipe. Eu sabia que se eu precisasse dele ele viria, e ele sabia, também, que se houvesse uma mudança de quadro, uma arritmia fetal ou uma distócia, eu iria chamá-lo no momento exato, sem esperar o feto ficar agônico. Então, ele confiava nisso. Era uma relação de confiança muito gostosa e todo mundo trabalhava muito e muito bem. Lógico que às vezes havia algumas brigas por indicação de cesárea, mas era muito raro. Eu acho que as obstetrizes viveram a época de ouro da profissão, atuavam como deviam e a oferta de emprego era farta. Hoje é diferente. Os tempos são outros, a competitividade é muito grande. São Paulo forma 2.000 médicos por ano, e 30% desses 2.000 escolhem fazer Gineco e Obstetrícia. Então, será que sobra parto normal para a enfermeira obstetra fazer? Então, eu tenho a impressão que a diferença do relacionamento, atualmente, entre obstetra e enfermeira obstetra, nada mais é do que econômica. Ele tem que tentar massacrar a enfermeira obstétrica que, geralmente, é mulher e mais fraca,

> pra poder sobreviver economicamente. Então, provavelmente, a briga não é nem de espaço, é de ganha pão mesmo. A sociedade prefere o parto médico, os convênios hospitalares exigem que o parto seja assistido pelo médico, os donos de hospitais preferem admitir o médico para cesárea e parto normal, porque ele é um profissional que vale por dois. Agora, em relação à assistência, à qualidade, já significa outra coisa. [Zuleika]

Do Orgulho à Resignação

Como síntese dos temas **"A Formação Profissional"** e **"A Trajetória Profissional"** vale reafirmar que o conteúdo dos depoimentos foi analisado, considerando a escolha da profissão, a profissionalização, a inserção e a permanência no mundo do trabalho. Esses são elementos integram, modelam e definem a identidade profissional. São elementos dinâmicos, como a própria identidade (Ronzani, Ribeiro, 2003).

No período abarcado pela HO das participantes deste estudo, ou seja, da década de 1940 ao início dos anos 2000, as transformações ocorridas na condição social da mulher e nos costumes foram profundas e marcantes. As mulheres foram, progressivamente, conquistando direitos e ocupando espaços na vida privada e pública.

O contexto em que se deu a formação profissional das obstetrizes entrevistadas foi a Escola de Obstetrícia da FMUSP, com suas variadas denominações.

A análise documental da escola, bem como o relato das entrevistadas, mostra que as exigências para ingresso no curso foram sendo ampliadas, até que o curso tornou-se de nível superior. A maior escolaridade prévia exigida das candidatas, especialmente, a partir da década de 1960, tem correspondência com progressiva escolarização das mulheres; foi semelhante para outras profissões consideradas femininas, como a enfermagem e o magistério.

Ao se referirem à opção profissional, várias obstetrizes referem a influência de outras pessoas e destacam o caráter vocacional da escolha. Mesmo aquelas que não tinham tal convicção antes de ingressar no curso, valorizaram este aspecto, como forma de se manterem no curso e na profissão. Inicialmente, o apoio recebido da

família teve um impacto mais intenso que a expectativa de reconhecimento social externo.

O prestígio atribuído à escola apareceu muito vinculado ao seu corpo docente, ao HC e à FMUSP. O saber reproduzido no curso era hegemonicamente masculino e médico, realizado por professores influentes na obstetrícia da época, e a formação recebida ao longo do curso exerceu um peso muito importante no perfil das egressas.

As características do curso indicam rigidez pedagógica, rigor disciplinar, carga didática volumosa, valorização do ensino prático e dedicação docente. As obstetrizes reiteram, ao longo dos depoimentos, que a formação técnica recebida era extremamente apurada e que a supervisão feita pelas monitoras era constante e fundamental. As relações entre alunas, professores e profissionais dos campos de estágio refletem a hierarquia estabelecida nos serviços de saúde.

Um aspecto doutrinário bastante significativo dizia respeito aos valores morais e religiosos relativos à maternidade e à sexualidade. Nesse sentido, o combate às parteiras "curiosas" ou "leigas" e às práticas do aborto e da contracepção figuravam como componentes importantes na formação.

A identificação unânime das entrevistadas com o título recebido, ao final do curso, reforça a importância da profissionalização na constituição da identidade profissional. Embora, do ponto de vista legal, consoante a Lei do Exercício Profissional e o Conselho Regional de Enfermagem, as obstetrizes sejam consideradas enfermeiras, todas mostraram a preferência pela denominação de origem. Sem revelar constrangimento ou revolta, as falas apresentadas no tema **"A Formação Profissional"** traduzem um sentimento de resistência, perante a extinção do curso e da profissão.

O conteúdo que compõe o tema **"A Trajetória Profissional"** revela que o exercício das obstetrizes esteve direcionado para a assistência à mulher durante o parto. A diversidade na atuação ocorreu em postos de saúde e no ensino.

O principal local de atuação foram os hospitais e maternidades privados ou filantrópicos, embora a maioria tenha também atuado, de forma contínua ou pontual, em instituições de saúde da rede pública. Aí, o destaque foi o SOD, na década de 1960. Duas das três obstetrizes que participaram desse serviço, continuaram como servidoras públicas até a aposentadoria, conciliando o trabalho no posto de saúde com plantões hospitalares em instituições privadas.

O relato das entrevistadas quanto à empregabilidade imediata após a conclusão do curso, indicam que a demanda por obstetrizes na cidade de São Paulo era notável, até o início da década de 1970.

Durante seu período de funcionamento, a Escola de Obstetrícia cumpriu o papel de suprir uma parcela do mercado de trabalho com profissionais qualificadas. A análise das atas da escola e dos depoimentos das obstetrizes permite inferir que o projeto original de criação da escola estava "afinado" com o projeto mais amplo da elite médica e social. Foram os médicos da direção e do corpo docente da escola que criaram, em 1936, uma das principais maternidades privadas da cidade: a Pro Matre Paulista. Naquela época, São Paulo dispunha de leitos obstétricos apenas na Maternidade de São Paulo e, isoladamente, em alguns hospitais (Mott, 2002b).

Os partos domiciliares foram sendo transferidos para os hospitais. Com a ampliação de leitos obstétricos e a criação do SOD, as parteiras diplomadas, enfermeiras obstétricas e obstetrizes fora, paulatinamente, substituindo as parteiras leigas, que ficaram cada vez mais confinadas à periferia da cidade, atendendo mulheres pobres, que não tinham acesso aos hospitais.

Posteriormente, a partir da década de 1970, foram as obstetrizes e enfermeiras obstétricas que sofreram o mesmo processo de exclusão da assistência ao parto, sendo substituídas por médicos. Esse processo foi concomitante ao crescente uso de intervenções no parto e de cesarianas.

A partir dos anos de 1960, as mudanças ocorridas no sistema de saúde produziram impacto na produção de serviços de saúde. Com a implantação do Instituto Nacional de Previdência Social-INPS (posteriormente transformado em Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social-INAMPS), a cobertura hospitalar foi ampliada a todos os trabalhadores contribuintes e seus dependentes. Os recursos destinados à assistência obstétrica, mediante um novo sistema de remuneração por procedimentos médicos, transformaram-se num importante quinhão de ganhos para empresários da saúde e médicos obstetras, cada vez mais numerosos no concorrido mercado de trabalho.

O relato das entrevistadas revela que as mudanças ocorridas na trajetória profissional foram influenciadas por esse contexto mais amplo. As obstetrizes relatam a redução progressiva da autonomia na assistência ao parto. O espaço ocupado no controle do trabalho de parto e na realização do parto normal foi sendo

limitado, com mudanças significativas no tipo de clientela atendida e na demanda da população. A partir da década de 1980, a medicalização da assistência ao parto e a redução do número de obstetrizes e enfermeiras obstétricas tornaram-se ainda mais agudos.

Apesar da sólida formação técnica, o discurso das obstetrizes indica uma fragilidade política perante a hegemonia do poder médico. Embora alguns depoimentos revelem uma visão crítica diante da situação de submissão da categoria, predomina um discurso ingênuo e resignado ante o destino da profissão.

Podemos considerar que a vulnerabilidade das obstetrizes foi agravada pela dependência do saber médico e ausência de um projeto político para a categoria, com alianças mais equilibradas com as enfermeiras. Ao contrário, o que prevaleceu entre estes dois grupos profissionais foram disputas e ataques mútuos (Jorge, 1975; Osava, Riesco, Tsunechiro, 2006).

Apesar de desvantagens apontadas pelas obstetrizes, com a integração do curso à EEUSP, esta mudança foi, em última instância, a responsável pela preservação desse grupo profissional. Embora o título de obstetriz não tenha sido outorgado pela EEUSP após 1972, esta escola manteve o compromisso de formar enfermeiras obstétricas. Ainda mais importante, foi a incorporação pelas enfermeiras de um saber prático de domínio das obstetrizes. Como resultado, pode-se considerar que vem sendo construído um “saber próprio”, compartilhado por profissionais egressas das escolas de enfermagem e por obstetrizes formadas por “via direta”. A EEUSP, não apenas assumiu e cumpriu o compromisso de manter a formação na área específica, como vêm contribuindo para a produção de conhecimento na área.

Um aspecto muito importante na trajetória profissional que as obstetrizes descrevem, em seus depoimentos, refere-se ao sentimento de satisfação profissional. Mesmo quando se referem a condições de trabalho adversas – jornada, salário, perda da autonomia – expressam o reconhecimento recebido em diferentes momentos dessa trajetória. Esse reconhecimento vem, principalmente, das mulheres atendidas e de uma parcela dos médicos com quem atuaram.

Quando especulam sobre o futuro da profissão, misturam saudosismo e espírito crítico. Reconhecem avanços e recuos na profissão e no modelo de assistência ao parto.

Os discursos revelam um encantamento com a profissão, que sobrevive ao

sentimento de resignação pela “quase extinção” das obstetrizes, em São Paulo. É como se o sentimento de orgulho, latente em cada uma, reacendesse o brio que as acompanhou e acompanha, desde o dia em que decidiram que seriam parteiras, obstetrizes, enfermeiras obstétricas.

Esta é a mensagem que prevalece na análise dos depoimentos das entrevistadas. Que a voz destas mulheres valentes e doces, que ajudaram tantas outras mulheres a terem seus filhos paulistanos, ecoe entre as futuras colegas, as obstetrizes egressas da nova escola da USP, o atual Curso de Obstetrícia da EACH.

Fichas Catalográficas das Entrevistas

ENTREVISTA: Chiarina Barbastefano Gragnano

Entrevistadora: Edilene Lins de Moura

Local: residência da entrevistada – bairro da Aclimação, São Paulo

Data: 18/10/2000

Duração: 1h25min

Transcrição: Edilene Lins de Moura

Dados biográficos: Nasceu em 30 de junho de 1930, São Paulo. Ingressou no Curso de Enfermagem Obstétrica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1951, e formou-se *Parteira e Enfermeira Obstétrica*, em 1953. Como profissional, atuou no Hospital Brigadeiro, Hospital Modelo, Serviço Obstétrico Domiciliar (SOD), Pro Matre Paulista e em Posto de Saúde, onde se aposentou.

Sumário: Prestou exame para ingressar no curso de Medicina, mas não foi aprovada e resolveu cursar Obstetrícia. Fala das atividades como aluna e que os estágios ocorriam no Hospital das Clínicas, mas que para adquirir mais experiência, no último ano do curso, fez plantões noturnos no Hospital São Lucas, juntamente com estudantes de Medicina. Seu primeiro emprego como obstetriz foi no Hospital Brigadeiro, do INPS. Conta que o salário eram ruim e que as obstetrizes recebiam menos que as enfermeiras, que "ficavam atrás de uma mesa, dando as ordens", enquanto que as obstetrizes trabalhavam fazendo os partos, cuidando e controlando o trabalho de parto. Por isso, as obstetrizes fizeram um abaixo-assinado e foram falar com o diretor para reivindicar melhoria no salário. Como não foram atendidas, demitiram-se todas. Logo depois, começou a trabalhar na Pro Matre Paulista, onde permaneceu durante 25 anos. Trabalhou também no Hospital Modelo, onde atendeu a um grande número de partos. Descreve como era sua atuação e o regime de trabalho nessas instituições. Ingressou no serviço público para trabalhar no Serviço Obstétrico Domiciliar (SOD), em 1964. Com o fim do SOD, em 1969, foi para um Posto de Saúde, no bairro do Brás, onde trabalhou durante 30 anos, até a aposentadoria. Descreve, com detalhes, o atendimento feito pelo SOD, o trabalho realizado como obstetriz, as condições de vida e moradia da população atendida. Explica que nas complicações durante o parto, as mulheres eram removidas, de ambulância, para o Hospital Pérola Byington ou para o Hospital Leonor Mendes de Barros. Mostra que gostou de trabalhar no SOD e tece considerações sobre as mudanças ocorridas na assistência e na profissão.

ENTREVISTA: Maria Augusta de Freitas

Entrevistadora: Solange Eduardo Chabu Gomes

Local: local de trabalho da entrevistada – Pro Matre Paulista, São Paulo

Data: 05/11/2001

Duração: a confirmar

Transcrição: Solange Eduardo Chabu Gomes

Dados biográficos: Nasceu em 25 de junho de 1949, na Pro Matre Paulista, em São Paulo. Ingressou na Escola de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1968, e formou-se *Obstetriz*, em 1970. Antes de iniciar o curso trabalhou no Citybank, como arquivista principiante. Como obstetriz, atuou no Hospital Nove de Julho, Pro Matre Paulista e Hospital Santa Joana. À época da entrevista, ocupava o cargo de Gerente de Enfermagem da Pro Matre.

Sumário: Conta que ao terminar o científico, precisava trabalhar, porque o pai, que era dono de restaurante em São Paulo, havia falido. Por isso, foi trabalhar como arquivista principiante no Citybank. Depois de três meses de trabalho, uma amiga insistiu muito para que ela fizesse Obstetrícia. Diz que não conhecia o curso, que na época ainda não fazia parte do vestibular CESCEM. Mesmo assim, foi fazer a inscrição no Hospital das Clínicas e resolveu fazer o curso. Para sua família, o importante é que era na USP e não era pago. Comenta sobre as instalações físicas do curso, o ensino recebido e do movimento de sua turma para mudar o uniforme da escola (de "listradinho", com um avental, para um tubinho branco) e acabar com o uso da touca, que as alunas consideravam "ridícula". Sua vida profissional foi toda em instituições privadas. Trabalhou no Hospital Nove de Julho, Pro Matre Paulista e Hospital Santa Joana. Explica que quando houve associação entre a Pro Matre Paulista e o Hospital Santa Joana, foi designada como Gerente de Enfermagem da Pro Matre. Quando iniciou a carreira, as obstetrizes sempre atendiam as mulheres no parto, seja controlando o trabalho de parto, ou mesmo fazendo o parto, quando a paciente não tinha seu médico. Considera que o reconhecimento social da parteira ou obstetriz para atender o parto é maior que o da enfermeira. Tece considerações sobre as mudanças na assistência obstétrica, faz críticas ao crescente número de cesarianas e ao preconceito contra obstetrizes que atuam na rede privada. Considera que sua vivência e experiência gerencial seria uma importante contribuição na discussão das políticas para a área, mas que por "ranço" de alguns setores, entre eles, a Escola de Enfermagem da USP, resolveu afastar-se dos movimentos da categoria.

ENTREVISTA: Maria Lutfi

Entrevistadora: Sandra Ferreira Silva

Local: residência da entrevistada – Bairro de Vila Mariana, São Paulo

Data: 14/11/2000

Duração: a confirmar

Transcrição: Sandra Ferreira Silva

Dados biográficos: Nasceu de parto domiciliar em 24 de março de 1932, em Igarapava, São Paulo. É a terceira, dos sete filhos de Jorge Lutfi e Abbadia Zain Lutfi, casal sírio que emigrou para o Brasil em 1926. Mudou-se com os pais para a capital ainda criança, iniciando seus estudos no Colégio Antoninho da Rocha Marmo, seguindo o ginásio no Colégio Ateneu Brasil e o colegial no Colégio São José, na Rua da Glória, bairro da Liberdade. Ingressou no Curso de Enfermagem Obstétrica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1951, e formou-se *Parteira e Enfermeira Obstétrica*, em 1953. É viúva e tem uma filha de 22 anos. Atuou na Maternidade Condessa Filomena Matarazzo, Pronto Socorro Municipal de Guarulhos, Pronto Socorro Municipal de São Miguel Paulista e Hospital Arthur Ribeiro de Saboya, onde se aposentou. Entre 1960-1969, interrompeu parcialmente a carreira de Obstetriz para ajudar o pai nos negócios. Nesse período, trabalhou com médicos obstetras, em atividade autônoma. Faleceu em 2 de dezembro de 2004.

Sumário: Seu pai pretendia que ela cursasse Medicina e esta era também a sua vontade. Mesmo assim, matriculou-se no curso de Obstetrícia e concluiu os estudos. Porém, depois se arrependeu, embora a profissão fosse valorizada e respeitada, socialmente. Apresenta detalhes sobre o ensino na Escola de Obstetrícia, descrevendo as matérias, os professores, as exigências do curso, o uso de uniforme com touca e as colegas de turma. Logo que se formou, começou a trabalhar como obstetriz na Maternidade Condessa Filomena Matarazzo, onde permaneceu por seis anos, entre 1954 e 1960. Descreve sua rotina de trabalho e a forma de atender os partos nesse serviço, lamentando que a instituição não exista mais. Com o casamento de sua irmã mais velha, que era contadora, deixou esse trabalho e dedicou-se a ajudar o pai nos negócios, durante nove anos (1960-1969). Nesse período, trabalhou em parceria com alguns médicos e, inclusive, atendeu a todos os partos de suas irmãs. Retornou à profissão na função de administradora do Pronto Socorro Municipal de Guarulhos e trabalhou lá até 1973, quando se transferiu para o Pronto Socorro Municipal de São Miguel Paulista, depois de substituir uma colega obstetriz em licença gestação. Ao longo das décadas de 1980 e 1990, trabalhou no Hospital Arthur Ribeiro de Saboya (Hospital Jabaquara), da Prefeitura Municipal de São Paulo. Com as mudanças políticas na Prefeitura de São Paulo e a implantação do PAS (Programa de Assistência à Saúde) do governo Paulo Maluf, optou pela não adesão ao PAS e foi transferida, há quatro anos, para uma creche municipal, onde ainda trabalha. Faz menção a uma rivalidade entre obstetrizes e enfermeiras, no início de sua carreira. Atribui a atual carência de profissionais à formação muito longa de enfermeiras obstétricas nas escolas de enfermagem e à falta das escolas de obstetrícia, que qualificavam melhor as profissionais. No início da entrevista, mostra o álbum de formatura e tece comentários sobre os professores e colegas que aparecem nas fotos. Aposentou-se, vindo a falecer em 2 de dezembro de 2004. Parte das informações foi complementada por sua irmã, Mariza Zain Lutfi.

ENTREVISTA: Maria Nakashima

Entrevistadora: Gislene Marçon Bastos

Local: local de trabalho da entrevistada – Casa do Parto de Sapopemba, São Paulo

Data: 23/10/2001

Duração: 40min

Transcrição: Gislene Marçon Bastos

Dados biográficos: Nasceu em 16 de junho de 1948, em São Paulo. Ingressou na Escola de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1969, e formou-se *Obstetriz* pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, em 1971. Atuou no Hospital São Luís, Hospital Nove de Julho, Hospital São Paulo, Hospital Santa Marcelina, de Itaquera, Amparo Maternal, Casa do Parto de Sapopemba e Hospital Santa Marcelina, do Itaim Paulista.

Sumário: Interessou-se pela profissão porque tinha uma prima obstetriz. Iniciou o curso na Faculdade de Medicina, mas o curso foi transferido para a Escola de Enfermagem, no início de 1971. Por isso, formou-se pela Escola de Enfermagem da USP. Cita o nome das disciplinas do curso e de algumas professoras. Informa que a parte prática foi realizada no Hospital Leonor Mendes de Barros. Trabalhou como obstetriz no Hospital São Luís, Hospital Nove de Julho, Hospital São Paulo, Hospital Santa Marcelina, de Itaquera, Amparo Maternal, Casa do Parto de Sapopemba e Hospital Santa Marcelina, do Itaim Paulista. Atuou em atividade assistencial, realizando admissão, controle do trabalho de parto e parto, no puerpério e no berçário. Atuou também em atividades administrativas. Faz considerações sobre as modificações na assistência ao parto e a necessidade de atualização. Considera positivas as atuais mudanças nas práticas: presença do acompanhante no parto, redução do uso de episiotomia, incentivo ao parto natural. Comenta o intercâmbio de experiências com colegas do Japão e da Inglaterra que estiveram no Brasil. Observa que a falta de investimento na Enfermagem Obstétrica e o aumento do número de médicos explicam a perda de espaço profissional. Considera que a atuação no Amparo Maternal e na Casa do Parto "abre o caminho" para as futuras profissionais e traz benefícios para as mulheres, com a melhoria da assistência. Apresenta alguns dados e experiências vividas na Caso do Parto.

ENTREVISTA: Mieko Terada [Nakamura]

Entrevistadora: Flora Maria Barbosa

Local: local de trabalho da entrevistada – Amparo Maternal, São Paulo

Data: 05/10/2001

Duração: a confirmar

Transcrição: Flora Maria Barbosa

Dados biográficos: Nasceu em 1 de julho de 1950, em Santa Cruz do Rio Pardo, São Paulo. Ingressou na Escola de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1970, e formou-se *Obstetriz* pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, em 1972. Teve dois filhos. Atuou no Hospital Zona Sul, Maternidade do Brás, Hospital São João Batista, Hospital Paulistano e, atualmente, atua no Amparo Maternal. Interrompeu as atividades profissionais durante três anos, quando teve seus filhos. Trabalhou com equipes de médicos como obstetriz autônoma, auxiliar e instrumentadora.

Sumário: Optou pela profissão depois de conhecer o Amparo Maternal. Iniciou o curso na Faculdade de Medicina, mas o curso foi transferido para a Escola de Enfermagem, no início de 1971. Por isso, formou-se pela Escola de Enfermagem da USP. Apresenta informações sobre disciplinas, professoras e uniforme do curso e fala da discriminação sofrida pelas alunas do Curso de Obstetrícia na Escola de Enfermagem da USP. Imediatamente após a formatura, foi admitida como obstetriz no Hospital Zona Sul. Trabalhou por breves períodos de tempo na Maternidade do Brás e Hospital São João Batista, desenvolvendo atividades de assistência na admissão, pré-parto, parto e puerpério. Parou de trabalhar durante três anos, quando teve seus filhos. Durante quatro anos, atuou no Hospital Paulistano, inclusive na área de supervisão. Trabalhou, durante quinze anos, com equipes de médicos gineco-obstetras, urologistas e ortopedistas. Atuava no acompanhamento do trabalho de parto e em cirurgias, como auxiliar e instrumentadora. Depois, foi admitida no Amparo Maternal, onde continua atuando na assistência ao parto. Considera que o mercado de trabalho não diferencia as obstetrizes das enfermeiras obstétricas, que têm iguais oportunidades de atuação. Contrapõe o trabalho da obstetriz e do médico no parto, considerando as vantagens da atuação da obstetriz e o impulso que a profissão vem recebendo nos últimos tempos. Destaca sua satisfação em atuar na assistência ao parto.

ENTREVISTA: Paulina Borrelli [Kurcgant]

Entrevistadora: Camilla Alexsandra Schneck

Local: local de trabalho da entrevistada – Escola de Enfermagem da USP, São Paulo

Data: 2001

Duração: a confirmar

Transcrição: Camilla Alexsandra Schneck

Dados biográficos: Nasceu em 1942, em São Paulo. Seu pai era oriundo do Sul da Itália e sua mãe, filha de italianos da região do Vêneto. Terminou o curso científico, em 1961, e, nesse mesmo ano, fez cursinho preparatório para a prova de seleção do Curso de Obstetrícia. Ingressou na Escola de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em 1962, e formou-se *Obstetriz*, em 1964. Casou-se em 1968 e teve duas filhas. Iniciou a vida profissional na Pro Matre Paulista. Concomitantemente, trabalhou no Berçário do Hospital do IAPETEC (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes de Cargas) (atual Hospital Ipiranga). Em seguida, prestou concurso na Prefeitura de São Paulo e ingressou no Hospital Municipal Vergueiro, onde atuou até 1968. Nesse período, fez o Curso de Pós-Graduação em Administração de Unidades de Enfermagem na Escola de Enfermagem da USP (EEUSP), pois havia sido designada como responsável pela Enfermagem Obstétrica do Hospital Vergueiro e, também, para organizar a nova área de Maternidade do Hospital. Demitiu-se, juntamente com outras colegas, em protesto pelas condições de trabalho do local. Em 1969 e 1970, atuou como monitora e docente de Administração na Escola de Obstetrícia da FMUSP. Com a incorporação da Escola de Obstetrícia à EEUSP, no início de 1971, foi transferida para o corpo docente da EEUSP, atuando na disciplina de Administração. Na EEUSP, fez Mestrado, Doutorado, Livre-Docência. Tornou-se Professora Titular e foi Diretora e Vice-Diretora da EEUSP.

Sumário: Explica como foi sua opção pelo Curso de Obstetrícia e o apoio recebido da família para que fosse *Levatrice* (parteira). Diz que essa escolha profissional, feita aos 14 anos de idade, foi muito valorizada e motivo de orgulho na família. Descreve como foi o Curso, que funcionava do décimo andar do Hospital das Clínicas. Apresenta detalhes sobre o currículo, os professores e monitoras, as atividades desenvolvidas, como aluna, o uniforme usado, as colegas de turma. Descreve detalhadamente sua trajetória profissional e as mudanças ocorridas na formação e atuação da Obstetriz. Faz uma análise crítica da formação recebida como Obstetriz, destacando a excelência técnica, porém absolutamente esvaziada de conteúdos ético-políticos. Aborda as relações entre médicos e obstetrizes e a submissão destas ao poder médico. Relata as transformações que ocorreram com a integração da Escola de Obstetrícia à Escola de Enfermagem.

ENTREVISTA: Raquel Franchini

Entrevistadora: Flávia Ribeiro Manhoso

Local: local de trabalho da entrevistada – Hospital Maternidade Interlagos, São Paulo

Data: 11/10/2000

Duração: a confirmar

Transcrição: Flávia Ribeiro Manhoso

Dados biográficos: Nasceu em 13 de setembro de 1949, em São Paulo. Ingressou na Escola de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e formou-se *Obstetriz*, em 1969. Trabalhou na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Hospital São Caetano, Hospital Santa Catarina e trabalha, atualmente, no Hospital Maternidade Interlagos. Atuou como assistente do seu marido, médico.

Sumário: Pretendia estudar Odontologia, mas fez Obstetrícia, por influência do noivo, que era médico residente de Ginecologia e Obstetrícia. Explica como foi o curso e sua entrada no mercado de trabalho. Atuou como obstetriz na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Hospital São Caetano, Hospital Santa Catarina e atualmente trabalha no Hospital Maternidade Interlagos, onde a equipe de obstetrizes e enfermeiras obstétricas atende todos os partos normais. Atuou como assistente do seu marido, que é médico. Posiciona-se contrária ao parto domiciliar e considera que um dos problemas da profissão é a falta de entrosamento com os médicos e a hostilidade das enfermeiras e obstetrizes para com eles.

ENTREVISTA: Seiko Magario [de Sousa Castro]

Entrevistadora: Soraya El Halim Reis

Local: residência da entrevistada

Data: 17/10/2000

Duração: a confirmar

Transcrição: Soraya El Halim Reis

Dados biográficos: Nasceu em 24 de julho de 1920, na cidade de Registro, litoral de São Paulo. Ingressou na Escola de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e formou-se *Parteira e Enfermeira Obstétrica*, em 1941. Atuou como Obstetriz no Hospital Santa Cruz, Pro Matre Paulista, Hospital Santa Helena e Serviço Obstétrico Domiciliar (SOD).

Sumário: Antes de iniciar o curso de Obstetrícia trabalhou no consultório do médico Ivan Maia de Vasconcelos, que era um dos professores da Escola e foi quem a incentivou a procurar o curso. Fornece informações sobre o curso e enfatiza a obrigatoriedade do uso da touca. Comenta que na época em que se formou, as mulheres não queriam ser atendidas por médicos, então procuravam a parteira. Seu primeiro emprego como obstetriz foi no Hospital Santa Cruz, onde trabalhou por apenas um ano, porque o hospital foi fechado devido à Guerra Mundial. Atuou também na Pro Matre Paulista, Hospital Santa Helena e Serviço Obstétrico Domiciliar (SOD). Descreve como eram as atividades nesses serviços. Diz que após a extinção do SOD, as obstetrizes foram remanejadas para os postos de saúde, onde faziam pré-natal e orientações de puericultura.

ENTREVISTA: Yara Rodrigues

Entrevistadora: Cleusa Maia de Souza Pinto

Local: residência da entrevistada – Bairro de Pinheiros, São Paulo

Data: 17/10/2000

Duração: a confirmar

Transcrição: Cleusa Maia de Souza Pinto

Dados biográficos: Nasceu em São Paulo, em 2 de junho de 1934. A família de origem é de classe média; seu pai, artista plástico, é espanhol e sua mãe é italiana. Moradora do bairro do Brás, depois de concluir o ginásio, foi fazer o Curso Normal, na Escola Padre Anchieta, mas não gostou da opção. Tentou estudar inglês e francês, mas desistiu, e resolveu ingressar na Escola de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1957, formando-se *Parteira e Enfermeira Obstétrica*, em 1959. Atuou como Obstetriz na Pro Matre Paulista, Hospital Leão XIII, Hospital Cruz Azul, Hospital Nove de Julho e Serviço Obstétrico Domiciliar (SOD).

Sumário: Descreve com detalhes como foi o curso de Obstetrícia, as instalações físicas da Escola, que funcionava no Hospital das Clínicas, o currículo, as experiências práticas, o grupo de alunas, formado em sua maioria por japonesas ou descendentes, e o uniforme usado. Fala da disciplina imposta, da forte conduta antiaborto preconizada pelos professores e monitoras e da discriminação em relação às parteiras que aplicavam técnicas anticoncepcionais. Conta que algumas parteiras naquela época tinham o próprio consultório, com placa na porta, e também atendiam partos em domicílio. Na sua visão, enfermeiras e obstetrizes eram mulheres mais liberadas e conhecedoras da vida que as demais mulheres, principalmente as obstetrizes, que lidavam com aspectos da sexualidade das pessoas. Depois de formada, trabalhou a maior parte do tempo na Pro Matre, mas cita também outros locais onde trabalhou: Hospital Leão XIII, Hospital Cruz Azul, Hospital Nove de Julho e Serviço Obstétrico Domiciliar (SOD). Faz restrições ao parto domiciliar. Demonstra uma visão muita crítica das transformações observadas na assistência obstétrica, dos aspectos financeiros e comerciais do trabalho do médico no parto, do papel profissional da obstetriz, que foi formada para prestar assistência ao parto e se transformou em auxiliar de luxo ou "babá de médico". Exemplifica essa fala com várias situações vividas ao longo de sua trajetória na Pro Matre, retratada como uma instituição altamente elitizada. Fala dos procedimentos usados no parto, como os tipos de anestesia e a introdução do método psicoprofilático na Pro Matre. Considera que havia rivalidade na relação com as enfermeiras, mas que entre as obstetrizes, e destas com as parteiras leigas, a relação era respeitosa. Considera as dificuldades de exercer a profissão de obstetriz, pelo trabalho em turnos, a jornada de trabalho exaustiva e a pouca compensação salarial. Ainda assim, diz gostar muito da profissão e da alegria de trabalhar nessa área.

ENTREVISTA: Zuleika de Oliveira Lima [Kaup]

Entrevistadora: Nilce Xavier de Souza Machado

Local: São Paulo

Data: 26/09/2001

Duração: a confirmar

Transcrição: Nilce Xavier de Souza Machado

Dados biográficos: Nasceu em 21 de junho de 1947, de parto normal assistido por parteira, na Maternidade de São Paulo, em São Paulo. Concluiu o primário no Colégio Estadual Albino César, São Paulo, em 1964, e o Colegial Clássico no Instituto de Educação Albino César, São Paulo, em 1967. Prestou as provas de Biologia, Matemática, Química, Português e Provas Psicológicas, para ingresso na Escola de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1968, e formou-se *Obstetriz* pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, em 1970. Concluiu o Mestrado em Enfermagem Obstétrica e Neonatal na Escola de Enfermagem da USP, em 2000. Trabalhou na Santa Casa de Santos, Hospital Nove de Julho, Maternidade de São Paulo, Hospital Carlos Chagas, em Guarulhos. É professora na Faculdade de Enfermagem do Hospital Israelita Albert Einstein e no Centro Universitário São Camilo. Auxilia o marido, médico gineco-obstetra, na assistência a partos normais, cesarianas e cirurgias ginecológicas.

Sumário: Antes de optar pelo Curso de Obstetrícia, viveu uma experiência marcante, ao assistir o nascimento do quarto filho de sua irmã mais velha. Inicialmente, pensava em estudar História, ou outro curso na área de Humanas, mas apaixonou-se definitivamente pela área quando, no último ano do colegial, assistiu a apresentação de um grupo de alunas da Escola de Obstetrícia, durante um encontro de orientação vocacional. Conta que houve muita resistência na família, especialmente da avó paterna, que não aceitava que uma moça solteira se dedicasse a atender partos. Refere que naquela época, havia preconceito moral contra mulheres que trabalhavam em hospitais. Acha que atualmente existe pouca confiança na capacidade profissional das enfermeiras obstétricas, principalmente por parte dos médicos. Descreve detalhes sobre o Curso de Obstetrícia e o uniforme usado e disponibiliza seu Histórico Escolar. Conta que sua turma fez um “levante” e conseguiu abolir o uso da touca e mudar o uniforme que parecia de “copeira” e depreciava a aparência das alunas. Fala da facilidade para “arrumar” emprego. Trabalhou na Santa Casa de Santos, Hospital Nove de Julho, Maternidade de São Paulo e Hospital Carlos Chagas, em Guarulhos. No início, tinha dois empregos concomitantes, porque precisava ganhar dinheiro. É professora na Faculdade de Enfermagem do Hospital Israelita Albert Einstein e no

Centro Universitário São Camilo. Como obstetriz, atuou na admissão, controle do trabalho de parto, realização do parto e cuidados com o recém-nascido e a puérpera. Desde 1978, auxilia o marido, médico gineco-obstetra, na assistência a partos normais, cesarianas e cirurgias ginecológicas. Faz considerações sobre o papel da obstetriz e da enfermeira e o regime de trabalho em hospitais. Embora nunca tenha assistido partos domiciliares, diz que até a década de 1960, era muito comum que os partos em casa fossem assistidos por "parteiras formadas". Conta que chegou a denunciar ao COREN (Conselho Regional de Enfermagem) um grupo de parteiras leigas que trabalhavam na Santa Casa de Guarulhos e que hoje se arrepende de ter feito a denúncia. Refere que sempre teve boa relação profissional com os médicos, desenvolvendo o trabalho com "espírito de equipe". Faz considerações sobre a competitividade entre médicos, obstetrizes e enfermeiras obstétricas pelo mercado de trabalho, as opções das mulheres quanto ao tipo de parto e as vantagens dos convênios médicos com a contratação do profissional médico. Opina sobre os caminhos da profissão no futuro.

CAPÍTULO 5

PERSPECTIVAS

É momento de não desperdiçarmos as lições da História.
(Osava, Riesco, Tsunechiro, 2006)

Conforme abordado na Introdução, as pesquisas sobre a formação e atuação de parteiras, obstetrizes e enfermeiras obstétricas, no Brasil, vêm se ampliando, tanto em quantidade como em variedade. Até meados dos anos de 1990, a produção era esparsa e despertava pouco interesse na área da Enfermagem. Porém, na última década, essas publicações sobre a temática vêm se multiplicando, incluindo as contribuições inestimáveis da área da História.

O projeto **Lembranças do Nascimento: as parteiras e o atendimento ao parto na cidade de São Paulo (1930-1980)** e a **Biblioteca Virtual** (BV), derivada do referido projeto, podem representar uma importante contribuição para desenvolver e aprofundar o conhecimento histórico sobre os modelos, práticas e agentes na assistência ao parto e nascimento. Além do acervo que estará disponível na BV, a EEUSP mantém, sob custódia, um vasto material procedente da antiga Escola de Obstetrícia da USP.

A documentação – relativa às alunas matriculadas e diplomadas e às parteiras que revalidaram seus diplomas – inclui os livros de exames de habilitação, registro de notas, pagamentos de monitores e professores, atas, regulamentos e dossiês de alunas. A análise dessa documentação permite levantar informações sobre o ensino, perfil social das alunas, aspiração profissional, como também sobre as redes de relações e inúmeros outros temas sobre a vida social no período[13].

Ao lado da memória das obstetrizes e enfermeiras obstétricas, registrada em depoimentos, a história desta categoria profissional aguarda que outras fontes sejam produzidas e analisadas. O momento presente é especialmente fecundo para a realização de estudos sobre a temática, considerando que neste ano forma-se a nova geração de obstetrizes do Curso de Obstetrícia da USP. Estas profissionais, juntamente com as enfermeiras obstétricas, são as sucessoras legítimas das antigas obstetrizes. Nesse sentido, conhecer as origens e a própria história é importante para estimular o sentimento de pertencer a este grupo.

Finalizando, deixo aqui meu tributo às mulheres que, como as parteiras, obstretrizes e enfermeiras obstétricas, sofrem os reveses da vida.

---

[13] Mott et al. Gênero, espaço público e memória: a formação para o mercado de trabalho em saúde em São Paulo (1890-1920) São Paulo; 2008. [mimeo]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carvalho AC. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo: resumo histórico (1942-1980). São Paulo: [s.n.]; 1980.

Cassab LA. História oral: miúdas considerações para a pesquisa em serviço social. Serviço Social em Revista [periódico na Internet]. 2003 jan/jun. [citado 2008 Jan 21]; 5(2): Disponível em: http://www.ssrevista.uel.br

Escola Livre de Farmácia de São Paulo. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). [homepage na Internet]. Rio de Janeiro. [citado 2007 Jun 15]. Disponível em: http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br

Ferreira MM. História, tempo presente e história oral. Topoi. 2002; (5):314-32.

Góis Jr E, Lovisolo HR. A educação física e concepções higienistas sobre raça: uma reinterpretação histórica da educação física brasileira dos anos de 1930. Rev Port Cien Desp. 2005; 5(3):322-8.

Gualda DMR. Perfil, competência e compromisso social da enfermeira obstétrica. In: Anais do 3º Seminário Estadual sobre o Ensino de Enfermagem para a Assistência ao Nascimento e Parto; 2001 mar. 9-10; São Paulo, BR. São Paulo: Escola de Enfermagem da USP; 2001. p.70-7.

Jorge DR. Evolução da legislação federal do ensino e do exercício profissional da obstetriz (parteira) no Brasil [tese livre-docência] Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1975.

Meihry JCSB. Manual de história oral. 5ª ed. São Paulo: Loyola; 2005.

Mott ML. Parto, parteiras e parturientes: Mme Durocher e sua época [tese]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo da USP; 1998.

Mott ML. Fiscalização e formação das parteiras em São Paulo (1880-1920). Rev Esc Enferm. USP 2001; 35(1):46-53.

Mott ML. As parteiras e a assistência ao parto em São Paulo nas primeiras décadas do século XX. Rev Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. 2002a; 163(415):67-84.

Mott ML. Assistência ao parto: do domicílio ao hospital. Proj História. 2002b; 25:197-219.

Mott ML. Atendimento ao parto em São Paulo: o serviço obstétrico domiciliar. In: Schmitt S, Costa CL (org.). Poéticas e políticas feministas. Florianópolis: Mulheres; 2004. p.113-23.

Mott ML. Parteiras, o outro lado da profissão. Rev Gênero 2005; 6(1):117-40.

Osava RH, Riesco MLG, Tsunechiro MA. Parteiras-enfermeiras e enfermeiras-parteiras: a interface de profissões afins, porém distintas. Rev bras enferm. 2006; 59(5):699-702.

Riesco MLG. Que parteira é essa? [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 1999.

Riesco MLG, Tsunechiro MA. Formação profissional de obstetrizes e enfermeiras obstétricas: velhos problemas ou novas possibilidades? Rev estud fem. 2002; 10(2):449-59.

Ronzani TM, Ribeiro MS. Identidade e formação profissional dos médicos. Rev bras educ med. 2003; 27(3):229-36.

Tsunechiro MA. A formação da enfermeira obstétrica no Estado de São Paulo [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 1987.

Tsunechiro MA, Mott ML. Cursos para formação de parteiras em São Paulo: 1912-1971. In: Anais do 2° Encontro Internacional de Pesquisa em Enfermagem: Trajetória Espaço-Temporal da Pesquisa; 2002 out. 28-31; Águas de Lindóia, BR. . São Paulo: Escola de Enfermagem da USP; 2002. [CD-Rom]

VonSimson ORM. Roteiro didático: Laboratório de História Oral (LAHO). [homepage na Internet]. Campinas. [citado 2007 Ago 15]. Disponível em: http://www.centrodememoria.unicamp.br/laho/roteiro/html

Windholz MH. Resgatando a memória dos patronos: vida e obra de Raul Carlos Briquet. Bol Acad Paul Psicol. 2004; 24(1):9-14.